
IGREJA DE
NOSSO SENHOR
JESUS CRISTO
O PROPÓSITO
DE DEUS
NO SOFRIMENTO
DOS JUSTOS .
Escola Bíblica
Jovens e Adultos
MESTRE

Sumário

PREFÁCIO 3
PARA REFLETIR 4
ESTUDO 1 - UM HOMEM CHAMADO JÓ 4
PARA REFLETIR 18
A APARENTE FELICIDADE DE JÓ 18
PARA REFLETIR 31
AS CALAMIDADES DE JÔ 31
PARA REFLETIR 47
ADORANDO A DEUS NA PROVAÇÃO 47
PARA REFLETIR 60
O LUGAR DO DIABO NA PROVAÇÃO DE JÓ 60
PARA REFLETIR 74
AINDA RETÉNS A TUA INTEGRIDADE? 74
PARA REFLETIR 90
JÓ AMALDIÇOA O DIA DO NASCIMENTO 90
PARA REFLETIR 104
ELIFAZ E A TEOLOGIA DO RELACIONAMENTO MERCANTIL COM DEUS 104
PARA REFLETIR 121
BILDADE E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE 121
PARA REFLETIR 144
ZOFAR E O PERIGO DO DEÍSMO 144
PARA REFLETIR 157
ELIÚ E A TEOLOGIA DO SOFRIMENTO 157
PARA REFLETIR 170
A RESTAURAÇÃO DE JÓ 170
BIBLIOGRAFIA 187

PREFÁCIO

O mestre na Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, Bispo Josias Brito dos Santos, Bacharel em Teologia, esmerou-se por apresentar, um trabalho bem elaborado, para ocorre-se a apreciação e o crescimento espiritual das igrejas.

Agora companheiros e companheiras, alunos e alunas da nossa Escola Dominical, vamos crescer no conhecimento! E juntos faremos da nossa grande Igreja, uma potência mundial.

PARA REFLETIR

O primeiro estado de Jó, embora fosse expressão da bênção do Senhor na vida do patriarca, não era um quadro de perfeição e a posterior provação de Jó demonstrá-lo-ia. Como ensinou Jesus, "a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui". (**Lc. 12:15b**).

Meditação Diária						
Domingo	*Segunda*	*Terça*	*Quarta*	*Quinta*	*Sexta*	*Sábado*
Jô 1:3	*Tiago 5:11*	*Apocalipse 21:3,4*	*Mateus 6:33*	*Colossences 3:1,3*	*1corintios 15:19*	*Salmos 127:3*

LIÇÃO:1 UM HOMEM CHAMADO JÓ

Texto base: (jó1: 1-4)

1. Na terra de Uz morava um homem chamado Jó. Ele era bom e honesto, temia a Deus e procurava não fazer nada que fosse errado. **2.** Jó tinha sete filhos e três filhas**3.** e era dono de sete mil ovelhas, três mil camelos, mil bois e quinhentas jumentas. Tinha também um grande número de escravos. Enfim, Jó era o homem mais rico de todo o Oriente. **4.** Os filhos de Jó iam às casas uns dos outros e dava banquetes, cada um por sua vez. E as três irmãs eram sempre convidadas para esses comes-e-bebes

INTRODUÇÃO AO TRIMESTRE

Estudará, neste trimestre, sobre "o sofrimento dos justos e o seu propósito", estudo que, como já intuímos pelo próprio tema, será feito sobre o livro de Jó. O livro de Jó é um livro singular na Bíblia Sagrada, que se diferencia dos demais por suas peculiaridades. Em primeiro lugar, é um livro que, ao contrário dos demais, não apresenta qualquer indicação seja do lugar,

seja do período histórico em que ocorreram os fatos nele descritos.

O escritor contenta-se, apenas, em indicar que Jó era um homem que habitava na enigmática "terra de Uz", local que só é mencionado nas Escrituras neste livro e cuja localização é incerta e causa polêmica até hoje, tendo apenas sido indicado pelo autor da obra que tal terra localizava-se no Oriente **(Jó 1:3)**, o que, à evidência, é algo absolutamente insuficiente, já que, até o início da divulgação do Evangelho, todos os fatos bíblicos se desencadeiam no Oriente. Com relação ao tempo em que ocorreram os fatos, então, nem sequer uma menção genérica é dada pelo autor. Entretanto, como não há menção alguma seja ao povo de Israel, seja à lei de Moisés, temos de admitir que os fatos se dessem no período patriarcal, muito provavelmente antes mesmo da chamada de Abraão.

Em vista disto, temos que o livro de Jó é que apresenta os fatos mais antigos da história da humanidade depois dos onze primeiros capítulos do livro do Gênesis. Daí ter surgido uma tradição segundo a qual o autor do livro de Jó tenha sido Moisés, precisamente porque foi ele a quem Deus inspirou para registrar os fatos acontecidos nos primórdios da história da humanidade, havendo, mesmo, nesta tradição, a idéia de que o livro de Jó, inclusive, teria sido o primeiro livro escrito por Moisés, antes mesmo do Pentateuco, o que faria do livro de Jó o mais antigo livro da Bíblia Sagrada.

Mas não param aí as peculiaridades que distinguem o livro de Jó dos demais livros das Escrituras. O livro é incluído pelos estudiosos da Bíblia como um livro poético, porquanto, salvo a parte inicial do livro e sua conclusão, é formado de discussões de refinada elaboração artística e lingüística, em verso, no qual se apresentam temas filosófico-teológicos da maior profundidade, onde se tentará explicar, mais do que o problema do mal e do sofrimento, a própria soberania divina e o sentido do serviço a Deus, numa perspectiva que parte do mundo interior dos interlocutores, o que caracteriza o que, em teoria geral da literatura, denomina-se poesia.

Temos, portanto, um escrito que não é histórico nem narrativo, mas uma verdadeira análise filosófico-teológica sobre a questão do sofrimento do justo, em que se apresentam interpretações diferentes sobre o caráter de Deus, visões que, revestidas de religiosidade, encontram-se, até hoje, no meio do

povo de Deus, trazendo visões distorcidas a respeito de Deus e de Sua soberania.

Por isso até, há aqueles que, discordando da tradição já apresentada, entendem que o livro de Jó, embora fosse antigo e oralmente transmitido de geração a geração em Israel, tivesse sido reduzido a escrito apenas bem posteriormente, depois mesmo do cativeiro da Babilônia, já na época da chamada "segunda comunidade", ante o refino de sua elaboração.

Não bastasse isso, o livro de Jó contém uns sem número de afirmações e de revelações que têm causado espanto aos cientistas de todas as áreas, porquanto neste livro se encontram diversas assertivas que foram só nos últimos anos confirmadas pelos cientistas nas suas descobertas revolucionárias, notadamente no século que se passou. Há quem afirme, por isso, que Jó seja o "cientista de Deus", diante das suas revelações impressionantes, que tornam ainda mais intrigante o livro que iremos estudar neste trimestre.

O livro de Jó apresenta uma estrutura também singular. Inicia-se a narrativacom a apresentação do patriarca, desde seu caráter até seu patrimônio e família. Em seguida, é apresentado o próprio testemunho de Deus a respeito dele, feito ao adversário que, enigmaticamente, é visto prestando contas ao Senhor. Ante este testemunho, há um desafio feito pelo inimigo, aceito por Deus. Começa, então, a provação de Jó, que, sem causa, perde seu patrimônio e seus filhos, mas, mesmo assim, retém sua sinceridade.

Há novo colóquio entre o Senhor e o adversário, que resulta na permissão de retirada da saúde do patriarca, que, assim, é acometido de terrível enfermidade. Segue-se, então, a parte poética do livro, composto de discursos entre Jó e seus quatro "amigos", que vêm à presença do patriarca com o intuito de fazê-lo confessar seus pecados, pois, para eles, Deus somente castiga o pecador, jamais permitindo que o justo venha a sofrer numa indicação clara que a chamada "teologia da prosperidade", tão em voga nos nossos dias, tem sua origem desde os primórdios da história da humanidade.

Após o debate entre Jó e seus três "amigos", surge na discussão o jovem e também enigmático Eliú, ao qual Jó não responde cujo discurso procura demonstrar, sobretudo, a soberania de Deus.

Em seguida, ingressa-se na parte final da discussão, com o colóquio

entre Jó e Deus, onde o Senhor afirma a justiça de seu ato de provação a Deus e a sua soberania para fazê-lo.

No final, Jó é restaurado, enquanto orava pelos seus amigos, recebendo em dobro tudo quanto antes possuía e, ainda, vivendo mais 120 dias após sua restauração.

Em Jó, temos a certeza de que a integridade e a sinceridade no servir a Deus não dependem das circunstâncias que cercam o homem na sua vida terrena, bem como de que Deus está, sempre, no controle de todas as coisas, de forma que não podemos, de forma alguma, pelas aparências julgarmos a espiritualidade de alguém.

Antes, pelos resultados de seus atos é que poderemos tirar alguma conclusão a respeito. Que, neste trimestre, possamos compreender os sublimes propósitos de Deus ao permitir o sofrimento dos justos, bem como busquemos ter uma vida diante de Deus que possa fazer com que o Senhor nos dê diante do universo o mesmo testemunho que deu de Jó e que seja esta a nossa finalidade e o nosso objetivo no servir a Deus e não nos deixemos levar pela pregação da "teologia da prosperidade", cabalmente desmentida nestas páginas inspiradas do livro de Jó.

I. UM HOMEM CHAMADO JÓ

Jô é apresentado como um homem de grandes virtudes e qualidades espirituais, que sobrepujavam, e muito, a prosperidade material que possuía. Devemos observar este exemplo e tentar sermos vistos por Deus como alguém que seja "sincero, reto, temente a Deus e que se desviava do mal".

II. INTRODUÇÃO

O livro de Jó começa com a apresentação da principal personagem da narrativa, antes uma verdadeira discussão a respeito do sofrimento do justo e dos propósitos divinos para isto. Logo de início, o texto sagrado demonstra que o que é importante e relevante ao ser humano é alcançar um testemunho de Deus a respeito de sua integridade e sinceridade. Qual o testemunho que Deus tem dado de nós?

III. QUEM ERA JÓ

Em primeiro lugar, devemos observar que Jó é uma figura real, pois assim nos afirmam as Escrituras, ao apontar que “havia um homem na terra de Uz cujo nome era Jó” (Jó 1:1).

Lamentavelmente, muitos supostos estudiosos das Escrituras e entendidos da Bíblia Sagrada têm procurado fazer crer que Jó seria uma figura mitológica, sem existência real, apenas uma lenda criada para justificação do sofrimento dos justos.

Repudiamos este entendimento, porque o mesmo contraria o que diz a Bíblia Sagrada, que é a Palavra de Deus. O fato de não haver evidências arqueológicas a respeito do patriarca Jó ou de não se ter sequer localizado, com precisão, a "terra de Uz", é irrelevante para crermos na existência real desta personagem.

Cremos porque a Bíblia afirma que "havia um homem na terra de Uz cujo nome era Jó" e é o que basta para afirmarmos que Jó realmente existiu. Não bastasse isso, duas outras passagens bíblicas referem-se a Jó como uma pessoa real (**Ez.14:20** e**Tg.5:11**).

Após apresentar o nome de Jó, as Escrituras concentram-se no seu caráter, na sua textura espiritual, realçando, de forma evidente, que é esta a prioridade, a razão de ser do homem. O homem foi feito para ser a imagem e semelhança de Deus, ou seja, o propósito maior de Deus para com o homem é que este tenha uma estatura espiritual, tenha uma vida de comunhão com seu Criador, propósito este que, rompido pelo pecado de nossos pais no Éden, é o alvo principal do plano de redenção da humanidade, como podemos verificar em **Ap.21:3,4**.

Por isso o servo de Deus deve ter, como prioridade em sua vida, a busca desta estatura espiritual, devendo, sobretudo, buscar o reino de Deus e a sua justiça (**Mt.6:33**), as coisas que são "de cima"(**Cl.3:1-3**). Eis o motivo pelo qual devemos rechaçar e repudiar todo e Qualquer evangelho que priorize o material seja a que título for, pois, se esperarmos em Cristo somente para esta vida ou para os bens materiais, será os mais miseráveis de todos os homens (**I Co.15:19**).

Diz o texto, em primeiro lugar, que Jó era um homem sincero, ou seja, um homem autêntico, verdadeiro, "sem cera", ou seja, que era, efetivamente, o que aparentava ser. A expressão “sincera” provém do latim e quer dizer "sem cera", evocando o vaso que não apresentava qualquer trinco ou rachadura, pois era comum que os oleiros, para esconder falhas dos vasos, colocassem cera para que as rachaduras e defeitos não fossem vistos pelos consumidores.

De igual forma, é imperioso que o servo de Deus seja sincero, ou seja, que não busque esconder dos semelhantes os seus erros, os seus defeitos, as suas imperfeições. A partir do momento que buscamos ter uma vida de "faz-de-conta", de hipocrisia, de mentira, de aparência, selamos a nossa perdição e somos sérios candidatos ao lago de fogo e de enxofre, à morte eterna. A Bíblia é bem clara ao dizer que ficarão de fora da vida eterna todos os que amam e cometem a mentira (**Ap.22:15**).

A comunhão com Deus exige a sinceridade. O apóstolo Paulo afirmou que a comunhão com Cristo exige a sinceridade (**I Co. 5:8**;**II Co.1:12,17**). A sinceridade em Jó era algo presente em qualquer circunstância, tanto que, no calor da prova, o inimigo, usando de sua própria mulher, pôde exclamar: "ainda reténs a sua sinceridade?" (**Jó 2:9**).

Era este o principal valor que Jó possuía e o que primeiro o Senhor procura em cada um de nós. Não sendo a mulher de Jó, mas procurando fazer o(a) querido(a) irmão(ã) meditar: "Ainda reténs a sua sinceridade ? "

OBS: "Nosso culto deve ser sincero; nossas orações devem ser corretas (...) devem obter harmonia entre o ser humano e o seu Criador. Do mesmo modo nossos atos de bondade devem ser verdadeiros e feitos em sinceridade; devem ser consistentes em nossas obrigações legais e devem ter a intenção de semear a paz entre o homem e seu semelhante..." (Irving M. BUNIM. A ética do Sinai, p.64).

Prosseguindo a descrição do patriarca, o texto sagrado diz-nos que Jó era um homem reto. A sinceridade falava do relacionamento íntimo entre o patriarca e Deus, a sua pureza de propósitos, a sua observância interna e real do que aparentava ser. A retidão, por sua vez, fala-nos do relacionamento de Jó com os seus semelhantes, na sociedade. Jó era um homem reto, ou seja, um homem justo, um homem direito, um homem que reconhecida o seu lugar na sociedade e que não procurava prejudicar a quem quer que seja.

O grande jurista romano Ulpiano disse certa feita, que os princípios do direito, que é a ciência que cuida da retidão e da justiça, são três, a saber: "a ninguém lesar, viver honestamente e dar a cada um que é seu" (Institutas de Justiniano 1,1,3). Em outras palavras, ser reto, ser justo. Ser reto é ser direito, ou seja, é não ser torto.

O homem tem de ser reto, até porque Deus o fez reto (**Ec. 7:29**), e a retidão impõe uma constância de atitudes, uma previsibilidade de comportamento, algo que, nosso nossos dias, é cada vez mais raro. Com grande facilidade vemos pessoas que, ontem, dizia "sim", agora dizerem "não", só porque se alteraram as circunstâncias à sua volta. No entanto, o servo de Deus deve ser reto, deve ter uma posição definida, sabendo o que é certo e o que é errado. Devemos ser retos, porque Deus é reto (**Dt. 32:4**;**Sl.25:8**).

Durante todo o desenvolvimento do livro, Jó demonstrará sua retidão, reconhecendo que tudo o que Deus lhe havia dado, poder-lhe- ia ser tirado (**Jó 1:21**,**2:10**). A terceira característica de Jó é a de que ele era temente a Deus. Ser temente a Deus não é ter medo de Deus, mas, muito pelo contrário, ter respeito a Deus, comportar-se de modo que se reconheça que Deus é o Senhor e que nós somos apenas seus servos.

Ser temente a Deus é reconhecer que Deus deve guiar nossos passos e que nós devemos obedecer-lhe, simplesmente porque ele é o Senhor. Aqui repousa, aliás, a própria moralidade do servo do Senhor.

Fazemos ou deixamos de fazer algo não porque tenhamos medo de Deus, mas porque reconhecemos que ele é o Senhor e que a ele cabe ordenar os homens sobre o que deve ser feito ou não.

Ser temente a Deus é ser dependente de Deus, é negar o convite feito pelo inimigo de sermos autossuficientes e de querermos ser "pequenos deuses", dizendo, para nós mesmos, o que é certo ou o que é errado, exatamente a mensagem satânica que está sendo disseminada no mundo, atualmente sob a roupagem do movimento nova era.

Jó era temente a Deus, reconhecia em Deus o senhorio sobre o universo e sobre a sua vida e, por isso, aborrecia o mal (**Pv.8:13**). A Bíblia diz que o temor do senhor é o princípio da ciência (**Pv.1:7**), é o princípio da sabedoria (**Sl.111:10**).

É no temor de Deus que Jó depositava a sua confiança (**Jó 4:6**), não

sendo diferente conosco nestes dias (**Pv.14:26**), pois, ao temermos a Deus, sabemos que ele é soberano e, portanto, como diz o cantor sacro, "reina antes da fundação do mundo", tendo, pois, o absoluto controle sobre todas as coisas, o que nos deixa tranqüilos quando à sua bênção sobre nós e o cumprimento de suas promessas a nosso respeito.

Só poderemos alcançar a pureza se tivermos o temor do Senhor, pois só ele é limpo (**Sl.19:9**). Não temer a Deus é ser ímpio e, portanto, sem qualquer parte com o Senhor e com a vida eterna (**Sl. 36:1**;**Rm.3:12-18**).

OBS: "... O ser humano não pode sobrepujar a tentação somente com o amor. Ele também precisa sentir pelo Eterno uma mistura de temor e reverência. O 'amor' podee motivar as ações positivas de serviços, mas só o 'temor' pode refrear o ser humano de violar as proibições." (Irving M. BUNIM. A ética do sinai, p.28).

A quarta, mas nem por isso menos importante característica de Jó, era a de que ele era um homem que "se desviava do mal". Além de ser sincero, reto e temente a Deus, Jó era prudente e vigilante, desviando-se do mal.

Isto demonstra que Jó sempre avaliava as suas atitudes e procurava estar sempre longe de situações que pudessem trazer-lhe o mal. A ausência desta característica é a causa de muitos fracassos espirituais.

Se é-verdade que o homem deve ser símplice como a pomba, sendo puro de propósitos e sem malícia, também não é menos verdadeira que deve ser prudente como a serpente, que sempre verifica o ambiente antes de nele se inserir (cf.**Mt.10:16**).

Embora não sejamos do mundo, nele estamos e, ali, como Jesus deixou bem registrado na passagem que estamos mencionando, não há ovelhas, mas, sim, lobos devoradores, que estão a serviço do adversário, cujo trabalho é matar, roubar e destruir. Não podemos ser ingênuos, mas devemos estar vigilantes, para impedir que os embaraços desta vida impeçam-nos de acabar a carreira e combater o bom combate (**Pv.22:3**;**27:12**;**Hb.12:1**).

Desviar-se do mal é ter esta atitude de prudência, de discernimento e não permitir que fatos que, muitas vezes, não são pecados em si mesmos, possam atrapalhar a nossa vida espiritual. Jó procurava desviar-se do mal e isto só lhe foi benéfico na sua existência.

Desviemo-nos do mal, deixemos de fazer coisas que não convenham a

um servo de Deus (**I Co.10:22,23**), coisas, repetimos, que não são pecados, mas que podem nos embaraçar e nos levar a pecar.

Há uma promessa de Jesus no sentido de pedir ao Pai para que nos livre do mal (**Jo.17:15**), mas devemos fazer a nossa parte, vigiando (**Mc.13:37**).

IV. A PROSPERIDADE DE JÓ

Depois de ter descrito o caráter espiritual do patriarca, o texto sagrado começa a descrever a prosperidade de Jó, numa clara demonstração de que o importante e prioritário é ter uma verdadeira vida de comunhão com Deus.

Tanto assim é que tudo o que foi descrito como sendo a prosperidade de Jó lhe foi retirado na sua provação, mas o seu caráter não pôde ser mudado, pois ele não se construíra em cima do que ele possuía, mas num relacionamento direto com o seu Criador.

Jesus disse que a vida de alguém não consiste na abundância do que possua (**Lc.12:15**), verdade que tem sido sistemática e exaustivamente obscurecida pelo nosso adversário, que tem preconizado uma civilização do ter e do materialismo, conseguindo, inclusive, através da mídia e do próprio sistema que implantou neste mundo, levar após si muitos que, um dia, foram genuínos servos do Senhor (cf.**II Pe.2:1-3**).

Que Deus nos guarde e nos impeça de sermos iludidos pela perspectiva materialista que domina o mundo. Inicia a descrição do texto pela família de Jó. Afirma que o patriarca tinha dez filhos: sete homens e três mulheres. Esta colocação da família de Jó se, de um lado, mostra a própria concepção antiga de que a família fazia parte do patrimônio do indivíduo, algo que nos soaria estranho nos dias atuais; de outro, mostra-nos que a principal dádiva que Deus pode dar ao homem é a família, que foi criada pelo próprio Senhor.

A descendência de alguém é a própria "herança e galardão do Senhor" **(Sl.127:3**), sendo, pois, o que de mais valioso pode alguém ter na face desta Terra. Há, mesmo, estudiosos das Escrituras que afirmam que um dos principais motivos que o adversário tem para odiar o ser humano é, precisamente, a capacidade que este tem, ao contrário do ex-querubim ungido, de procriar e ter descendentes.

A menção dos filhos de Jó, em primeiro plano, portanto, não é casual,

mas uma demonstração bíblica de que a família é o nosso maior bem. Temos cuidado deste tesouro que Deus tem nos confiado, ou temos sido negligentes no cuidado de nossa família?

Jó era não só um pai de muitos filhos, mas um pai cuidadoso que fazia questão de velar pela santidade e pela vida espiritual de seus filhos. Criava seus filhos com qualidade, preocupação que devemos ter. Por isso, mister se faz que os crentes façam um planejamento familiar, que sejam criteriosos na formação de sua família e na criação de seus filhos, pois é o mais rico tesouro que o Senhor pode nos confiar e sobre o qual teremos de prestar contas.

Vemos, portanto, que a prosperidade material de Jó, que tinha uma fortuna vasta, como nos informa o texto sagrado, era conseqüência de uma vida de comunhão com Deus.

Não que uma vida de comunhão com Deus vá trazer, necessariamente, a prosperidade material, pois se falarmos isto estará mentindo, pois há inúmeros exemplos de pessoas que eram virtuosas e verdadeiros instrumentos nas mãos de Deus mas que não possuíam qualquer patrimônio exuberante, tendo de viver às custas de seu trabalho, como é o caso, v.g., dos apóstolos.

Entretanto, Jó tinha plena consciência de que todo aquele bem-estar econômico era fruto de seu relacionamento com Deus, relacionamento este que era o mais importante e o que deveria sempre perdurar, sendo a prosperidade material uma conseqüência, bem-vinda, que não lhe era em absoluto, um estorvo, mas onde o patriarca não punha o seu coração.

Ela existia, mas não tinha por ele buscada, nem estava nela a sua esperança, tanto que, quando tudo se foi, e em um só dia, mesmo assim, Jó ainda pôde adorar ao seu Deus, porque seu relacionamento com Ele independia de tudo isto.

V. O TESTEMUNHO DE DEUS A RESPEITO DE JÓ

A Bíblia, após descrever o caráter de Jó e seu patrimônio, apresenta-nos um quadro singular e enigmático, segundo o qual o adversário comparece diante de Deus, juntamente com os demais "filhos de Deus", como que para prestar contas de suas andanças e vagueações ao redor da Terra.

O texto sagrado afirma-nos que isto ocorreu e é o que basta para

crermos e admitirmos que isto assim se desse, não devendo nos meter em coisas que não vimos e tentar explicar porque o adversário pôde entrar na presença de Deus, porque ele assim o fez (ou faz) (**Cl.2:18**).

O fato é que o adversário apresentou-se diante de Deus e o próprio Deus deu testemunho a respeito de Jó, dizendo ser ele sincero, reto, temente a Deus e que se desviava do mal (**Jó 1:8**).

O testemunho de Deus a respeito de Jó ressalta que "não havia ninguém semelhante a ele" na face da Terra. Isto mostra que o servo de Deus deve sempre se sobressair pelo seu caráter diferenciado no meio de um mundo pecaminoso. É neste sentido que Jesus afirmou que o cristão é luz do mundo e, como tal, não pode ser escondido debaixo do alqueire (**Mt.5:14,15**), bem como que Moisés explicou que o Senhor constituiu-nos por cabeça e não por cauda (**Dt.28:13**). O crente deve se sobressair não pelo seu dinheiro, não por sua posição, mas pela sua obediência ao Senhor.

O importante é que o homem seja distinguido não pelos homens, mas por Deus. Jesus conta-nos a história de alguém que queria ser louvado pelos semelhantes e que, por isso, não foi justificado por Deus (**Lc.18:9-14**). Devemos, portanto, evitar querermos aparecer diante dos homens, mas que possamos ser relevantes diante do Senhor.

VI. UM PAI DE FAMÍLIA EXEMPLAR

O cuidado de Jó para com seus filhos era, sobretudo, espiritual. Sendo um homem muito rico, Jó, naturalmente, cuidava das necessidades materiais de seus filhos e com grande opulência, a ponto de seus filhos terem, cada um, sua casa, terem servos a seu dispor e realizarem, costumeiramente, banquetes, vivendo, assim, regaladamente, como pessoas de grande poder aquisitivo que eram.

No entanto, Jó não se limitava a providenciar a manutenção material de seus filhos, mas buscava santificá-los ao término do turno dos banquetes. Assim, buscava manter seus filhos em padrões de santidade. Será que temos tido esta preocupação, de buscar a santificação de nossos filhos?

Uma ordem vinda dos céus afirma-nos que, quem é justo, faça justiça ainda e quem é santo, santifique-se ainda (**Ap.22:11b**). Observemos, ainda,

que a preocupação de Jó em santificar seus filhos não impedia que seus filhos desfrutassem dos bens que possuíam nem tampouco tivessem momentos de alegria e de diversão.

Santidade não se confunde com tristeza, santidade não se confunde com privação ou ausência de diversão ou de convívio social. Não podemos nos misturar com o mundo, devemos ser santos, separados do pecado, mas a separação do pecado não implica em separação da sociedade nem da convivência com as demais pessoas.

Os filhos de Jó, mais jovens e com outra disposição, não podiam, mesmo, ter os mesmos interesses e a mesma disposição do seu pai, mais velho e com outra estrutura psicológico-física. Por isso, seus filhos gostavam de festas e banquetes, o que não era mais o desejo e a disposição de seu pai, mas, cada um ao seu modo e cada um dentro de sua faixa etária, mantinham-se em santidade, sem que isto significasse opressão ou tirania por parte de Jó santificava os seus filhos, o que quer dizer que havia alguma espécie de culto a Deus para que isto se verificasse.

O texto nada nos diz a respeito, mas devemos inferir isto, até porque não sabemos, com detalhes, como se realizava a própria adoração de Jó a Deus, já que não se tratava de um israelita e não estávamos na época da lei. Isto também nos mostra que a forma de adoração a Deus, a denominada liturgia, é algo secundário e que deve ser observada, mas não a ponto de instituir um formalismo que mate o próprio propósito que é o de adorar e glorificar o nome do Senhor.

Algo que tem faltado nos lares dos crentes é o culto doméstico, o que tem sido um grande prejuízo para as famílias e, por extensão, para a Igreja, que, afinal de contas, nada mais é que a reunião das famílias. A extinção do culto doméstico é o principal trunfo que o adversário tem conquistado nos nossos dias.

Sem transformar o seu lar em um altar perante o Senhor, os crentes têm aberto uma enorme brecha para que o mundo ingresse em suas casas e, através delas, atinjam a igreja, retirando a espiritualidade e prejudicando, enormemente, seja a evangelização, seja o ensino da Palavra de Deus.

Que o exemplo de Jó sirva-nos de incentivo e estímulo para buscarmos a santificação de nossos lares e de nossos filhos, em especial. Além de Jó

santificar seus filhos, a Bíblia informa-nos que ele se levantava de madrugada e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles.

Jó era um homem de oração, um homem de intercessão, um homem de sacrifícios. Jó dava a prioridade às coisas celestiais, à sua relação com Deus, apesar de ser um homem que, com certeza, dada a sua riqueza, era ocupadíssimo, cheio de afazeres e de deveres, não só no cuidado de seu patrimônio, mas, até mesmo, na comunidade onde vivia, conforme inferimos do desenvolvimento do livro (v.g.,**Jó 29:8**).

Isto, porém, não o impedia de servir a Deus e de buscá-lo de madrugada. Quantos de nós temos orado de madrugada? Quantos de nós temos colocado nosso relacionamento com Deus em primeiro lugar? Jó não só santificava seus filhos, mas buscava a própria santificação, o perdão de suas falhas e, assim, tinha condições de interceder pelos seus filhos.

Diz o texto que Jó fazia isto "continuamente", ou seja, fazia parte da sua rotina, não era algo esporádico, algo transitório, algo que era contemporâneo a uma dificuldade, a uma prova, ou, então, fruta de um estímulo emocional, mas era algo que advinha do seu próprio caráter, do seu próprio viver.

Temos buscado, assim, a Deus?

Conclusão

Jó, como chefe de família, tinha o dever sacerdotal ou pastoral no que diz respeito a seus familiares. Como sacerdote, ofereceu sacrifícios expiatórios, num total de dez, para cada filho e filha. Não os ofereceu por causa de algum pecado conhecido, mas porque 'talvez' tinham pensado alguma coisa errada, na sua ignorância: seriam, portanto, os sacrifícios pelos pecados por ignorância (**Lv.4:13-21**) e demonstram o quanto Jó ansiava pela santificação da sua família.

QUESTIONÁRIO

1) Segundo o testemunho de Deus, quem era Jô.

R: Ele era bom e honesto, temia a Deus e procurava não fazer nada que fosse errado.

2) Segundo a Bíblia qual era a região que Jô vivia.

R: Na terra de Uz morava um homem chamado Jô.

3) Quem foi o agente usado para provar Jô

R: Segundo a Bíblia foi Satanás

PARA REFLETIR

O primeiro estado de Jó, embora fosse expressão da bênção do Senhor na vida do patriarca, não era um quadro de perfeição e a posterior provação de Jó demonstrá-lo-ia. Como ensinou Jesus, "a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui" (**Lc. 12:15b**).

Meditação Diária						
Domingo Jô 3:3b	*Segunda Genesis 2:16,17*	*Terça Gálatas* 6:7	*Quarta Romanos 8:28*	*Quinta Salmos 37:5*	*Sexta IICORINTIOS 5:7*	*Sábado Provérbios 29:25*

LIÇÃO:2 A APARENTE FELICIDADE DE JÓ

Texto base: (Jô3:1-5)

1. Finalmente Jó quebrou o silêncio e amaldiçoou o dia do seu nascimento. **2.** Jó disse: **3.** “Maldito o dia em que nasci! Maldita a noite em que disseram: ‘Já nasceu! É homem! ’**4.** Que aquele dia vire escuridão! Que Deus, lá do alto, não se importe com ele, e que nunca mais a luz o ilumine!**5.** Que a escuridão e as trevas o dominem; que as nuvens o cubram e apaguem a luz do sol!**6.** Que aquela noite fique sempre escura e que desapareça do calendário!

INTRODUÇÃO

A Bíblia apresenta o estado inicial de Jó, toda a sua prosperidade, mas, em momento algum, afirma que Jó estava voltado para tudo o que possuía, mas, sim, confiava e tinha esperança somente em Deus. O estado inicial de Jó, entretanto, não era um estado de perfeição nem um estado supremo, que não comportava melhora como Deus revelaria no transcorrer do livro, mas era um estado que exigia uma alteração, inclusive sob o ponto-de-vista espiritual.

É esta noção de que as coisas sempre podem melhorar e que devemos sempre almejar um estado espiritual mais elevado que devemos ter em nossas mentes e almas no nosso dia-a-dia com o Senhor.

I. A FELICIDADE QUE TRAZ TEMORES

A Bíblia informa-nos que Jó era o homem mais abastado de todo o Oriente (**Jó3:3b**), o que, para alguém que vivia no Oriente, praticamente queria dizer que Jó era o homem mais rico de todo o mundo. Todavia, esta riqueza não isentava Jó de suas preocupações, pois é natural do ser humano estar se ocupando previamente (pré- ocupação), em seus pensamentos, do que está para ocorrer à sua volta.

Preocupar-se faz parte da própria natureza humana, pois o homem é um ser dotado de livre-arbítrio, ou seja, capacidade para escolher entre uma e outra atitude, tomar esta ou aquela direção, o que implica num exercício de planejamento e de relação de custo e benefício. Assim, o poder de decisão decorre do próprio ato criador de Deus, que fez o homem com tal capacidade (**Gn.2:16,17**).

Não é, portanto, pecado exercer tal faculdade, mas sobre toda e qualquer decisão que tomar, o homem terá de prestar contas ante o seu Criador (cf.**Gl.6:7**).

Contudo, embora o homem possa planejar o seu dia-a-dia e, conseqüentemente, prever e prevenir os dissabores e as desvantagens que possam surgir, é fundamental que tenha sua confiança em Deus e que viva consciente de que "... todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados pelo Seu decreto..." (**Rm.8:28**).

A grande bênção que um ser humano pode alcançar é ter a convicção de que está sendo dirigido pelo Senhor e que o Senhor está no controle de todas as coisas. Quando isto ocorre e seguimos o conselho do salmista, entregando nosso caminho ao Senhor, confiando nele e ciente de que ele tudo fará (**Sl.37:5**), podemos viver em tranqüilidade, sem temer o que nos possa sobrevir.

Não se está aqui advogando a tese de que o homem nada deva fazer,

deva ser uma pessoa inerte, acomodada, esperando em Deus sem fazer a sua parte. Jesus ensina-nos, claramente, que o homem deve fazer aquilo que está ao seu alcance, aquilo que Deus o capacitou a fazer.

Por isso, quando ia ressuscitar Lázaro, mandou que tirassem a pedra que estava à frente do sepulcro onde haviam enterrado seu amigo (**Jo.11:39**), não porque precisasse que a pedra fosse tirada para ressuscitá-lo, mas para demonstrar que o que pudermos fazer, devemos fazê-lo.

Estas ações, entretanto, devem ser realizadas dentro de uma perspectiva de fé. Foi o que disse Jesus para Marta no episódio já mencionado: "não se hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?" (**Jo.11:40**).

Devemos agir, mas dentro de uma visão de fé, pois o cristão não anda por vista, mas por fé (cf. **II Co.5:7**).Jó, apesar de toda a sua opulência e confiança em Deus, tinha seus temores, tanto que admite, na quando indagado pelos seus amigos, "porque o que eu temia me veio, e o que receava me aconteceu "(**Jó 3:25**).

Verificamos, assim, que Jó tinha certos receios e temores que não foram oportunamente trazidos à presença do Senhor e que acabaram se concretizando. A aparente opulência de Jó, portanto, não era desacompanhada de temores e de receios.

Pelo contrário, Jó vivia em intranqüilidade, como confessa a seus amigos, intranqüilidade esta que não correspondia ao que Deus havia lhe preparado e fornecido. Um dos propósitos de Deus na provação de Jó foi retirar-lhe, exatamente, este sentimento de retenção diante de Deus, esta pequena autossuficiência que existia no coração do patriarca.

Ao temer e ter receio de algo que não fora compartilhado com o Senhor, Jó assumia o risco de tentar, por si só, dentro de suas próprias forças, resolver o problema, evitar a concretização de seu temor, o que não é apropriado nem adequado para um servo do Senhor.

Como vimos, o salmista é claro ao afirmar que devemos entregar "o caminho ao Senhor", não parte do caminho. Devemos dar a Deus toda a nossa vida, não parte dela, sem o que não nos livraremos dos receios, dos temores e dos pavores, que são sentimentos que não devemos ter diante do Senhor.

Como afirma o cantor sacro, somente "quando tudo perante o Senhor estiver e todo o teu ser Ele controlar. Só, então, hás de ver que o Senhor tem

poder, quando tudo deixares no altar” (refrão do hino 577 da Harpa Cristã).

Vemos, neste versículo das primeiras palavras de Jó aos seus amigos, que foram consolá-lo, que, além de ser um homem "temente a Deus", que é uma qualidade, Jó também era um homem que "tinha medo de Deus", o que não era uma virtude, mas um defeito que o senhor tinha de retirar da vida de Seu servo (e a provação serviu para fazê-lo).

Lamentavelmente, há muitos, na igreja, que procuram criar, no meio dos crentes, "medo de Deus", algo que não deve habitar os nossos corações. A Bíblia mostra que "o receio do homem armará laços, mas o que confia no senhor será posto em alto retiro" (**Pv.29:25**).

O medo é um sentimento que indica falta de fé, falta de confiança em Deus (cf.**Mt.14:30,31**). Se alguém tem medo, é porque não confia, porque não acredita e a Palavra é bem clara ao afirmar que "sem fé é impossível agradar a Deus"(**Hb.11:6a**).

Se alguém serve a Deus por medo, não serve a Deus, mas armará laços para a sua vida espiritual, laços nos quais acabará embaraçado e, fatalmente, perder-se-á. Devemos ter temor a Deus, mas temor como disse na lição anterior, é respeito, é reverência, é obediência, não medo.

O filósofo alemão Immanuel Kant afirma que quem obedece por medo de ser punido, não tem um nível moral digno de um ser humano. Se não pode ser considerado um ser moral aos olhos de homens, que dirá aos olhos de Deus?

O medo é uma característica normal nos homens sem Deus, principalmente entre os que detêm algum poder. Com efeito, já ensinava o filósofo político Maquiavel que, após ter lutado para conquistar o poder, o príncipe (que hoje podemos traduzir por político) logo se preocupa em conservá-lo e tudo faz para que os potenciais adversários e concorrentes sejam alijados de suas pretensões.

Após a conquista, vem o medo de perder o poder. Na Bíblia, temos o exemplo de Saul que, após ter perdido a direção e a presença do Espírito Santo, foi possuído pelo medo de perder o trono a Davi, pavor que o levou a uma cruel perseguição, que destruiu seu reinado e sua reputação, mas que foi em vão.

A história conta-nos a respeito do grande e temido líder comunista

soviético, Josef Stálin, que, após atingir o auge de seu poder na União Soviética, era incapaz de dormir duas noites no mesmo quarto, com medo de ser alvo de um assassinato. Não devemos ter medo, mas confiar no Senhor.

Quem confia no Senhor é como o monte de Sião, que não se abala (**Sl.125:1**).Jó tinha medo de perder seus bens, Jó tinha medo de perder seus filhos, Jó tinha medo de perder a saúde. Que adiantou o medo de Jó?

Tudo isto lhe sobreveio. Não podemos guardar para nós os nossos medos e pavores, mas, bem ao contrário, devemos lançar toda a nossa ansiedade diante de Deus, porque ele tem cuidado de nós. É natural que tenhamos receio, que perquiramos sobre os riscos que estamos a correr nas nossas atitudes, no nosso dia-a-dia.

Os dias que vivemos são maus, de iniqüidade que se multiplica a cada instante. O desemprego grassa, a competição aumenta, os nossos filhos têm um mundo mais e mais perverso, os ataques à família e à igreja são constantes e de maior intensidade. Se for natural e compreensível que tenhamos medo, que tenhamos receio, não podemos reter este medo e este receio, como fez Jó. Não!

Sigamos a lição que nos deixou o apóstolo Pedro, que disse para lançarmos toda a nossa ansiedade sobre o senhor, pois ele tem cuidado de nós (**I Pe.5:7**). Se retivermos conosco nossos medos e temores, sofreremos e acabaremos tropeçando nos laços por eles formados.

Se, entretanto, tudo entregarmos ao Senhor e esperarmos na Sua operação, terá condições de vencer. "Tu estás fraco e carregado de cuidados e temor? O Jesus, refúgio eterno, vai com fé teu mal expor!” (hino 200 da Harpa Cristã).

II. A APARENTE FELICIDADE DE JÓ EM SEU LAR

Na lição anterior mostrou o cuidado de Jó para com seus filhos, que o faz com que seja um pai exemplar, a ser seguido por todos nós, pois alguém que estava preocupado em que seus filhos tivessem, sobretudo, um porte espiritual similar ao seu.

Entretanto, se formos verificar vida familiar de Jó, veremos que nela havia algumas circunstâncias que precisavam ser melhoradas. Jó era um bom

pai de família, dava um exemplo de sinceridade, retidão, temor a Deus e desvio do mal, num testemunho que havia sido dado pelo próprio Deus e, quanto a isto, caminhava bem, pois o primeiro ponto que devemos ter, na vida familiar, é o nosso exemplo, tanto que o apóstolo Paulo manda os filhos obedecer aos pais "no Senhor" (**Ef.6:1**).

Não é por outro motivo que o adversário, na sua luta incansável para a destruição da família, tem procurado, em primeiro lugar, destruir o exemplo dos pais, retirarem-lhes qualquer autoridade (inclusive defendendo a própria supressão da figura dos pais, como se vê em estímulos a condutas de paternidade e maternidade irresponsáveis), pois, assim, todo e qualquer trabalham de construção de um lar na sã doutrina não terá qualquer sentido ou chance de ter algum êxito.

O primeiro problema que vemos na família de Jó é que seus filhos viviam em festas e banquetes. Não os vemos servindo a Deus nem trabalhando ou estudando, apenas em festas e banquetes e, numa seqüência interminável. O lazer é bom e não há pecado algum na diversão e no lazer (**Ec.2:24**), mas tudo deve ter o seu devido lugar na vida do ser humano.

A prioridade deve ser dada para as coisas espirituais, Deus deve ser o centro de nossas atenções e a razão de ser de nossas vidas. Jesus mandou-nos buscar o reino de Deus e a sua justiça, que o mais seria acrescentado (**Mt.6:33**).

Os filhos de Jó, diante da opulência obtida por seu pai, preferiam dar a prioridade às coisas efêmeras, aos prazeres, às festas, aos banquetes, tendo uma visão errônea da vida, pois tudo isto é passageiro e de curta duração. Eles próprios foram mortos num segundo enquanto se divertiam em uma destas festas (cf. **Jó 1:18,19**).

Salomão, testemunha insuspeita, pois sua corte alcançou glória destacada na história da humanidade, como reconhece o próprio Jesus (cf.**Mt.6:29**), é taxativo ao afirmar que todos estes prazeres nada mais são do que " vaidade e aflição de espírito"(**Ec.2:1-11**).

É importante que os pais saibam entender a jovialidade de seus filhos, sua vigor e sua disposição para participarem de atividades que dispendem energia em demasia, entendendo que devem ser atividades cultivadas por eles, jovens, mas jamais devemos deixar que nosso filho priorizasse o prazer e

confundam prazer com felicidade, confusão que tem sido uma das grandes armadilhas que o "deus deste século" tem feito as pessoas acreditar em nossa civilização.

Como afirmou, recentemente, o presidente do Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo, juiz José Renato Nalini, ao comentar o livro "O Ocidente e sua sombra", de Gilberto de Mello, "… a modernidade se caracteriza também pelo efêmero e pelo descartável. (o livro, observação nossa) Reflete sobre como a busca de resultados imediatos confunde o prazer com a felicidade…" (Veja, ano 35, nº 50, 18.12.2002, p.139).

A propósito, este mesmo comportamento temos sentido nas igrejas locais, cujos cronogramas têm se tornado uma seqüência interminável de festividades e mais festividades, que têm consumido muito dos recursos e das energias das igrejas, que não têm tido mais tempo para evangelizar, para discipular, para integrar e para aperfeiçoar os santos.

Festas e mais festas, banquetes e mais banquetes, enquanto que as prioridades da agência do reino de Deus têm sido deixadas de lado. As conseqüências são desastrosas: a igreja tem diminuído sua espiritualidade, tem se deixado influenciar pelo mundo e o número de almas salvas têm decrescido mês após mês, ano após ano.

Assim como a família de Jó não andava bem, apesar da opulência material aparente, também nossa denominação, que ainda é a maior do país, já não anda tão bem como aparenta.

Que tal voltarmos ao nosso primeiro amor?

O segundo ponto que devemos analisar na vida familiar de Jó era a de que ele estava solitário na sua vida de intimidade com Deus.

Embora fosse louvável que estivesse a interceder pelos seus filhos, que tivesse um momento de solidão perante o Todo-Poderoso, o fato é que, nesta sua adoração a Deus, Jó estava sempre só. Sua mulher, mesmo, quando apresentada no livro de Jó, usa de uma expressão que demonstra certo distanciamento dela em relação ao culto a Deus. Com efeito, perguntou ao seu marido: "ainda reténs a tua sinceridade?" (**Jó 2:9**), numa clara mostra que de que não compartilhava do mesmo sentimento, da mesma comunhão, pois a sinceridade era "dele" e não de ambos os cônjuges.

Precisamos lutar para que a família toda adore ao Senhor. Era esta a

grande fonte de autoridade de Josué diante do povo que já começava a se corromper. Josué pôde dizer ao povo que ele e a sua casa serviriam ao Senhor (**Js.24:15** "in fine").

É fundamental que a nossa casa seja um "lar", palavra de origem latina que significa "altar", "lugar de adoração". Temos de ter uma vida de adoração a Deus doméstica, temos de ter uma verdadeira igreja em nossa casa (cf.**Rm.16:5a**).

Infelizmente, o diálogo entre pais e filhos tem desaparecido, seja em razão de terem ambos os pais de trabalhar nos nossos dias tão difíceis, seja em virtude de que os poucos momentos em que os membros da casa estão juntos, é o tempo ocupado com a televisão.

O culto doméstico já não mais existe na esmagadora maioria dos lares evangélicos e o resultado é o isolamento que leva a uma intercessão, intercessão, entretanto, que não será suficiente para incutir nos membros da família uma mesma comunhão, um mesmo sentimento de adoração e de obediência à Palavra do Senhor. "Como, pois invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?" (**Rm.10:14**).

É mister que preguemos a Cristo a nossos filhos, que não sirvamos a Deus sozinhos em nossa família, pois isto é algo que não pode perdurar.

Aprendamos com a vida de Jó e melhoremos isto em nossa vida familiar. Nosso cônjuge deve, também, formar um cordão de três dobras conosco e com o Senhor (cf.**Ec.4:12**), pois só assim teremos uma resistência capaz de vencer o mal e preservar nossa família. "Andarão juntos se não estiverem de acordo? "(**Am.3:3**).

O casal deve ter um mesmo sentimento em sua vida conjugal, compartilhando sua adoração a Deus.

III. A APARENTE LEALDADE DOS AMIGOS DE JÓ

Outro ponto que devemos observar na vida de Jó era a quantidade de amigos que lhe cercavam nos dias de opulência e de prosperidade. Salomão, mais uma vez a pessoa mais indicada para dizê-lo, é claro ao afirmar que, para o rico, não faltam amigos (**Pv.14:20**;**19:4**).

No entanto, a amizade do ser humano é guiada pelo interesse. Nós, homens, amamos alguém pelo que ele tem de valor, pelo que tem de valioso para nós. É, por isso, que a célebre frase de Disraeli, segundo a qual "a Inglaterra não tem amigos, tem interesses" é válida não só para a política internacional, mas é uma máxima que serve de síntese de todos os relacionamentos humanos de amizade.

Enquanto na opulência, Jó tinha muitos amigos, era respeitado, admirado, procurado e exaltado (**Jó 29:7-25**). Ao perder seus bens, foi totalmente desprezado, nem mesmo seus servos o respeitavam mais (cf. **Jó 19:13-19**), sendo de todos esquecido.

Como diz o próprio Salomão, o pobre não tem amigos e é aborrecível a todos (**Pv.14:20**; **19:4,7**). A amizade feita com base nos valores e princípios humanos é assim mesmo, de forma que devemos, em nossos relacionamentos, saber distinguir os verdadeiros amigos daqueles que são apenas interesseiros.

Como afirmou Salomão, "em todo o tempo ama o amigo e, na angústia, nasce o irmão" (**Pv.17:17**). Ao firmarmos nossos relacionamentos, devemos ter prudência e observar qual o interesse que se encontra por detrás desta amizade, para que, com discernimento, não nos deixemos iludir pelos rasgados elogios, pelas adulações e pelas bajulações (**Jd.16**;**Pv.20:19**;**28:21**;**29:5**), que nada acrescentam ao verdadeiro servo do Senhor e que são perigosos enganos atrás dos quais podem caminhar nossos corações, que se enganam facilmente(**Pv.28:26**; **Jr.17:9**).

Se assim é na face da terra, devemos evitar ter amigos? Claro que não! Em primeiro lugar, devemos buscar, antes de ter amigos verdadeiros e sinceros, devemos ser amigos sinceros e verdadeiros. Devemos pautar nossas amizades no verdadeiro amor cristão, que é o amor divino, aquele amor que ama não porque tenha valor, ou seja, interessantes termos aquele amigo, mas porque o amamos simplesmente, como alguém que é, como nós, imagem e semelhança de Deus.

Devemos amar ao próximo como a nós mesmos (**Mt.22:39**), ou seja, nunca visando o nosso próprio interesse, mas o interesse do outro. Esta "alteridade" é que diferencia a real amizade da amizade humana e interesseira. Se formos amigos sinceros e verdadeiros, teremos amigos do mesmo naipe,

pois "com a medida com que tiverdes medido, medir-vos-ão a vós" (**Mt.7:2b**).

Devemos cultivar nossas amizades, buscando sempre nos aproximar e cultivar a aproximação de pessoas que queiram o nosso bem, que nos amem e não a que temos ou a posição que desfrutemos na sociedade ou nos grupos aos quais pertencemos.

Assim fazendo, teremos reais e sinceros amigos que, nos momentos de angústia, tornar-se-ão nossos irmãos, verdadeiros companheiros que nos servirão de consolo e de apoio nos momentos difíceis da vida.

Mas, sobretudo, saibamos que temos um amigo que estará sempre presente, um amigo mais chegado do que o irmão (**Pv.18:24**): Jesus Cristo. Com relação à amizade, muito se discute se podemos, ou não, ter amigos fora do meio evangélico.

A Bíblia afirma que estamos no mundo, embora do mundo não sejamos (**Jo.17:11,16**).

Como não é desejo do Senhor que sejam tirados do mundo (**Jo.17:15**) e sendo o homem um animal social (cf.**Gn.2:18**), é da natureza do servo de Deus fazer amizades, mesmo entre aqueles que não servem a Deus. Não há qualquer impedimento bíblico para que tenhamos amizades ou sejamos amigos de pessoas não crentes.

O que não podemos ter, com eles, é comunhão, pois não há comunhão entre a luz e as trevas (**II Co.6:14**). Exemplo elucidativo a este respeito dá-nos o patriarca Abraão que, mesmo sendo diferente, o único servo de Deus no meio de nações idólatras, nem por isso deixava de ter amigos entre eles, que são chamados de "confederados" (cf. **Gn. 14:13**), ou seja, tratava-se de uma amizade onde cada um tinha independência, onde cada um não estava comprometido em assuntos de fé e de adoração a Deus.

Assim, se pudermos ter uma amizade sem comprometer nossa vida com Deus, esta amizade é bem-vinda e pode ser um poderoso instrumento para a evangelização de nosso amigo não crente. Se, porém, a amizade proposta pelo não crente comprometer nossa vida espiritual, deve ela ser evitada, pois devemos amar a Deus sobre todas as coisas.

IV. A COMUNHÃO INCOMPLETA DE JÓ PARA COM DEUS

Os temores e pavores retidos por Jó, a sua vida isolada de adoração a Deus em família e seu encantamento com a posição social granjeada no seu bom testemunho diante de Deus acabaram fazendo com que o patriarca tivesse uma comunhão incompleta diante de Deus, que deveria ser melhorada e, para tanto, era mister que sofresse a provação que veio a sofrer.

Era necessário que Jó reconhecesse que tudo deveria estar nas mãos do Senhor, que todos os seus cuidados e preocupações fossem entregues ao senhorio do Todo-Poderoso, sem qualquer retenção. Jó não deveria se comportar como uma cisterna rota, como um açude ou uma represa, que tivesse a capacidade de represar água (cf.**Jr.2:13**), mas, sim, uma fonte de água viva que saltasse para a vida eterna, uma água corrente que não traria doenças ou incômodos, mas que saciasse a sede dos que o cercassem sem qualquer risco de contaminação (**Jo.4:14**;**7:38**).

Era necessário que Jó reconhecesse que toda a sua família deveria adorar a Deus, em conjunto, que não bastava apenas a intercessão, mas que todos deveriam colocar a Deus como prioridade em suas vidas, para que se dissipassem os temores e pavores em relação aos filhos.

Por fim, era necessário que Jó soubesse que as posições e honras humanas não podem se equiparar à glória que está reservada para nós, que a posição de fiel servo de Deus é a mais importante de todas e que não devemos trocar isto por coisa alguma deste mundo.

Vemos, assim, que a aparente felicidade de Jó, que a própria circunstância de Jó ter tido um testemunho diante de Deus não é suficiente para que afirmemos que Jó não deveria crescer espiritualmente. O crescimento espiritual é contínuo (**Os.6:3**) e não tem como cessar, pois seu alvo é atingirmos a condição de varão perfeito, a medida da estatura completa de Cristo (cf.**Ef.4:13**) o que, sabemos, é algo infinito e ilimitado, que nem mesmo a glorificação completará.

Por isso, jamais podemos nos achar suficientemente crescidos espiritualmente, nem sem condições de atingir níveis mais elevados de intimidade com Deus. Muito pelo contrário, devemos estar atentos e sensíveis às palavras que compõem a parte final da própria revelação de Deus aos homens, a Sua santa Palavra: "quem é justo, faça justiça, ainda e quem é santo, seja santificado ainda." (**Ap.22:11b**).

OBS: Neste particular, é importante aqui registrarmos uma observação pertinente do comentarista da Bíblia de Estudo Pentecostal, contra uma interpretação que se tem dado pelos chamados "teólogos modernistas" com respeito a esta situação espiritual de Jó. Ei-lo: "… Esta declaração da retidão de Jó é reafirmada pelo próprio Deus no versículo 8 e em 2.3, onde, claramente, se vê que Deus, pela sua graça, pode redimir os seres humanos caídos, e torná-los genuinamente bons, retos e vitoriosos sobre o pecado.

Esta declaração envergonha e expõe os erros do ensino evangélico modernista, o qual afirma que (a) nenhum crente em Cristo, mesmo com toda assistência do Espírito Santo, pode ter a mínima esperança de ser irrepreensível e reto nesta vida; (b) os crentes podem estar certos de que pecarão todos os dias, por palavras, pensamentos e obras, sem nenhuma esperança de vencer a carne nesta vida." **(BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, nota a** Jó1.1**, p.769)**

Conclusão

Jó não era perfeito, como vimos nesta lição, mas o fato de que podia melhorar não quer dizer que fosse um pecador ou que deixasse de ser irrepreensível. A irrepreensibilidade é algo possível nesta vida e que deve ser perseguido pela igreja do Senhor. Não fose assim, não teria sido exigida de Abrão, como vemos em **Gn. 17:1**.

QUESTIONÁRIO

1) Segundo a Bíblia qual era situação financeira de Jô?

R: A Bíblia informa-nos que Jó era o homem mais abastado de todo o Oriente.

2) Porque Deus permitiu que Jô fosse provado?

R: Era necessário que Jó reconhecesse que tudo deveria estar nas mãos do Senhor, que todos os seus cuidados e preocupações fossem entregues ao senhorio do Todo- Poderoso, sem qualquer retenção.

3) Segundo a Bíblia o que aconteceu com seus amigos quando Jô perde sua riquesa?

R: Ao perder seus bens, foi totalmente desprezado, nem mesmo seus servos o respeitavam mais sendo de todos esquecido. Como diz o próprio Salomão, o pobre não tem amigos e é aborrecível a todos.

PARA REFLETIR

A provação de Jó abrangeu todos os aspectos da vida de um ser humano. Não foi apenas a perda dos filhos, do seu patrimônio ou da saúde. Jó foi afetado em todos os prismas de um ser humano e sem saber o porquê de tudo isto. Será que suportamos provações menores do que esta?

Meditação Diária						
Domingo Lamentações 3:22a	*Segunda João 10:10*	*Terça ITimoteo 4:15,16*	*Quarta Salmos 1:2*	*Quinta Apocalipse 22:2*	*Sexta jô 1:3*	*Sábado Mateus 6:19*

LIÇÃO:3 AS CALAMIDADES DE JÔ

Texto base:(Jô 1:7-21)

6. Chegou o dia em que os servidores celestiais vieram apresentar-se diante de Deus, o SENHOR, e no meio deles veio também Satanás. **7.** O SENHOR perguntou: - De onde você vem vindo? Satanás respondeu: - Estive dando uma volta pela terra, passeando por aqui e por ali. **8.** Aí o SENHOR disse: — Você notou o meu servo Jó? No mundo inteiro não há ninguém tão bom e honesto como ele. Ele me teme e procura não fazer nada que seja errado. **9.** Satanás respondeu: - Será que não é por interesse próprio que Jó te teme**10.** Tu não deixas que nenhum mal aconteça a ele, à sua família e a tudo o que ele tem. Abençoas tudo o que Jó faz, e no país inteiro ele é o homem que tem mais cabeças de gado. **11.** Mas, se tirares tudo o que é dele, verás que ele te amaldiçoará sem nenhum respeito. **12.** O SENHOR disse a Satanás: — Pois bem. Faça o que quiser com tudo o que Jó tem, mas não faça nenhum mal a ele mesmo. Então Satanás saiu da presença do SENHOR. **13.** Um dia, enquanto os filhos e as filhas de Jó estavam num banquete na casa do irmão mais velho, **14.** Chegou à casa de Jó um dos seus empregados, que disse: — Nós estávamos arando a terra com os bois, e as jumentas estavam pastando

ali perto. **15.** De repente, os sabeus nos atacaram e levaram tudo. Eles mataram a espada os empregados, e só eu consegui escapar para trazer a notícia. **16.** Enquanto este ainda estava falando, veio outro empregado e disse: Raios caíram do céu e mataram todas as ovelhas e os pastores. Só eu consegui escapar para trazer a notícia. **17.** Enquanto este ainda estava falando, chegou um terceiro, que disse: Três bandos de caldeus nos atacaram e levaram os camelos. Eles mataram a espada os empregados, e só eu consegui escapar para trazer a notícia. **18.** Enquanto este ainda estava falando, chegou mais um, que disse a Jó: Os seus filhos e as suas filhas estavam no meio de um banquete na casa do seu filho mais velho. **19.** De repente, veio do deserto um vento muito forte que soprou contra a casa, e ela caiu em cima dos seus filhos. Todos eles morreram; só eu consegui escapar para trazer a notícia. **20.** Então Jó se levantou e, em sinal de tristeza, rasgou as suas roupas e rapou a cabeça. Depois se ajoelhou, encostou o rosto no chão e adorou a Deus. **21.** Aí disse assim: Nasci nu, sem nada, e sem nada vou morrer. O SENHOR deu o SENHOR tirou; louvado seja o seu nome.

INTRODUÇÃO

O livro de Jó relata um diálogo entre Deus e o adversário nas regiões celestiais, diálogo este que não era do conhecimento de Jó, que prosseguia com sua vida normalmente. Um dia, entretanto, de repetente e de forma abrupta, sem que houvesse uma causa, o patriarca vê desmoronar tudo o que havia amealhado durante toda uma existência de justiça e de retidão diante de Deus.

A sucessão impiedosa dos acontecimentos que levaram Jó à ruína é a demonstração de que tudo o que somos e tudo o que temos depende da indispensável proteção divina. Foi Deus permitir que o adversário atingisse Jó, que tudo, num só dia, foi destruído. Que tenhamos sempre em mente que nada do que somos ou do que temos depende de nós, mas é uma concessão da vontade de Deus.

Daí porque ter Jeremias se expressado em suas lamentações: “as misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos” (**Lm.3:22a**).

I. CALAMIDADES SOCIAIS

Deus dá testemunho de Jó ao adversário, quando este se apresenta, entre os filhos de Deus, perante o Senhor. Não esclarece o texto bíblico porque o diabo teve acesso ao trono de Deus, mas o fato é que isto ocorreu.

Diante do testemunho que Deus deu de Jó, o diabo colocou em dúvida a integridade e sinceridade de Jó na sua adoração ao senhor e Deus, que tinha um propósito de tornar Jó uma "mensagem para os adoradores de Deus", permitiu que ele fosse atingido e que estas calamidades lhe adviessem. (o papel do adversário nesta provação será estudada na lição 6).

Assim, devidamente autorizado pelo Senhor, o inimigo inicia a sua tarefa destruidora, que, afinal de contas, é sua especialidade no universo (cf.**Jo.10:10**). Observemos, em primeiro lugar, o momento escolhido pelo adversário para atacar.

Diz o texto sagrado que era o dia de festa na casa do filho mais velho, ou seja, estava-se no início do turno de dias dos costumeiros banquetes do patriarca. Ao fim deste turno é que Jó incumbia-se de fazer um sacrifício a Deus em favor de seus filhos.

Portanto, podemos entender que o dia escolhido pelo adversário era o do começo do turno dos dias, ou seja, o momento mais distante do instante de maior devoção do patriarca. É sempre assim, o inimigo procura atuar no momento em que estamos mais distanciados do Senhor.

É, por isso, que devemos ser sempre vigilantes e jamais deixarmos de estar em oração (cf. II**Ts.5:17**). Daí porque ser salutar a medida tomada pelas Assembléias de Deus de realizarmos, mensalmente, a ceia do Senhor, numa periodicidade que, além de ser uma figura do que ocorrerá na eternidade (cf.**Ap.22:2**), possibilita-nos uma constante comemoração da morte do senhor e uma contínua conscientização de Sua obra salvífica e de sua iminente vinda, a impedir, assim, que fiquemos muito distantes de instante tão solene, onde o adversário pode e tem prazer em agir.

No instante mais distante da adoração, o adversário, que, na sua mente, entendia que o patriarca servia a Deus unicamente pelos benefícios dele recebidos (como muitos crentes que servem a Deus, atualmente, por causa da prosperidade material...), tratou de, imediatamente, atacar Jó no seu

patrimônio, mediante o furto de seus bois e jumentos (**Jó 1:14,15**).

Os sabeus, povo descendente de Cão (**Gn. 10:7**), têm seu nome ligado à destruição e saque, que é a raiz da palavra hebraica "shebha". Era, pois, um povo que vivia do saque e da destruição e que angariava riquezas com esta prática ilícita.

Eram cruéis e sanguinários, tanto que, além de furtarem, mataram a todas as vítimas, não deixando coisa alguma a desejar em relação aos latrocidas dos nossos dias.

Logo percebemos que estas pessoas criminosas são grandes instrumentos do adversário e lhe servem a seus propósitos. Temos, neste episódio, a certeza de que é fundamental a proteção de Deus sobre o patrimônio do ser humano. Sendo Jó o homem mais rico do Oriente (cf. **Jó 1:3**), deveria ter sido o alvo dos sabeus há muitos e muitos anos, mas, somente após a autorização divina, é que puderam tomar o patrimônio do patriarca. Não queremos com isto dizer que o servo do Senhor não deve ser vigilante nem cuidar da segurança de seu patrimônio.

Claro que não! O servo de Deus deve ser vigilante, como já dissemos, não só no aspecto espiritual, mas também no aspecto material, mas deve ter a consciência de que "se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela "(**Sl.127:1**"in fine").

O aumento da criminalidade e, em especial, da criminalidade violenta contra o patrimônio é uma dura realidade dos nossos dias e resultado do aumento da iniqüidade e da falta de Deus neste tempo que é o princípio das dores vaticinado pelo senhor (**Mt.24:12**).

Por autorização divina e para que atinjamos os seus propósitos, o Senhor deixará de poupar alguns de nós desta violência e desta situação, e, tal como Jó, também sofreremos perdas patrimoniais em decorrência da maldade e da perversidade reinantes.

É duro e revoltante ser vítima de um delito contra o patrim6onio, ser roubado ou furtado, principalmente quando, em virtude do crime, perdermos entes queridos ou nossas próprias habilidades. Mas temos de olhar para Jó e verificar que, apesar de toda esta perda, ele não se revoltou não se indignou, não ficou clamando por vingança ou postulando a pena de morte para os delinqüentes, mas chegou à constatação de que tudo que lhe pertencia era de

Deus e Deus poderia, pois, legitimamente, permitir a sua retirada.

Não devemos prender nossos corações nas coisas que possuímos, ainda que angariadas com o suor do nosso rosto, pois "a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui" (**Lc.12:15b**), não sendo nosso propósito ajuntar tesouros na terra, "onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam eroubam"(**Mt.6:19**). A reação de Jó foi agradável a Deus, pois diz o texto que Jó não pecou ao assim reagir (**Jó 1:22**).

Será que temos nos mantido sem pecado quando somos, igualmente, vítima dos ladrões? As calamidades sociais estão atingindo os crentes dias após dias, e a Igreja, como luz do mundo e sal da terra, deve se esforçar para contribuir para que estas mazelas diminuam na sociedade.

Embora saibamos que os tempos são difíceis e que "os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados" (cf. **ITm.3:13**), é dever do povo de Deus colaborar para que medidas sejam tomadas para a repressão ao crime e para a recuperação dos criminosos, afinal só ela tem a mensagem que pode transformar os ladrões e criminosos em pessoas de bem, transformadas e servas do Senhor.

Só o Evangelho pode fazer com que "**aquele que furtava, não furte mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha que repartir com o que tiver necessidade**" (**Ef.4:28**).Só Jesus pode dizer a um latrocida "hoje estarás comigo no Paraíso"(**Lc.23:43b**). Só a Igreja pode levar às vítimas da violência o conforto e a consolação do Espírito Santo, pode fazê-las compreender que Deus tem seus propósitos e que devemos nos resignar como Jó. Será que temos agido assim?

Deus tem deixado a Igreja sofrer as agruras da violência para que tenha compaixão da sociedade que, sem Deus e sem salvação, está sendo ceifada e levada à perdição eterna por conta do consumismo e materialismo reinantes. Que, diante das calamidades sociais, possamos, como Jó, não pecar e adorar ao Senhor.

OBS: Nunca devemos deixar de reconhecer que todo o nosso patrimônio é do Senhor e que somos apenas seus mordomos (cf.**Sl.24:1**). Esta idéia está bem explícita no Talmude, onde, na chamada 'Ética dos Pais' (em hebraico, Pirke Avot) é dito: “Dá-Lhe o que já é dele, porque tanto você quanto tudo que você tem a ele pertencem. Também o rei Davi dizia: ' Porque tudo

recebemos de ti e de tua mão é o que te devolvemos. '(**I Cr.29:14**)".(Pirke Avot 3,8).

Como afirma Irving M. Bunim, no comentário deste texto: “Tudo que temos vem dele” (...) considere que:

1) A posse do dinheiro é transitória. Você pode perdê-lo num revés financeiro, ou devido a um roubo ou então num investimento mal feito. Poderia ter de gastá-lo em emergências imprevistas.

2) O dinheiro que você possui se deve inteiramente à obra e graça de Deus.

3) Ninguém pode viver exclusivamente de seu capital. Você deve ter uma entrada permanente, mas, se espera receber mais do Todo-Poderoso, deve administrar primeiro o que Ele lhe deu com justiça e generosidade. Deve mostrar-se como um curador prudente e digno de confiança do Todo-Poderoso. A caridade é um investimento sólido que certamente lhe dará juros sobre o capital.

4) finalmente, dado que Deus é o dono do indivíduo e do que ele possui, devemos, em última instância, prestar contas a Ele pela forma como lidamos com nossos assuntos, nossa parte em Sua propriedade..."(Irving M. BUNIM. A ética do Sinai, p.151-2) mas não foi esta a única calamidade social vivida por Jó.

As Escrituras também registram que a terceira má notícia recebida pelo patriarca, naquele dia, foi o roubo de seus camelos por parte dos caldeus (**Jó 1:17**), que, organizados em três bandos, também mataram a todos os servos, menos o que veio dar a triste notícia para Jó, levando, embora, seus camelos, que eram seus animais de transporte.

Aqui, embora tenhamos, em essência, a mesma violência mencionada quando dos sabeus, encontramos outro tipo de povo, os caldeus, que eram, na época em que vivia Jó, a "nata" da sociedade antiga, o povo mais desenvolvido, a potência mundial de então.

Vemos, então, aqui a violência exercida pelos grandes, a violência organizada, a violência tão cruel e danosa quanto a anteriormente mencionada, mas que está enrustida, travestida de civilidade e de dignidade. É a criminalidade do colarinho branco, para se utilizar de uma expressão do nosso tempo.

O texto bíblico diz que os caldeus, ao contrário dos sabeus, que são mencionados como tendo vindo e tomado as coisas, os caldeus vieram organizados (diz uma tradução "ordenados em três bandos", outras versões, "divididos em três bandos", mas sempre dando conta de uma organização) para o ataque.

Isto demonstra, claramente, que os caldeus eram criminosos de outra natureza, mais ardilosos, menos violentos em aparência, mas com igual potencial mortífero e mais perigoso. Tinham o poder e o conhecimento, mas o usavam para o mal.

Eles representam o crime organizado, o crime que está com seus tentáculos nas camadas superiores da sociedade, que vive da injustiça e da maldade e que serão os "mercadores" beneficiados pelo governo cruel do anticristo, a ponto de Lamentarem sua queda (cf.**Ap.18**).

Este tipo de crime também afligirá os servos do Senhor sempre que Deus tiver um propósito a favor do Seu povo. Contra este crime também deve a Igreja lutar, intercedendo sempre pelos governantes e se dispondo a ajudá-los, a fim de que cumpram com seus deveres de trazer a paz, a ordem e o bem-estar da população.

Somente a Igreja poderá trazer os sábios conselhos da Palavra aos governantes e fazer com que seus projetos e planos de interesse da população sejam implementados. “Caso contrário, somente o crime organizado dirigirá os passos destes homens, prender-lhes-á em sua rede intrincada de favores e interesses e o resultado será funesto para todo o país” que se façam deprecações, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda piedade e honestidade.

Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador “(**ITm.2:1b-3**). Como estamos agindo? Estamos ingressando em lutas político-partidárias sem necessidade? Estamos afrontando governantes desnecessariamente? Jó não quis fazer uma revolução nem questionar o porquê de ter sido espoliado por quem já tinha tanto, mas, pelo contrário, não pecou, adorando ao Senhor.

Que possamos agir como recomenda o cantor sacro: “quando vires outros com teu ouro e bens lembra que tesouro prometido tem”! “Nunca os

bens da terra poderão comprar a mansão celeste em que vais habitar.” (3ª estrofe do hino 564 da Harpa Cristã).

II. CALAMIDADES SOBRENATURAIS

Mal o patriarca recebera a notícia de que havia perdido parte significativa do seu gado por obra dos sabeus, o criminoso de seu tempo chega outro servo remanescente com a notícia de que o restante do gado havia sido consumido de forma sobrenatural, pois "fogo de Deus caiu do céu e queimou as ovelhas e os moços, e os consumiu" (**Jó 1:16**).

Estamos aqui diante de uma calamidade sobrenatural, ou seja, de uma calamidade que não tem explicações entre os fenômenos da natureza, que a física e, por extensão, a ciência e o conhecimento humano não podem explicar.

Parafraseando o grande dramaturgo inglês William Shakespeare, "há entre os céus e a terra, mais mistérios do que possa imaginar a nossa vã filosofia". A tendência do mundo hodierno, onde reinam a tecnologia e a ciência, é buscar menosprezar e até negar a sobre naturalidade, achando que tudo o que não puder ser explicado pela ciência, simplesmente não existe e não pode ter crédito.

Este comportamento tem demonstrado toda a sua insuficiência, até porque, se a ciência admite ter coisas ainda a descobrir e a explicar, é porque coisas há que não pode ser explicado por ela, o que torna o discurso científico absolutamente insuficiente para dar conta do que está à nossa volta.

Este tipo de discurso, que podemos denominar de cientificista, está, realmente, dando grandes sinais de esgotamento, a ponto de os próprios grandes nomes das ciências estarem, cada vez mais, admitindo um nível sobrenatural e místico a ordem universal, o que, inclusive, tem permitido que movimentos como a nova era e similares encontrem abrigo nos meios da elite científica e, através dela, nas camadas superiores da sociedade mundial, num fenômeno que é mais um prenúncio da iminente revelação do anticristo e do falso profeta, que aproveitará este clamor de religiosidade para levar o mundo à adoração do anticristo(cf.**Ap.13:12**).

Um fenômeno inexplicável, até mesmo para Jó (nós, quando lemos o

livro, sabemos que foi uma operação satânica permitida por Deus, mas o patriarca nada sabia, assim como, muitas vezes, não sabemos os desígnios divinos em nossas provações), fez com que do céu caísse um fogo que queimasse todas as ovelhas e os moços de que dela cuidassem fossem consumidos.

No desespero, o único sobrevivente identifica este fogo como sendo "fogo de Deus". É preciso termos cuidado com fenômenos sobrenaturais que aconteçam à nossa volta, pois o adversário é especialista em imitar o que Deus faz, como, aliás, dá-nos conta a Bíblia Sagrada (**II Co.11:14**).

A Bíblia não diz a reação de Jó quanto a esta qualificação feita pelo seu servo, mas temos a clara demonstração no texto sagrado de que o patriarca não pautava a sua vida espiritual com Deus através de sinais, maravilhas ou fenômenos extraordinários, mas sua vida espiritual repousava numa comunhão e num mútuo conhecimento muito mais profundo, de forma que o fato de alguém lhe dizer que fogo de Deus havia caído do céu não era capaz de abalar a sua fé em Deus, pois ele não servia a Deus por causa dos sinais e das maravilhas que o beneficiassem, mas porque tinha uma vida de sinceridade, retidão, temor e desvio do mal.

A vida do cristão deve seguir o mesmo exemplo da do patriarca. Nossa âncora firme, nossa base é a fé em Cristo Jesus, é a justificação pela fé, por meio da qual somos perdoados de nossos pecados e temos comunhão com o Senhor, passando a andar na luz e a obedecer a Deus, sendo seus amigos e não mais simples servos seus.

Assim agindo, seremos, sim, revestidos do poder de Deus e os sinais e maravilhas seguir-nos-ão como confirmação do agrado do senhor com a nossa vida de fé e obediência (**Mc.16:20**).

Note-se que os sinais seguem aos que crêem, pois somos mais bem-aventurados porque cremos antes de vermos (cf.**Jo.20:29**). O crente é alguém que anda por fé e não por vista (**II Co.5:7**).

Por causa disto, o crente fiel e verdadeiro não se deixa impressionar por fenômenos sobrenaturais, estranhos, que a razão não consegue explicar, pois, acima destes fenômenos, está firmado na fé no Senhor e na Sua verdade, que é a Sua Palavra (**Jo.17:17**), sua única fonte de santificação.

O servo de Jó, desesperado, sem visão espiritual, viu naquele fogo um

"fogo de Deus", mas jamais um "fogo de Deus" iria ter uma finalidade destrutiva, iria matar e destruir os bens de um servo fiel ou seus empregados, inocentes que eram diante de seu patrão. O fogo destruidor foi, sem dúvida, uma demonstração inequívoca de poder sobrenatural, de poder acima do poder humano, mas não era de Deus, pois, Deus não veio para matar, roubar e destruir.

Devemos discernir o propósito de certos fenômenos extraordinários, de certas "maravilhas" e, assim fazendo, não teremos como nos confundir nem como prejudicar a obra do senhor. Paulo bem identificou a procedência daquela suposta proclamação evangélica que poderia lhe "ajudar" na sua pregação em Filipos (**At. 16:17-19**), expulsando aquele demônio.

O objetivo daquela proclamação era o lucro dos senhores daquela jovem, algo totalmente estranho à finalidade do trabalho que o Espírito Santo havia entregado nas mãos do apóstolo. Por isso, devemos ter discernimento espiritual e nos deixarmos levar por qualquer "fogo de Deus que caia do céu", pois nem todo fogo provém de Deus. Assim fazendo, certamente não seremos enganados por dentes de ouro, quedas no Espírito, risadas santas, vômitos santos, dons de lagartixa etc. etc. etc., cujo propósito é apenas o de queimar as ovelhas bem como consumir os seus pastores, matar espiritualmente a todos.

III. CALAMIDADES METEOROLÓGICAS

Mal havia o servo remanescente contado a Jó a perda sobrenatural de suas ovelhas e dos empregados que dela cuidavam, chega o outro portador de más notícias, desta feita, avisando ao patriarca a perda dos seus camelos por parte dos caldeus, outro tipo de crime, já comentado acima. Após esta notícia, chega a mais dolorida de todas: "um grande vento sobreveio além do deserto e deu nos quatro cantos da casa, a qual caiu sobre os mancebos, e morreram" (**Jó 1:19**).

Agora, era um fenômeno meteorológico que ceifava a vida dos filhos de Jó. Embora tenha aumentado consideravelmente a sua condição de prever a ocorrência dos fenômenos meteorológicos, o homem não tem domínio sobre o tempo, a ponto de a atividade agrícola ter um tratamento legal diferenciado, no chamado "direito agrário", exatamente por causa deste fator imponderável do

tempo, que é chamado pelos juristas de "agrariedade".

Pois bem, esta dependência do homem do tempo deveria ser mais um fator para que o homem reconheça a sua real posição diante de Deus, mas, antes, acaba sendo mais um ponto em que o homem sem Deus revolta-se contra o seu criador.

Tragédias decorrentes de fenômenos meteorológicos ocorrem diariamente em todo o mundo e muitos se questionam e questionam a própria existência e o próprio caráter de Deus diante de tais circunstâncias. Entretanto, tudo tem um propósito diante de Deus, devendo-se, ademais, observar que boa parte dos males ocasionados pelos fenômenos meteorológicos não devem ser imputados ao senhor, mas, ao revés, à própria ganância do ser humano.

Assim, por exemplo, as enchentes que têm assolado enormes populações nas grandes cidades do mundo devem-se, essencialmente, à falta de planejamento no crescimento das cidades, que, sem qualquer previsão de impacto ambiental, geraram grande impermeabilização do solo, ao mesmo tempo em que não se constroem redes suficientes de escoamento das águas pluviais e se esquece que os rios não foram feitos para suportar tamanho volume de águas, antes absorvidos pela vegetação e pelas próprias zonas de várzea antes existentes. Isto sem falarmos no desmatamento, na poluição, na interrupção dos ciclos da natureza com a crescente industrialização, na produção de lixo não biodegradável etc.

Deus é um Deus de ordem e tudo estabeleceu na natureza e o homem, ao romper com esta ordenação, causa distorções das quais ele acaba sendo a própria vítima. Como disse o sábio Salomão: "Vede, isto tão somente achei: que Deus fez ao homem reto, mas eles buscaram muitas invenções." (**Ec.7:29**).

Nestas tragédias diárias, entretanto, Deus tem mostrado a sua presença e o seu poder soberano, pois também é diário o registro de verdadeiros milagres que o Senhor realiza poupando e salvando a vida de pessoas, como que anunciando, em meio a tanta dor e destruição, que ainda ele está no controle de todas as coisas e está interessado em salvar o homem e providenciar que esta sua criação possa com ele viver eternamente.

Não bastasse isso, através de fenômenos naturais deste tipo, como os terremotos (que não são fenômenos meteorológicos, mas que se inserem neste pensamento), o senhor está, também, anunciando a sua iminente vinda,

alertando o seu povo para que esteja preparado para ser arrebatado naquele dia, que tão breve está (**Mt.24:7**).

Apesar de ter perdido seus filhos por causa deste "grande vento", Jó não fez como muitos que, mesmo desabrigados e necessitados, após estas catástrofes, maldizem e blasfemam do nome do senhor, literalmente culpando a Deus pelas catástrofes que aconteceram em suas vidas (esquecendo-se, muitas vezes, que elas são resultado de sua própria imprudência e vida desregrada), mas, em tudo isto, não pecou, não atribuindo a Deus falta alguma.

Será que temos agido assim, ou temos feito coro com os desabrigados e necessitados rebeldes, muitas vezes maldizendo a tudo e a todos pelas cenas que presenciamos ou pelo que tenhamos sofrido na própria pele? Mais importante do que um patrimônio, do que os próprios entes queridos que venhamos a perder, está a nossa salvação eterna.

Que catástrofes naturais não nos façam perder a salvação e criarmos para nós mesmos uma catástrofe muito maior e, o que é pior, eterna!

IV. CALAMIDADES FÍSICAS E PSICOLÓGICAS

Mesmo tendo perdido tudo o que possuía Jó não pecou nem atribuiu falta alguma a Deus. Sua confiança não estava nas coisas que tinha no que estava à sua volta e o adversário foi envergonhado. Deus dá novo testemunho de Jó e o diabo, não contente, vai procurar encontrar no "ego", na "autoestima" do patriarca a razão de ser de sua fidelidade a Deus. Afinal de contas, Jó personifica todos os pobres do mundo, os quais, mesmo perdendo tudo ou nada possuindo, não se revoltam contra Deus. Como eles costumam dizer, 'enquanto a gente tiver saúde para trabalhar, tudo bem'.

Todavia, o adversário, uma vez mais, mostrará seu engano e Deus, sabedor do que segurava Jó, permite que seja também provado na sua integridade física, na sua saúde. A circunstância de o texto separar bem o primeiro estágio da provação do segundo mostra como é sagrada para o senhor a integridade física de alguém.

O ser humano é feito imagem e semelhança de Deus e são composto de corpo, alma e espírito, mas nem por isso o corpo não é alvo da proteção divina.

Tanto assim é que, no novo testamento, é revelado que o corpo é o templo do Espírito Santo (**I Co. 6:19**).

Por isso, sem qualquer respaldo bíblico tanto o ensinamento que entende que o corpo é um obstáculo à espiritualidade, quanto àquele que diz que o corpo é totalmente irrelevante para Deus, que "quer só o coração". Assim que permitido por Deus, que não permitiu ao adversário que tocasse na vida de Jó (prova de que só Deus tem o poder sobre a vida de um ser humano), o adversário impõe a Jó uma chaga maligna, que o atingiu dos pés à cabeça, uma doença horrível que trouxe grande sofrimento ao patriarca.

O texto sagrado afirma-nos que ele mal foi reconhecido pelos seus amigos, o que indica que a doença era de formativa; que a doença atingia a sua pele e que perturbava o seu sono, pois devia haver uma intensa dor. Era algo pior do que um câncer era como uma espécie de elefantíase, segundo os estudiosos das Escrituras.

A saúde é um bem extremamente valioso ao ser humano e poucos se dão conta disso, somente o percebendo quando ela está ausente. Com saúde podemos recuperar tudo o que eventualmente perdermos, pois, com saúde, poderemos trabalhar e buscar o nosso sustento, mas enfermos e doentes, nada poderemos fazer.

Temos, como servos de Deus e mordomos da saúde que ele nos deu, o dever de cuidarmos de nossa saúde, de sermos comedidos e de prevenirmos males que têm acometido a nossa geração. Por isso, é preciso que o servo de Deus seja criterioso na sua alimentação, no seu sono, no seu trabalho e que pratique, regularmente, exercícios físicos, pois o sedentarismo tem sido a principal fonte de doenças, inclusive entre as crianças.

Assim fazendo, estaremos sendo fiéis mordomos do senhor, não tendo qualquer respaldo bíblico qualquer atitude que seja contrária à prática de exercícios físicos pelos cristãos. Se a Bíblia diz que "o exercício corporal para pouco aproveita" (**I Tm.4:8a**), de modo algum está proibindo o exercício físico, mas dizendo que ele não deve ser buscado como prioridade na vida do cristão, que deve, em primeiro lugar, buscar o reino de Deus e a sua justiça (cf.**Mt.6:33**), mas daí a banir o esporte do cotidiano do crente, é uma distância que não tem base bíblica, até porque o sedentarismo não era um problema nos dias de Timóteo, cuja origem grega, ademais, poderia fazê-lo tender para a

busca da perfeição corporal, tão presente nos jovens seus contemporâneos.

Se, porém, vier sobre nós a prova da doença, a prova da enfermidade, devemos pedir a Deus a cura, mas sempre sabendo que, muitas vezes, não é propósito de Deus nos curar mas, através de nossa doença (e até morte), glorificar o Seu nome através de nós.

A doença não é como muitos andam dizendo por aí, firmados na falsa doutrina da confissão positiva, um sinal de pecado, tanto assim que Jó não tinha pecado e ficou doente, como também não tinha pecado o profeta Eliseu, que morreu de uma doença que teve e da qual não foi curado (**II Rs.13:14**), como também o próprio cego de nascença, cuja doença foi curada para glória do nome de Deus (**Jo.9:1-3**).

A doença pode ser de causas físicas e naturais, como também, por operação maligna, como no caso de Jó. O fato é que, em havendo a enfermidade, devemos nos manter na disposição do mestre, descansando nele e não perdendo a fé. Como afirma o cantor sacro: "Se a febre arde se extingue a vida, e quer a morte te arrebatar. Nas suas promessas, terás guarida bastante para te abrigar" (3ª estrofe do hino 459 da Harpa Cristã).

Com relação à cura de enfermidades, devemos, também, observar que Deus pode curar tanto sobrenaturalmente como naturalmente, através dos médicos. Não podemos rejeitar a ida aos médicos e o atendimento às suas prescrições, pois a ciência foi criada por Deus também para ajudar o ser humano. Assim, se devemos pedir a Deus a cura e requerer que ela venha sobrenaturalmente, através da oração da fé, com unção do óleo (**Tg.5:14**) ou imposição de mãos (**Mc.16:18**) ou dos dons de curar (**ICo.12:9**), também devemos crer que Deus também atua através dos médicos (**Mt.9:12**).

Ao lado da saúde física, temos, também, a saúde mental, pois o homem é dotado de corpo, alma e espírito (**I Ts.5:23**). Verdade é que um aspecto é relacionado ao outro, tanto que é conhecida a expressão "mens. sana in corpore sano" (mente sã em corpo são).

Jó, naturalmente, diante de notícias tão ruins e que lhe foram trazidas concomitantemente, deve ter tido um grande sentimento de perda e ingressado em depressão, como, aliás, dá conta o texto sagrado ao afirmar que, diante das notícias recebidas, o patriarca levantou-se, "rasgou o seu manto, e rapou a sua cabeça e se lançou em terra", numa clara indicação de que estava emocional e

psicologicamente abalado.

Mas, diz-nos o texto sagrado que, apesar desta situação, absolutamente normal, ele não perdeu a sua comunhão com Deus, pois, ao se lançar em terra, não ficou, como o profeta Elias, pedindo a própria morte, completamente deprimido e sem ânimo (**I Rs.19:4-7**), mas adorou e reconheceu a soberania do Senhor.

Também devemos entregar nossa mente ao senhor e não deixar que as muitas circunstâncias adversas venham a afetar a nossa mente. Vivemos um tempo em que as mensagens subliminares, a mídia e as pessoas em geral criam ambientes cada vez adversos e contrários à vontade do senhor, gerando-nos um sentimento de aflição e de angústia, como, aliás, já havia sido predito pelo senhor (**Jo.16:33**).

Diante deste quadro, precisamos, mais do que nunca, zelar pela nossa integridade psíquica, tendo a mente de Cristo (**I Co.2:12-16**), procurando ocupar a nossa mente com o que é relevante para a nossa vida espiritual (**Cl.3:2**). Meditemos continuadamente na palavra do senhor (**Sl.1:2**), ocupando no que realmente é proveitoso para nós (**I Tm.4:15,16**).

Os problemas psicológicos demandam, às vezes, um tratamento, não havendo qualquer irregularidade em que se busque o tratamento de psicólogos e psiquiatras para a solução de problemas de ordem psicológica, muitas vezes decorrentes de deficiências orgânicas e até de criação por parte de pessoas que acumulam traumas e demais distúrbios no seu desenvolvimento.

Uma vez verificados estes males, ao lado de uma maior compreensão no lar, na igreja local e nos demais locais freqüentados pela pessoa, é importante que haja um acompanhamento de um profissional.

Conclusão

Embora boa parte de problemas psicológicos possam ser de ordem espiritual, nem sempre estaremos diante de uma perturbação maligna, possessão demoníaca ou algo do gênero, devendo o crente, notadamente obreiro, ter a mente de Cristo para tudo bem discernir e tratar.

QUESTIONÁRIO

1) Portanto podemos entender que o dia escolhido pelo adversário era o do começo do turno dos dias, Por quê?

R: Era o momento mais distante do instante de maior devoção do patriarca.

2) Mesmo tendo perdido tudo o que possuía Jó não pecou nem atribuiu falta alguma a Deus. Por quê?

R: Sua confiança não estava nas coisas que tinha no que estava à sua volta e o adversário foi envergonhado.

3) Por que é sagrada para o Senhor a integridade física de alguém?

R: Por que **o** ser humano é feito imagem e semelhança de Deus e é composto de corpo, alma e espírito, mas nem por isso o corpo não é alvo da proteção divina.

PARA REFLETIR

Apesar de todos os infortúnios sofridos, Jó demonstra a sua comunhão profunda com o Senhor, na medida em que, em ambas as oportunidades em que foi despojado de seus bens, Jó não tiveram outra atitude senão adorar a Deus. Deus continua o mesmo e estão buscando, como revelou o senhor Jesus, pessoas que o adorem em espírito e em verdade**. (João 4:23)**

Meditação Diária						
Domingo Ezequiel 14:14	*Segunda Genesis 4:2-4*	*Terça Genesis 4;3*	*Quarta Hebreus 12:1-2*	*Quinta Isaias 1:11-20*	*Sexta João 4:23*	*Sábado Habacuque 3:17,18*

LIÇÃO:4 ADORANDO A DEUS NA PROVAÇÃO

Texto base: (jô 1:20-21)

20. Então Jó se levantou e, em sinal de tristeza, rasgou as suas roupas e rapou a cabeça. Depois se ajoelhou, encostou o rosto no chão e adorou a Deus. **21.** Aí disse assim: - Nasci nu, sem nada, e sem nada vou morrer. O senhor deu o senhor tirou; louvado seja o seu nome! **22.** Assim, apesar de tudo o que havia acontecido, Jó não pecou, nem pôs a culpa em Deus.

INTRODUÇÃO:

Hoje em dia, muito se tem falado na necessidade de adorar a Deus, mas, a cada dia que passa, temos sentido um recuo entre os verdadeiros adoradores do senhor. Adoração não se confunde com alegria, com manifestações sobrenaturais nem com liturgia ou rituais.

A adoração de que Deus se agrada é a efetuada por Jó, que não se constitui em barganha, em resposta a benefícios recebidos, muito menos representa uma religiosidade. Adorar a Deus é ter uma vida sincera diante de

Deus, a despeito de todas as adversidades.

É o que aprendemos com o exemplo de Jó que, por isso mesmo, é apontado como um dos homens mais virtuosos que houve sobre a face da terra (cf.**Ez.14:14**).

I. ADORAÇÃO - O MOMENTO MAIS SUBLIME DA RELIGIÃO DIVINA

A palavra "adoração" vem do latim "ad orare", que, literalmente, significa "aplicar a mão à boca", ou seja, "beijar a mão". Apresenta, assim, um sentido de reconhecimento de autoridade, de submissão à vontade de alguém que é superior.

No grego, algumas das expressões utilizadas para adorar são "gónu" e "gonupetéo", que quer dizer "ajoelhar-se", "prostrar-se", bem assim "proskunein", de etimologia obscura, mas que a maior parte dos estudiosos identifica com "beijo", o que nos leva à noção latina já mencionada.

Percebe- se, pois, desde o início, que a idéia de adoração está ligada a atitudes e gestos exteriores que afirmem o reconhecimento da soberania, da supremacia de alguém a bíblia mostra-nos que, desde os primórdios da história da humanidade, havia a noção por parte do homem de que Deus lhe era superior e que deveria haver o reconhecimento de que tudo dele provém.

Esta noção percebe-se, de pronto, no episódio das ofertas apresentadas a Deus por Caim e Abel. (**Gn. 4:2-4**). Nesta passagem, entretanto, já vemos uma grande diferença entre a simples exteriorização de atos que afirmam o reconhecimento da soberania (o que caracterizaria a "liturgia") com a adoração essencial, que prescinde de ritos ou de cerimônias, mas revela um sentimento autêntico de submissão à vontade de Deus.

Tanto assim é que Deus atentou para o sacrifício de Abel, mas não atentou para a oferta de Caim, precisamente porque nesta última havia apenas o aspecto exterior, mas não havia uma real e sincera motivação por parte do ofertante (o próprio Deus é o que o afirma ao indagar Caim: "Sem bem fizeres, não haverá aceitação para ti? (**Gn.4:7**), grifo nosso)

Portanto, desde o princípio, a adoração a Deus apresentou este aspecto

de reconhecimento da soberania, do senhorio de Deus sobre todas as coisas e este reconhecimento sempre se demonstrou através de atos exteriores, atos estes que logo assumiram a forma de rituais, de cerimônias, de formalidades e solenidades que configuravam o sagrado e o divino. Aliás, o estudo de toda esta gama de rituais e cerimônias religiosas surgidas desta adoração é um dos principais temas da antropologia.

OBS: O que sabemos é que já ficou para nós, através daquela história, uma lição de que Deus leva muito a sério, quando comparecemos perante ele para ofertar-lhe nossas orações, louvores (com instrumentos ou cânticos), nossos momentos de adoração, enfim, nossos rituais litúrgicos.

É peculiar de o Senhor saber com que espírito está nos apresentando perante ele. Isto é muito mais importante do que os simples rituais humanos. “Concluímos também que muitas alegorias envolvem a narração de Caim e Abel, tentando mostrar sempre a luta existente, desde os primórdios, do mal contra o bem, o mal tentando eliminar o bem…” **(Osmar J. da SILVA. Liturgia,p.33-4).**

Não podemos prescindir desta exteriorização, desta seqüência de atos que demonstrem o reconhecimento da soberania e do senhorio de Deus em nossas vidas, havendo, portanto, espaço e necessidade para que tenhamos uma "liturgia", mas jamais podemos esquecer que a liturgia é apenas uma exteriorização, uma forma que se dá a um sentimento genuíno de submissão a Deus, que deve provir do íntimo de nosso ser.

Se houver apenas a forma, de nada ela nos adiantará, pois o rito e o cerimonial, sem um verdadeiro sentimento de submissão e de obediência a Deus, é lago oco, vazio e sem sentido. Disto temos inúmeros exemplos no próprio povo de Israel, que foi escolhido para ser uma nação sacerdotal dentre todos os povos da Terra. Mais de uma vez, o senhor repudiou o ritualismo formal e sem qualquer sinceridade que era feito pelo seu povo -**Is.1:11-20**; **Jr.6:15-21**;**7:9-24**; **Am.5:21- 27**;**Mq.6:6-8**; **Ml.1:6-14**.

OBS: “… A Liturgia religiosa compreende tudo que se possa imaginar ligado à religiosidade humana, quando o ser humano busca conforto espiritual e se apega naquilo que julga ser do agrado do 'ser maior' a quem presta culto.(...).

Antropologia cultural, psicologia, sociologia, criatividade, estilos

celebrativos, animações, homilia, catequese, evangelização, arquitetura, arte, objetos, símbolos, ritos, cerimônias, espiritualidade, culto, consagrações e ordenações, bênçãos, histórias etc, tudo envolve a liturgia.

Logo, um campo tão vasto acaba passando despercebido, desprezado, relegado por muitos. O que, na verdade, deveria ser mais apreciado por todos (...). Ninguém deve utilizar a liturgia simplesmente porque vê alguém fazendo o mesmo, isto considero 'papagaiar'.

Não devemos fazer alguma coisa porque observamos que todos assim o fazem, mas devemos ter consciência daquilo que fazemos para agradar ao nosso senhor. “Ao senhor agrada observar seus servos conscientes do que fazem e da utilidade daquilo que lançam mão para servi- lo…” **(Osmar J. da SILVA. Liturgia, p.283).**

Neste sentido, não podemos concordar com a afirmação dos católicos romanos segundo os quais, na liturgia, por si só, “… é tida como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem…" (Constituição 'Sacrossantum Concilium', nº 7).

Os simples rituais são insuficientes para trazer santificação a quem quer que seja. O ritual, sem uma autêntica conversão, sem um autêntico coração contrito, não pode trazer graça alguma de Deus. Jó tinha uma liturgia, a cada término do turno de dias dos banquetes de seus filhos, fazia sacrifícios pela expiação dos pecados porventura praticados por eles, sendo que, além desta prática, que a bíblia menciona expressamente, deveria ter uma forma de devoção própria a Deus, numa atitude que revelava a sua submissão a Deus.

Entretanto, sua adoração, embora se exteriorizasse por estes sacrifícios, não repousava nestes sacrifícios nem nestes rituais, mas, bem ao contrário, tudo isto era animado por um profundo sentimento de submissão a Deus.

Quando tudo isto se foi, animais para sacrifício, saúde para realizar o ato em plena madrugada e os próprios filhos para por eles interceder, nem por isso o patriarca deixou de adorar a Deus. Diz a Palavra que rasgou seu manto, rapou sua cabeça, lançou-se em terra e adorou (**Jó 1:20**).

A adoração a Deus independe das circunstâncias externas, mas provém do fundo da alma, do coração do homem sincero e temente. Jesus ensinou-nos, em seu diálogo com a mulher samaritana, que Deus está em busca de

verdadeiros adoradores, adoradores que adorem a Deus em espírito e em verdade (**Jo.4:23**).

E o que é a adoração em espírito e em verdade? A adoração em espírito e em verdade é, precisamente, este sentimento de reconhecimento de que Deus é o dono de tudo (**Sl.24:1**), de que ele é soberano e senhor e, em razão disto, não se deve questionar os Seus atos, nem o seu querer.

Devemos, tão somente, reconhecer que ele é o senhor e que estamos prontos a lhe obedecer e a lhe seguir independentemente das circunstâncias que estejam à nossa volta.

É uma adoração em espírito, porque não depende de coisa alguma a não ser da realidade espiritual de que Deus é o senhor e nós, criação sua e seus servos. É adoração em verdade porque resulta de uma atitude de sinceridade e de real reconhecimento, em nosso íntimo, de que Deus é o senhor, um reconhecimento voluntário e que resultou do exercício do nosso livre-arbítrio, bem diferente daquele reconhecimento compulsório e que se dará no final dos tempos, como se vê em **Fp. 2:10,11**.

Para que haja adoração em espírito e em verdade, portanto, é preciso alguns requisitos indispensáveis. O primeiro é que haja comunhão espiritual entre Deus e o adorador. Para que haja adoração em espírito, é preciso que haja uma comunicação, um contacto espiritual entre Deus e o adorador.

Ora, isto só é possível se ocorrerem duas coisas: em primeiro lugar, que Deus e o homem passem a ter a mesma sintonia, a mesma freqüência, a mesma via de comunicação; em segundo lugar, que não haja qualquer obstáculo nesta via de comunicação entre Deus e o adorador.

Esta via só pode ser, como nos mostram as escrituras, o senhor Jesus, o caminho (**Jo.14:6**), o único mediador entre Deus e os homens (**I Tm.2:5**; **Hb.8:6**;**9:15**; **12:34**).

A retirada do obstáculo é efetuada pelo perdão dos nossos pecados através do sangue de Jesus, pois são os pecados que fazem separação entre nós e Deus, que interrompe a comunicação entre Deus e os potenciais adoradores (**Is.59:2**; **Ef.2:11-18**). Para adorar a Deus em espírito e em verdade, é preciso aceitar a Cristo como nosso senhor e salvador e sermos perdoados de nossos pecados.

OBS: Aqui repousa, aliás, a grande distinção entre a liturgia autêntica da

Igreja e a dos movimentos ditos "carismáticos". Ainda que a aparência exterior seja de grande similaridade, não pode haver uma verdadeira adoração a Deus se não há o princípio da única mediação de Cristo.

A defesa da suposta co- mediação de Maria nestas reuniões desfaz toda e qualquer dúvida que se tenha sobre a autenticidade destes movimentos, que nada mais são do que a mesma idolatria da tradição religiosa denunciada e abandonada quando da reforma o segundo elemento indispensável para que haja adoração em espírito e em verdade é que obedeçamos a Deus.

Já na antiga aliança, Deus, através do profeta Samuel, avisa-nos que obedecer é melhor do que sacrificar (**I Sm.15:22**), ensinamento que se repete nas escrituras (**Ec.5:1**; **Os.6:6**), inclusive por Jesus (**Mt.5:24**; **9:13**;**12:7**).

Agora, somente haverá obediência a Deus se houver amor ao senhor. "Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando" (**Jo.15:14**), disse Jesus. Portanto, somente obedece ao senhor quem o ama verdadeiramente e é por isso que o senhor diz que quer misericórdia e não, sacrifício.

Ele deseja a obediência, porque esta reflete o verdadeiro amor do adorador a Deus. Somente pode adorar a Deus em espírito e em verdade, quem lhe obedece, ou seja, quem o ama, pois o amor "… não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre tudo crê, tudo espera, tudo suporta…" (**I Co.13:5b-7**).

O terceiro elemento indispensável para que haja adoração em espírito e em verdade é que tenhamos a Deus como centro de nossa atitude de reconhecimento de senhorio e soberania. Como diz o salmista, "… na presença dos deuses, a ti cantarei louvores…" (**Sl.138:1b**).

Devemos ter em mente que só o Senhor merece a nossa adoração, que ninguém mais é digno de receber o reconhecimento de ser o senhor e o soberano do universo.

Deus não admite que sua glória seja partilhada com quem quer que seja e se desviarmos nossa adoração a outrem que não o senhor, estará sendo idólatras. Só ao senhor podemos adorar, algo que Jesus deixou bem claro, seja quando tentado pelo diabo (**Mt.4:10**), seja quando interrogado a respeito do maior de todos os mandamentos (**Mt.22:37**).

Daí porque a liturgia deve ser tal que não permita que qualquer outro

seja adorado ou possa ser adorado durante o culto.

OBS: Como podemos fomentar a verdadeira e genuína adoração ao senhor em reuniões em que se procura enaltecer e exaltar "grandes pregadores", "grandes preletores", "grandes cantores", "grandes bandas", "grandes conjuntos"? Só pode haver um "grande" num culto liturgicamente correto: nosso senhor e salvador Jesus Cristo! O quarto elemento indispensável para que se tenha uma adoração em espírito e em verdade é que haja a supremacia da palavra do senhor na adoração.

A adoração, disse Jesus, é em espírito e em verdade. Ora, o que é a verdade? É a própria palavra do senhor, como nos ensinou Jesus (**Jo.17:17**). Somente se nos pautarmos pela palavra de Deus é que poderemos ser verdadeiros adoradores do senhor, pois é a palavra quem nos revela quem é Deus e como ele deve ser adorado.

Sem o respaldo, sem a prescrição e o atendimento às regras e normas instituídas pela bíblia sagrada, jamais poderemos fazer uma adoração em verdade, pois só a palavra é a verdade (**II Sm.7:28**; **Sl.119:142,151**).

OBS: Como, então, podemos observar a contínua supressão da palavra do senhor e de sua exposição nos cultos de nossas igrejas? Recentemente, ouvimos um pregador renomado lembrar que, no início de sua fé, há uns quarenta anos atrás, o culto das Assembléias de Deus costumava ter de quatro a cinco pregações da Palavra.

Já no nosso tempo de infância e adolescência, estávamos acostumados a ouvir apenas três exposições da palavra. Hoje em dia, na grande maioria das igrejas, quando há tempo, há apenas uma exposição da palavra, e ainda bem breve. Será que esta postura é de uma igreja que quer adorar em verdade?

Entretanto, a adoração em espírito e em verdade, como vimos, embora independa das circunstâncias externas para existir, deve ser externada em gestos e atitudes. E é aqui que muitos se enganam, pois acham que a exteriorização da adoração se dá nas quatro paredes do templo de sua igreja local. É ali que nós, ao orarmos, ao louvarmos, ao pregarmos ou ouvirmos a palavra, estamos dando a nossa adoração a Deus. Ledo engano! O próprio Deus afirma que não habita em templos feitos por mãos de homens (**I Rs.8:27**; **At.7:48,49**), que quer morar em nós (**Jo.14:23**) e que nos tornemos templo do Espírito Santo (**I Co.6:19**).

Assim, devemos mostrar em todos os nossos atos, em todas as nossas obras, em especial naquelas realizadas fora da vista da igreja local a que pertencemos, no meio dos nossos colegas de trabalho, vizinhos, colegas de escola, perante as autoridades, enfim, diante de nossos semelhantes, se, realmente, somos adoradores de Deus, se, efetivamente, temos a Deus como nosso senhor e, em sendo, assim, fazemos a sua vontade e não a nossa.

A adoração em espírito e em verdade independe do local onde estamos e é gente assim que Deus está procurando. Não adoradores do monte Gerizim ou de Jerusalém, mas adoradores em todo e qualquer lugar, em toda e qualquer ocasião.

OBS: "... Importante é entender que os costumes rituais litúrgicos e coisas semelhantes, não deveriam ser as causas para o aparecimento de tanto sectarismo, que, de maneira intransigente e intolerante, distanciam o povo, dividindo-os em inumeráveis seitas e denominações…" (Osmar J. da SILVA. Liturgia, p.13-4).

A propósito, é um momento oportuno para falarmos, ainda que bem de passagem, de um costume crescente no meio do povo de Deus a respeito de cultos e reuniões em montes. Embora não sejamos contrários a que pessoas busquem a Deus em tais lugares, temos visto que, não raro, passa-se a idolatrar estes montes, a ponto de não se crer que Deus fale em outro lugar a não ser lá.

Para estes, recomenda-se que leiam, com atenção, este diálogo de Jesus com a mulher samaritana. Vemos, portanto, que quando nos propomos a adorar a Deus, estamos falando em algo muito mais profundo e muito mais abrangente do que, simplesmente, ficarmos em pé numa reunião ou num culto, fecharmos os olhos e começarmos a entoar cânticos ou louvores e atingirmos um êxtase, muitas vezes genuinamente espiritual com manifestações de línguas estranhas, glórias a Deus e aleluias, os chamados "momentos de adoração", que têm se tornado comum na liturgia de muitas igrejas locais.

Quando entoarmos o conhecidos louvor "Vamos adorar a Deus", saibamos que, por detrás desta tão simples sentença, está algo muito mais abrangente e que exige de nós muito mais responsabilidades. Adorar é Deus é estar em comunhão com Deus, é reconhecer em nossos gestos e atitudes, que não mais vivemos, mas que Cristo vive em nós (**Gl.2:20**), pois ele é nosso

senhor e, como tal, comanda-nos e faz, em nós, única e exclusivamente a sua vontade. Temos adorado a Deus?

II. O QUE LEVOU JÓ A ADORAR A DEUS

Jó revela toda a sua sublimidade espiritual quando, por duas oportunidades, exatamente após ter sido alvo da fúria do adversário, tem como reação às calamidades que tomaram conta de sua vida, a adoração a Deus. Neste seu gesto, o patriarca destruiu todos os argumentos do inimigo e alcançou a sua vitória espiritual.

Foi por causa desta atitude de adoração que Jó teria a restituição de todas as suas bênçãos. Não é por outro motivo que muitos estudiosos das escrituras consideram que o livro de Jó é, na verdade, uma história que é permeada por uma polêmica a respeito do sofrimento do inocente.

Segundo estes ensinadores, há como que uma interpolação na história de Jó de uma seqüência de discussões e debates a respeito do sentido do serviço a Deus, mas, na verdade, a narrativa inicial demonstra, desde já, uma vitória de Jó sobre o adversário, uma vitória de Deus sobre o inimigo, na medida em que Jó desmente a lógica satânica, segundo a qual, a fidelidade do patriarca estava presa aos benefícios recebidos de Deus.

Ao adorar a Deus apesar de toda a tormenta, Jó revela que sua obediência e comunhão com Deus eram desinteressadas e sem qualquer correspondência com o que estava em torno do patriarca.

Diz-nos o texto sagrado que, tomado de assalto pelas notícias que indicaram, num só dia, a ruína de seu patrimônio e de sua família, o patriarca ficou, obviamente, abalado, tendo, como vimos em lição anterior, demonstrado o estado psicológico em que se encontrava, levantando-se, rasgando seu manto e se prostrando em terra.

Era uma demonstração de um estado de depressão e de consternação que invadia o coração daquele homem que, mesmo sendo servo de Deus, era um ser humano, sujeito às mesmas paixões que nós. No entanto, ao invés de ficar em depressão, de entrar em desespero, de amaldiçoar e blasfemar de Deus, como o inimigo tinha certeza de que faria, Jó prefere outro caminho: o da

adoração.

OBS: A reação da adoração é uma estrada com direção dupla: é inspirada por Deus, mas o homem corresponde. Alguma coisa existe no próprio homem que busca uma idéia suprema que possa exigir seu amor e adoração, porquanto a queda no pecado não obliterou esse algo, embora o tenha debilitado.

Quando Deus fala por meio de Cristo, esse sentimento interior é levado à sua plena fruição. Quando os homens buscam a beleza suprema, encontra em outras pessoas e objetos algo da beleza de Deus, a ser buscada e cultivada. “Devemos buscar ao senhor enquanto ele puder ser achado, mas Deus também buscou ao homem por meio de Cristo.” (R.N. CHAMPLIN. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v.1, p.48).

Jó não questiona a Deus o seu direito de permitir todos aqueles infortúnios (o que fará, posteriormente, em tom de desabafo e de lamentação, é questionar a sua própria existência), nem jamais se rebela contra Deus.

Bem ao contrário, reconhece que Deus é o dono de todas as coisas e que o mesmo direito que tinha de dar o que lhe havia dado, tinha de retirá-lo. Adorar a Deus é ter esta consciência. É reconhecer o senhorio de Deus sobre todas as coisas e sobre as nossas vidas.

Adorar a Deus não é apenas louvá-lo, engrandecê-lo, porque ele tem nos cumulado de bens, de riquezas e de bênçãos, mas é saber fazê-lo quando tudo nos é adverso. É ter o comportamento que teve o profeta Habacuque, quando afirmou que, mesmo que tudo lhe fosse adverso, mesmo assim, ele exultaria no Deus da sua salvação (**Hc.3:17,18**). Como diz o conhecido louvor: “não olho a circunstância, olho o seu amor. Por mais que eu sofra, alegre estou”.

Fosse Jó um dos muitos crentes de nossos dias, adeptos da confissão positiva e da teologia da prosperidade, estaria, a esta altura dos acontecimentos, desistindo de sua fé e de sua vida de comunhão com Deus, pois, para estes, a adoração é resultado de uma barganha feita com o senhor.

O Senhor os abençoa e, por isso, eles lhe adoram e lhe servem. Se faltarem as bênçãos (todas elas materiais…), não passarão pela prova de Jó e estarão blasfemando de Deus de imediato, não antes de serem chamados pelos seus "irmãos", de pecadores, pois a teologia por eles adotada é a de que

Deus não pode tirar coisa alguma de seus servos, a menos que eles tenham pecado.

Quão longe estão da verdadeira e sincera adoração!

Jó adorou a Deus, apesar de tudo que lhe havia acontecido, porque tinha confiança de que o senhor era bom, seu nome era bendito e que, por fim, conceder-lhe-ia a salvação eterna. Esta confiança percebe-se durante o desenvolvimento do livro de Jó, notadamente na afirmação do patriarca de que cria que seu redentor vivia e que, por fim, se levantaria sobre a terra, e depois consumida a sua pele, ainda em sua carne veria a Deus (**Jó 19:25,26**), a demonstrar que Jó era quem tinha uma esperança que ia além da vida terrena.

Seu coração não estava preso nas coisas materiais, mas, sim, em tesouros no céu (**Mt.6:19-21**). Quem tem nele esta esperança, purifica-se a si mesmo (**I Jo.3:3**), e já vimos que, havendo a pureza, há condição para que haja uma adoração Jó adorou a Deus porque tinha plena consciência de que nós devemos sempre fazer a vontade de Deus.

Estamos neste mundo para fazer a vontade do senhor, para sermos instrumentos da vontade divina. Tanto assim é que o senhor, quando nos ensinou a orar, afirmou que devemos pedir que "… seja feita a tua vontade, assim na terra, como no céu…" (**Mt.6:10**). "… o senhor o deu, e o senhor o tomou…" (**Jó 1:21**) é a expressão que demonstra claramente que Jó estava à disposição de Deus e que tinha prazer nisto.

Será que temos esta mesma disposição? O adorador é alguém que está sempre pronto a fazer a vontade de Deus, alguém que tem a noção de que é apenas um vaso nas mãos do oleiro (**Jr.18:1-6**).

É por isso que o verdadeiro servo é um adorador. Em inglês, inclusive, a palavra utilizada para culto é "service", que se aproxima de nosso "serviço". Adorar é, apropriadamente, servir.

Somente o adorador é capaz de servir aos propósitos do senhor. Somente aquele que tem noção de que deve servir a Deus, ser um vaso para santificação e honra (cf. **II Tm.2:20,21**) pode, efetivamente, fazer a vontade do senhor e não questioná-la, ou seja, ser um verdadeiro adorador. Jó tinha esta consciência e, por isso, pôde adorar a Deus mesmo diante de circunstâncias tão adversas.

Jó adorou a Deus porque tinha a consciência de que era apenas o

mordomo dos bens que lhe foram confiados pelo senhor. Sabia que Deus é o dono de tudo (**Sl. 24:1**) e, portanto, que direito algum tinha contra o senhor.

O verdadeiro adorador recohece o senhorio e soberania de Deus sobre todas as coisas e apenas se submetem a Deus. “… Nun saí do ventre de minha mãe, nu tornarei para lá…” (**Jó1:21**) e "…receberemos o bem de Deus e não receberíamos o mal?…"(**Jó 2:10**) são expressões que demonstram o pleno reconhecimento de Jó à soberania de Deus sobre o universo e sobre nossas vidas.

Não basta apenas louvarmos a Deus e, em êxtase, dizermos que "nosso Deus é soberano…", se não aceitamos que seus desígnios se realizem em nossas vidas. Jó resigna-se aos imperativos do senhor, pois é um verdadeiro adorador. Temos esta mesma disposição?

Deus procura verdadeiros adoradores e estes adoradores deverão, a exemplo de Jesus, estar dispostos a fazer a vontade do senhor. Jesus disse que “… a minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra” (**Jo.4:34**), ou seja, a vida de um verdadeiro adorador de Deus é sempre estar disposto a fazer a vontade do senhor, é seu verdadeiro alimento, é a própria condição de sobrevivência da vida espiritual de alguém.

Temos correspondido a este modelo bíblico ou estamos bem distantes do exemplo de Cristo, que devemos seguir (cf. **I Pe.2:21**)? Jó demonstra que a adoração a Deus é totalmente independente do que esteja acontecendo em nossa vida material, é algo que não se confunde com os benefícios do serviço e da obediência a Deus.

Assim como Abraão foi ensinado por Deus a ter o próprio senhor como seu galardão (**Gn.15:1**) e o escritor aos Hebreus convida-nos a olhar para Jesus o autor e consumador de nossa fé (**Hb.12:1,2**), devemos ter como único prêmio a ser buscado o próprio Deus.

Querido (a) irmão(ã), tem sido este o alvo de sua adoração ou o (a) irmão(ã) tem preferido colocar como alvo não o senhor mas os benefícios do evangelho? Se fundamentarmos nossa fé apenas nos benefícios, apenas nas coisas materiais que nos cercam, teremos um fracasso certo na vida espiritual e seremos os mais miseráveis dos homens (**I Co.15:19**).

Que o exemplo de Jó possa nos fazer verdadeiros adoradores do senhor.

Conclusão

A verdadeira adoração a Deus, não consiste nos seus benefícios feitos a nós e sim no seu amor. Amamos a Deus por aquilo que ele é e não por aquilo que ele faz.

QUESTIONÁRIO

1) Qual o significado de adoração segundo a palavra de Deus?

R: Portanto, desde o princípio, a adoração a Deus apresentou este aspecto de reconhecimento da soberania, do senhorio de Deus sobre todas as coisas.

2) Segundo a palavra como devemos adorar a Deus?

R: sem um verdadeiro sentimento de submissão e de obediência a Deus, é lago oco, vazio e sem sentido.

3) Em que consiste a verdadeira adoração?

R: A verdadeira adoração a Deus, não consiste nos seus benefícios feitos a nós e sim no seu amor.

PARA REFLETIR

Ao verificarmos o papel de satanás na provação de Jó, percebemos que a soberania do universo pertence unicamente a Deus e que, mesmo sendo um opositor, satanás não tem como querer equiparar-se ao senhor. Os crentes devem, com relação ao inimigo, ter esta certeza, evitando dar-lhe um lugar que ele absolutamente não tem.

Meditação Diária						
Domingo 1joão 5:18b	*Segunda jó 1:6*	*Terça Daniel 3:25*	*Quartas Zacarias* 6:5	*Quinta Efésios 6:12*	*Sexta Efésios 6:13*	*Sábado Mateus 28:18*

LIÇÃO:5 O LUGAR DO DIABO NA PROVAÇÃO DE JÓ

Texto base: (Jô1: 6-12)

6. Chegou o dia em que os servidores celestiais vieram apresentar-se diante de Deus, o SENHOR, e no meio deles veio também Satanás.**7.** O SENHOR perguntou: —De onde você vem vindo? Satanás respondeu: - Estive dando uma volta pela terra, passeando por aqui e por ali.
8. Aí o SENHOR disse: Você notou o meu servo Jó? No mundo inteiro não há ninguém tão bom e honesto como ele. Ele me teme e procura não fazer nada que seja errado. **9.** Satanás respondeu Será que não é por interesse próprio que Jó te teme?**10.** Tu não deixas que nenhum mal aconteça a ele, à sua família e a tudo o que ele tem. Abençoas tudo o que Jó faz, e no país inteiro ele é o homem que tem mais cabeças de gado. **11.** Mas, se tirares tudo o que é dele, verás que ele te amaldiçoará sem nenhum respeito. **12.** O SENHOR disse a Satanás: Pois bem. Faça o que quiser com tudo o que Jó tem, mas não faça nenhum mal a ele mesmo. Então Satanás saiu da presença do SENHOR.

INTRODUÇÃO

O diabo é mencionado no livro de Jó apenas nos dois primeiros capítulos, sendo um grande ausente de todas as discussões que se desencadearam na seqüência do livro, a ponto mesmo de alguns estudiosos acharem até que a parte introdutória do livro de Jó é algo acrescentado, diante da total ausência da figura do adversário em todo o debate a respeito do sofrimento.

Esta ausência, entretanto, é elucidativa, pois, embora tenha sido o acusador e tenha tido a permissão para causar a ruína do patriarca, nenhum outro papel tem ele na provação, que serviu, única e exclusivamente, para o engrandecimento espiritual de Jó.

Assim é o diabo na vida do cristão: é apenas o acusador e só consegue atingir o crente quando há um propósito divino a nosso favor. Como dizem as Escrituras, “o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca" (**I Jo.5:18b**).

I. O DIABO INTROMETE-SE NAS REGIÕES CELESTIAIS

A Bíblia afirma-nos que o diabo apresentou-se entre os filhos de Deus (**Jó1:6**). Muitos indagam a respeito da natureza desta reunião que Deus teria de fazer com os anjos e como Satanás poderia ter se apresentado diante deles.

Trata-se de um fato real, pois se assim não fosse, não estaria registrado nas escrituras, mas não compreendemos porque os anjos devam apresentar-se diante do Senhor e qual o objetivo desta reunião. De qualquer modo, elas existem e isto deve apenas lembrar-nos de que os anjos, como criaturas morais, como os homens, têm como conseqüência, responsabilidade e, portanto, têm de prestar contas do que fazem ante o senhor. Se assim Deus procede com relação aos anjos, que dirá em relação a nós, que somos também servos dele?

OBS: "… Os filhos de Deus eram seres divinos ou subdivinos que compartilhavam da natureza da deidade. Cf. **Jó 2:1**; **38:7**; **Gn.6:2**; **Sl.29:1**;**82:1,6**; **89:6**;**Dn.3:25**. Esses filhos apresentavam-se periodicamente diante do Pai para prestar contas (cf. **I Rs.22:19**; **Zc.6:5**).

O autor sacro descreve a cena de uma corte real do Oriente: o rei em seu trono, e seus filhos (os quais, naturalmente, se ocupavam em muitas atividades, privadas e públicas) entrevistados pelo pai para certificar-se de que tudo corria bem**.... "(R.N. CHAMPLIN. O Antigo Testamento Interpretado, v.3, p.1864)".**

Antes de ficarmos querendo discutir qual a natureza desta reunião e quais seus objetivos, algo que Deus não nos revelou e que, portanto, não é de nosso interesse, o importante é notar que satanás apresentou-se entre os filhos de Deus, ou seja, a bíblia, categoricamente, exclui o diabo da relação dos filhos de Deus, ou seja, o diabo é um ser que não tem mais comunhão com o senhor, que está irremediavelmente separado de Deus, por toda a eternidade.

Não tem, portanto, qualquer fundamento qualquer doutrina que busque conferir ao diabo outra posição que não a que a bíblia lhe dá, qual seja, a de um pecador que está condenado à perdição. O diabo não tem parte alguma com Deus nem na sua obra, devendo ser rejeitado todo e qualquer ensino que diga o contrário disto.

OBS: As heresias acabam, direta ou indiretamente, dando um papel ao diabo na salvação do homem, o que deve ser repudiado pelos servos de Deus.

Assim, mórmons, testemunhas de Jeová e sabatistas acabam, em suas doutrinas, dando ao adversário papéis totalmente sem respaldo bíblico como de filho de Deus, "irmão de Cristo" ou participante da redenção, respectivamente.

O fato de satanás ter se apresentado diante de Deus, em absoluto quer dizer que ele tivesse alguma comunhão com o senhor. Não nos esqueçamos de que Deus é onipresente, ou seja, está presente em todos os lugares e, portanto, o fato de satanás ter se apresentado ante ele não deve causar qualquer espanto, pois Deus está em todos os lugares.

Assim, o fato de ter havido um diálogo entre Deus e o diabo não é fator que nos cause espanto, mas, antes, é uma demonstração de que tudo está no controle do senhor, até mesmo os passos e os atos de sua rebelde criação.

OBS: A bíblia, mesmo, afirma que este acesso do diabo a Deus persiste

até nos nossos dias, pois ele prossegue sendo o acusador dos crentes noite e dia (**Ap.12:10**). Como ensina R.N. Champlin: "… Quando começar a grande tribulação, o acesso que satanás tem a Deus, como nosso acusador, chegará ao fim (**Apo. 12:7-11**)…." (R.N. CHAMPLIN. Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia, v.2, p.134).

A bíblia adverte-nos que o diabo ocupa regiões celestes, desde que foi retirado da glória do senhor (**Ef.6:12**), lugar de que deverá ser expulso no início da grande tribulação (**Ap.12:7-12**). Aliás, a trajetória do diabo é uma seqüência de precipitações, de quedas e de fracassos.

Da glória celestial, foi precipitado às regiões celestiais, que hoje ocupa, para ser derribado na terra e, após ter sido selado e amarrado por mil anos (**Ap.20:1,2**), será, por fim, lançado no lago de fogo e enxofre (**Ap.20:10**). Assim será todo aquele que, a exemplo do diabo, rebelar-se contra o senhorio de Deus! Deus tomou a iniciativa do diálogo com satanás (**Jó1:7**), em mais uma demonstração de que é Deus que está no controle de todas as coisas.

Foi permitido que o diabo se apresentasse diante de Deus, no meio dos anjos, exatamente porque o senhor tinha um plano de crescimento espiritual de Jó e se utilizaria do próprio opositor para tanto. Satanás apresentou-se diante do senhor e o próprio Deus iniciou um diálogo com satanás, ou seja, quem estava no controle da situação era o senhor.

Da mesma forma, jamais nos iludamos: o senhor tem todo o poder no céu e na terra (**Mt.28:18**) e, portanto, não temos de temer o mal.

OBS: Em tempos de guerra, os soldados de um lado fazem trincheiras e minas e é uma atividade muito comum dos soldados do outro lado tentar desfazer as minas ou colocar minas que possam destruir as primeiras minas. É exatamente o que Deus faz com satanás.

Satanás está minando e ele pensa que acende o pavio e detona o edifício de Deus, mas enquanto isto, Deus o está contra minando, e é ele quem detona a mina de satanás antes que ele possa fazer algum prejuízo. O diabo é o maior de todos os tolos. Ele tem muito conhecimento, mas tem menos sabedoria do que qualquer outra criatura é a mais sutil de todas as alimárias do campo, mas isto é bem chamado de sutileza, não sabedoria.

Esta não é a verdadeira sabedoria; é apenas outro lado da tolice. Durante o tempo em que satanás estava tentando Jó, ele nem sabia sequer

que estava respondendo a um propósito de Deus, porque Deus estava olhando e observando tudo aquilo, e pegando o inimigo como um homem pega um cavalo pela rédea.

O senhor tinha observado exatamente até onde ele deixaria satanás ir. O Senhor também não observou como susteria seu servo durante a prova? Amados, vocês não sabem quanto o nosso abençoado Deus derramou do seu óleo sobre o fogo da graça de Jó enquanto o diabo estava lançando seus baldes de água nele.

Ele disse para si mesmo: 'Se satã fizer muito, eu farei mais; se ele toma muito, eu darei mais; se ele tenta o homem para a sua desgraça, Eu o encherei tanto do meu amor que ele me bendirá; Eu o ajudarei; eu o fortalecerei; sim, eu o susterei com a destra da minha justiça'. Cristão, tome estes dois pensamentos e os coloque em sua língua como um biscoito feito com mel - você nunca será tentado sem expressa licença do trono onde Jesus advoga, e, de outro lado, quando ele o permite, ele com a tentação fará um meio de escape, e dará a você a graça para superá-la.

Em seguida, o senhor observou como santificar Jó por esta prova. Jó era um homem muito melhor no final da história do que era no seu início. Ele era “uma inacreditável vergonha para satanás”. Se você quiser, primeiramente, "um homem perfeito e reto", mas havia um pequeno orgulho nele.

Nós somos pobres criaturas para criticar um homem como Jó - mas havia nele apenas uma pontinha de auto-justiça. Eu acho, e seus amigos o revelaram, que, embora Elifaz e Zofar tenham dito coisas tão irritantes, que o pobre Jó em nada ajudou ao respondê-los em termos demasiadamente fortes em sua própria defesa, tendo, mesmo, exagerado, como se pensa; havia, pois, uma pequena, ainda que bem pequena, auto-justificação.

Ele não era orgulhoso como alguns de nós somos, de muito pouco - ele tinha muito mais para se orgulhar como o mundo o permitiria - e, por isso mesmo, havia uma tendência de se exaltar com isto; e embora o diabo não soubesse disto, talvez se ele tivesse deixado Jó sozinho, o orgulho poderia ter sido semeado, e Jó poderia ter pecado; mas ele estava tão apressado que ele não pôde deixar que a semente do mal amadurecesse, mas apressou-se a cortá-la, e assim foi à ferramenta de Deus para trazer Jó a um mais humilhante e, conseqüentemente, mais seguro e abençoado estado mental.

Além do mais, observem como Satanás foi um criado para o misericordioso! Jó, durante todo este momento, foi sendo capacitado para ganhar uma recompensa maior. Toda a sua prosperidade não era suficiente; Deus amava tanto Jó, que queria fazê-lo um homem mais famoso do que era até ali; um homem cujo nome tinisse pela história; um homem que seria falado pelas gerações.

Ele não era para ser o homem de Uz, mas de todo o mundo. Ele não era para ser ouvido por um punhado de pessoas na sua vizinhança, mas todos os homens tinham de ouvir da paciência de Jó na hora da prova. Quem deveria fazer isto? Quem deveria talhar a trombeta da fama pela qual o nome de Jó deveria ser proclamado? O diabo vai até o forje, e trabalha com toda a sua mente, para fazer Jó ilustre!

Tolo diabo! Ele está empilhando um pedestal no qual Deus colocará seu servo Jó, no qual ele poderia ser visto com admiração por todos os tempos. Para concluir, as aflições de Jó e a paciência de Jó têm sido uma bênção duradoura para a igreja de Deus, e têm infligido uma inacreditável vergonha sobre satanás **"(Charles H. SPURGEON**. Satanás observando os santos. **http:/ www.spurgeon.org/sermons/0623.htm**) (tradução nossa - Deus deu testemunho da fidelidade de Jó perante o diabo e este, como sói ocorrer ante a sua natureza, imediatamente acusou o patriarca, dizendo que a integridade testemunhada era conseqüência única e exclusiva das bênçãos que Deus dera a Jó (**Jó 1:9-11**).

A própria palavra "diabo" significa "acusador" em grego e revela qual o papel do adversário em relação ao homem: acusar. Este é o trabalho do nosso inimigo (**Ap.12:10**), que, nesta tarefa, busca enganar-nos, já que é o pai da mentira (**Jo.8:44**) para que, assim, possa nos tragar (**I PE.5:8**), já que tem como missão matar, roubar e destruir (Jô).

Estando alijado da glória celeste por causa de seu pecado e irremediavelmente condenado à perdição, o diabo busca levar consigo o maior número possível de seres humanos, criaturas que detesta, já que alcançadas pelo amor de Deus.

Trata-se de um ser já condenado, mas que, ainda, não teve executada a sua pena e que, portanto, como um ser vagueante, anda de um lado para outro, nesta sua corrida em busca de almas que possam fazer- lhe companhia

no lago de fogo e enxofre. Que é um ser vagueante é dito no próprio livro de Jó (**Jó 1:7**), circunstância que mostra que não tem um lugar na ordem do universo, que denuncia a sua própria condição de condenado (assim como o diabo, Caim, ao ser condenado por seu crime, passou a ser um nômade – (cfr.**Gn.4:15**).

OBS: Satanás compareceu diante de Yahweh para fazer seu relatório de atividades, pois, como é óbvio, ele tinha essa responsabilidade diante de Deus, o rei da corte, chamado aqui de Yahweh, o eterno. Satanás, entretanto, não tinha muita coisa inspiradora para dizer sobre suas atividades. “Ele apenas vagueara pela terra, uma espécie de vagabundo espiritual, observando o que faziam os homens…” (R.N. CHAMPLIN. O Antigo Testamento Interpretado, v.3, p.1864).

Tendo Deus permitido que o diabo tocasse no patrimônio de Jó, o diabo não perdeu tempo e, em um só dia, arruinou tudo que Jó possuía, mas isto não significou qualquer vitória para o inimigo, pois, ao contrário do que previra, o patriarca continuou adorando a Deus (**Jó 1:20-22**).

O mesmo se deu após o ataque maligno contra a saúde do patriarca (**Jó 2:10**). Não há qualquer força do mal que possa nos separar do amor de Deus (**Rm.8:35- 39**). Quando estamos gozando da comunhão com o Senhor, ninguém poderá nos tirar desta posição privilegiada (**Ef.1:3**), na qual estamos pela misericórdia divina (**Ef.2:8**). É promessa de Jesus: "as minhas ovelhas (…) ninguém as arrebatará da Minha mão. Meu Pai, que Mas deu, é maior do que todos e ninguém podem arrebatá-las da mão de Meu Pai.” (**Jo.10:27-29**).

Por isso, o apóstolo Paulo afirma-nos que “… somos mais do que vencedores por Aquele que nos amou…” (**Rm.8:37**).

II. JÓ TIRA SATANÁS DE CENA

O patriarca Jó era um autêntico servo do senhor e, portanto, deveria ter conhecimento da existência do diabo e de sua natureza, até porque sabia o que era pecado e, portanto, qual a sua origem e suas conseqüências. Deste modo, a partir do momento em que passa a debater com os seus amigos, a respeito de seu sofrimento e de Deus, daria ao diabo o devido lugar na sua teologia.

Mas, quando nos deparamos com o livro de Jó, encontramos, de forma surpreendente, um total silêncio a respeito do adversário. Não há sequer uma palavra do patriarca a respeito do adversário. Por que isto? Porque o diabo nada representava na vida espiritual de Jó. Deve ser esta a mesma conduta do crente.

OBS: Em parte alguma das obras judaicas antigas encontrou uma caracterização de satã tão ácida como no surpreendente prólogo do livro de Job. Para uma melhor compreensão do significado do papel de satã na religião judaica e na crença popular, esse prólogo deve ser lido com a máxima atenção.

Na bibliografia pós-bíblica, “a evolução do conceito de satã em conexão com os problemas do bem e do mal demonstra que a descrição que aparece no livro de Job permanece central…." **(Nathan AUSUBEL. Satã. In: A JUDAICA, v.6, p.757-8).**

Devemos, também, lembrar-se da oportuna lição de Ambrósio: "O Senhor que tem apagado o vosso pecado e perdoado vossas faltas também vos protege e vos guarda contra as astúcias do diabo que vos combate para que o inimigo, que tem o costume de produzir a falta, não vos surpreenda”.

Quem confia em Deus, não tema o demônio. 'Se Deus é por nós, quem será contra nós? (**Rm.8:31**) **(Ambrosio, sacr. 5, 30).** É importante salientar que Jó não desconhecia o mal, tanto que dele se desviava (**Jó 1:1**), pois sabia que não deveria menosprezar a sua força e as suas drásticas conseqüências.

Desta forma, ao contrário de muitos imprudentes e exibicionistas dos nossos dias, Jó não desafiava o mal nem o afrontava, mas dele se desviava.

Entretanto, até por causa disto, o maligno nada representava em sua vida espiritual. Assim, desviando-se do mal, evitando o pecado e tudo aquilo que poderia levar ao pecado (o que o escritor da epístola aos Hebreus chama de "embaraço" (**Hb.12:1**), o servo de Deus terá sempre a convicção de que o diabo não tem qualquer papel em sua vida.

Em todo o instante de seu debate, Jó atribui a Deus a causa de todo o seu sofrimento e de toda a sua situação, reconhecendo no senhor, portanto, a soberania sobre todas as coisas e sobre a sua vida. É importante observar que, apesar de estar sofrendo e de atribuir a Deus este sofrimento, o patriarca não apresenta qualquer revolta ou mágoa contra o senhor, a quem continua submisso apesar de todo o mal que estava a padecer.

Verdade é que nada compreendia e que queria fazê-lo e que tal circunstância revelava algo que deveria ser melhorado em sua vida espiritual, mas, de qualquer maneira, o patriarca tinha a plena convicção de que nada ocorre sem que se esteja diante da vontade do senhor. Esta mesma visão foi-nos trazida por nosso senhor (**Mt.10:30**) e deve ser uma constante em nossa vida espiritual.

III. A ATITUDE DE JÓ NÃO ERA DUALISTA

O diabo, portanto, embora tenha sido o acusador de Jó e tenha sido o próprio instrumento de sua ruína, nada representava na vida espiritual do patriarca, que nem a ele faz menção. É precisamente este o papel que o diabo deve ter em nossas vidas espirituais, ou seja, nada.

Lamentavelmente, muitos crentes não têm se comportado desta maneira, mas, muito pelo contrário, têm vivido em função do próprio adversário, dando a ele um lugar que, em absoluto, ele tem.

OBS: As Escrituras o descrevem (o diabo - observação nossa) como caluniador dos homens diante de Deus. Esse assaca acusações hostis contra os crentes. Ele foi o acusador de Jó (**Jó 1:6-11**) e é pintado como se vagueasse pela face da terra, espiando a fraqueza daqueles que procuram a vitória na inquirição espiritual.

O diabo é como um leão que destrói sem misericórdia. Em seu ser não há bem algum, embora ele goste de apresentar- se como um ser bondoso. “Provavelmente, está auto-enganado.” **(R.N. CHAMPLIN. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v.2, p.133-4).**

Como vimos, o livro de Jó é considerado como o livro mais antigo da bíblia sagrada e, portanto, é muito importante observarmos que o papel do diabo neste escrito, escrito este que não sofre qualquer influência cultural de crenças e filosofias que surgiriam posteriormente no mundo antigo, notadamente na Pérsia, onde a religião predominante era o "zoroastrismo" ou "masdeísmo", uma religião dualista, na qual havia dois deuses, um deus do bem (chamado Ahura Mazda ou Ormuzd) e um deus do mal (chamado Ahriman).

Dentro deste princípio dualista, que se misturou com crenças

babilônicas, surgiu uma tradição cultural, mesmo entre os judeus, que deve ser rejeitada pelos sinceros e genuínos servos do senhor, na qual se atribui ao diabo um papel ativo e preponderante na organização do universo, transformando-o de um rebelde opositor, de um condenado ainda não executado, em um deus maligno, em uma força comparável à "força do bem", a que se reduz a figura de Deus, nesta concepção.

OBS: No período de 538-332 a.C., Israel esteve sob fortíssima influência do masdeísmo, porquanto esteve dentro da órbita persa e, conforme muitos estudiosos asseveram, Ciro, rei da Pérsia, foi uma grande figura do masdeísmo.

Essas idéias masdeístas aparecem em várias passagens do Talmude, além de livros como o de Tobias, que faz parte dos livros apócrifos do antigo testamento. Essas idéias também se refletem em vários costumes que tinham os essênios, em vários encantamentos antidemoníacos após o contato de Israel com a Pérsia, puderam ser acompanhados os seguintes elementos do masdeísmo dentro das manifestações religiosas de Israel: a. uma angelologia formal, com seis ou sete arcanjos à testa de uma hierarquia angelical bem desenvolvida; anjos que não eram meros assessores de Deus, mas também seus intermediários, com freqüência, com a responsabilidade de certas nações no mundo (…); e. uma demonologia bem mais desenvolvida do que a que se vê no antigo testamento; f. o conceito de um cabeça supremo do mal (satanás), formando um dualismo bem pronunciado…**" (R.N. CHAMPLIN. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v.6, p.742).**

No judaísmo pós-exílico, bem como na crença religiosa do zoroastrianismo, o berm e o mal estavam emparelhados numa unidade de oposição contrastante. É quase certo que os judeus tenham herdado essa noção dualística dos persas. Durante muitos séculos, depois do Cativeiro da Babilônia, que havia começado em 586 a.E.C., os judeus tinham vivido em grandes concentrações permanente entre os babilonios e os perdas, formando uma população de mais de um milhão, mesmo antes da era cristã.

É natural que houvessem assimilado muito da cultura alienígena em cujo seio vivia inclusive certas crenças religiosas, pois que havia um intercambio livre e esclarecidos entre os 'sábios' persas ou 'magos' e os 'mestres de sabedoria' judeus - os sábios rabínicos.

Havia, porém, uma diferença fundamental entre o dualismo encontrado na religião persa e o que se desenvolveu posteriormente de maneira independente entre os judeus. Na religião de Zoroastro havia duas deidades, simbólicas do bem e do mal. Um era Osmuzd (o deus da Luz), e outra era Ahriman (o deus da Escuridão). Estavam empenhados numa luta incessante pela supremacia do mundo.

É verdade que se pode encontrar um parentesco de oposição entre os deuses persas e o conceito judaico de 'Inclinação para o bem - inclinação para o mal', pois este último par também era dramatizado como composto por rivais implacáveis engajados numa batalha sem fim um frente ao outro.

Aqui, porém, termina qualquer semelhança, pois que os ensinamentos rabínicos dotavam esse conflito de um caráter naturalístico - de fato, quase psicológico - declarando que o “bem” e o "mal" não eram, ao contrário do que pretendiam os persas, forças sobrenaturais que operavam fora dos seres humanos, mas inclinações naturais dentro dos “seres humanos…” **(Nathan AUSUBEL. Ietzer Tov e Ietzer Ha-Ra. In: A JUDAICA, v.5, p.364).**

Foi em virtude deste princípio dualista que se agigantou a figura do adversário em alguns escritos judaicos posteriores ao exílio da Babilônia, como em alguns livros apócrifos, v.g., o de Tobias. Segundo este ponto-de-vista, o adversário seria um contraponto ao poder divino, o que não pode ser admitido por quem segue os ensinamentos bíblicos.

Embora seja um ser real, mais poderoso do que o ser humano em sua natureza, o adversário e os anjos que o seguiram são seres que estão apenas aguardando a execução de sua condenação pelo senhor e não representa qualquer afronta à soberania divina.

O livro de Jó é uma demonstração inequívoca de que todo o poder de que goza o diabo não o coloca, em absoluto, fora do controle do senhor. É por este motivo que o apóstolo Tiago afirma que, quando pecamos, cedemos a nossas próprias concupiscências (**Tg.1:14**), pois o diabo não tem poder de nos atingir e nos escravizar, a menos que o queiramos.

O que o diabo faz é nos induzir à tentação, ou seja, incitar em nós a natureza pecaminosa que temos, a fim de que, por nossa vontade, desobedeçamos ao senhor. É o que tem feito desde o primeiro pecado da humanidade (Cf.**Gn.3:4-6**).

É por isso que Jesus, na oração-modelo, ensina-nos a pedir ao pai que "não nos induzas à tentação" (**Mt.6:13a**), numa clara demonstração de que devemos pedir a Deus que não nos permita enfrentar a tentação, fazendo com que, tal qual o patriarca Jó, possamos nos desviar do mal.

OBS: Ë Interessante observar que a visão muçulmana a respeito do diabo coaduna-se, perfeitamente, com este ponto de vista encontrado no livro de Jó. No Corão, satanás (ali chamado de satã) é apresentado, também, como um ser rebelde contra Deus, que detesta o homem e que não tem poder algum sobre os homens, que o seguem por livre e espontânea vontade.

É o que verificamos em alguns trechos corânicos: "… Todos comparecerão diante de Deus! (…). E quando a questão for decidida, satanás lhes dirá: Deus vos fez uma verdadeira promessa; assim, eu também vos prometi; porém, faltei à minha, pois não tive autoridade alguma sobre vós, a não ser convocar-vos, e vós me atendestes.

Não me reproveis, mas reprovai a vós mesmos. Não sou o vosso salvador, nem vós sois os meus. (14:21,22). "... Quando leres o Alcorão, ampara-te em Deus contra satanás, o maldito". Porque ele não tem nenhuma autoridade sobre os fiéis, que confiam em seu senhor. "Sua autoridade só alcança aqueles que a ele se submetem e aqueles que, por ele, são idólatras…". (16:98-100) "… Disse-lhe (Deus): Vai-te, (satanás)! E para aqueles que te seguirem, o inferno será o castigo bem merecido! Seduze com a tua voz aqueles que puderem, dentre eles; aturde-os com a tua cavalaria e a tua infantaria; associa-te a eles nos bens e nos filhos, e faze-lhes promessas! Qual! Satanás nada lhes promete, além de quimeras".

Não terás autoridade alguma sobre os Meus servos, porque basta o teu Senhor para Guardião…. "(17:63-65). Este pensamento dualista não se circunscreveu ao "zoroastrismo" e esteve, também, presente em doutrinas como o taoísmo, de onde surgiram as noções de "Yin" e "Yang", que foram acolhidas, vigorosamente, pelo movimento nova era e que tanta popularidade tem alcançado nos nossos dias, gerando uma série de concepções totalmente alheias aos ensinos da palavra de Deus, como "energias positivas", "astral", "bons fluidos" etc.

E que, pasmemos todos, têm conseguido até guarida entre supostos teólogos, pois, a isto se resumem doutrinas tão em voga nos dias de hoje como

os de "maldição hereditária" e outras mais. É o espírito do anticristo que já está operando ativamente no mundo (**I Jo.4:3**).

OBS: "…O taoísmo é uma das principais religiões ou filosofias da China. Foi fundada em cerca de 500 a.C. por Lao-Tsé, o qual ensinava que a felicidade pode ser adquirida mediante a obediência aos requisitos da natureza humana e a simplificação das relações sociais e políticas, de acordo com o entao ou caminho, o princípio básico do cosmos, de onde procede a natureza inteira.(…)".

O indivíduo venceria através do quietismo deixando as coisas continuarem, mantendo-se na tranqüilidade, deixando de lutar, procurando encontrar a harmonia da natureza. Haveria dois conjuntos de qualidades opostas, denominados o yin e o yang, que ajudariam a estruturar o universo e governariam todas as coisas. No indivíduo, essas forças encontrariam seu devido equilíbrio**…."(R.N. CHAMPLIN. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v.6, p.319-20).**

A total ausência do diabo nos discursos, debates e lamentos de Jó define bem que, na vida espiritual do crente, devemos ter este comportamento com relação ao inimigo: de total desconsideração, mas sem indiferença.

Embora não tenhamos qualquer comunhão com o adversário e ele nada represente em nossa vida, não devemos deixar de reconhecer a sua existência e a sua força, buscando, assim, sempre nos mantermos debaixo da proteção do Senhor (**Sl.91:1**), para que, assim, alcancemos a vitória sobre o mal.

Diante do que temos dito, é oportuno mostrar como estão fora dos padrões bíblicos os verdadeiros espetáculos deprimentes que temos observado em supostos cultos divinos, onde o diabo tem verdadeira proeminência, pois é ele o invocado, o procurado, o buscado, a fim de que se tenham exorcismos, diálogos, "sessões de descarrego" e outras inovações, fazendo do adversário a principal personagem de um culto que deveria adorar a Deus.

Ao mesmo tempo, existem aqueles que têm se tornado obcecados investigadores do satanismo, que tem aumentado grandemente nos nossos dias, mas nesta obsessão tem até se esquecido de pregar a palavra de Deus e de pregarem o evangelho, pois é assim que iremos levar a luz e aonde a luz chega, as trevas dissipam-se (**I Jo.2:8**).

OBS: "Sem importar o termo empregado acerca de esse ser, em todas

as descrições bíblicas está em vista um ser real, vivo, e não meramente um símbolo do mal.…” **(R.N. CHAMPLIN. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v.6, p.102).**

Conclusão

Também devemos refutar o pensamento contrário, segundo o qual o diabo é uma ficção, um ser imaginário, ou algo semelhante, como tem chegado a defender alguns supostos teólogos. O diabo existe, sim, é um ser real e deve ser tratado como um ser que, embora tenha perdido a posição que detinha na glória divina, ainda não foi executado e está a vaguear pelo universo, com sua missão de roubar, matar e destruir, buscando enganar os homens, a fim de que tenham o mesmo triste fim que lhe está reservado.

QUESTIONÁRIO

1) Quando e que acusador consegue atingir o crente?

R: quando há um propósito divino a nosso favor.

2) Como deve se representado satanás na vida do cristão?

R: É precisamente este o papel que o diabo deve ter em nossas vidas espirituais, ou seja, nada.

3) Como as Escrituras o descrevem o diabo?

R: como caluniador dos homens diante de Deus

PARA REFLETIR

Uma característica do patriarca Jó, o segredo de sua vitória frente ao desafio de satanás diante de Deus, é a sua sinceridade, que algumas versões mais novas da Bíblia Sagrada chamam de “integridade”. O verdadeiro servo de Deus deve ser um íntegro, ou seja, estar inteiramente moldado pelo senhor. É a sinceridade (ser “sem cera”, sem qualquer trinco em seu caráter), que nos permitirá vencer o mal e alcançar a vida eterna será que podemos repetir as palavras do apóstolo Paulo: “sede meus imitadores, como eu sou de Cristo? “(**I Co.11:1**).

Meditação Diária						
Domingo Efésios 5:27	*Segunda Mateus 19:4,5*	*Terça João 4:23*	*Quarta Salmo 19:3*	*Quinta Provérbio 20:7*	*Sexta Atos 10:38*	*Sábado Filipenses 2:15*

LIÇÃO:6 AINDA RETÉNS A TUA INTEGRIDADE?

Texto base: (jó1:8-11)

8. Aí o SENHOR disse: —Você notou o meu servo Jó? No mundo inteiro não há ninguém tão bom e honesto como ele. Ele me teme e procura não fazer nada que seja errado. **9.** Satanás respondeu: Será que não é por interesse próprio que Jó te teme?**10.** Tu não deixas que nenhum mal aconteça a ele, à sua família e a tudo o que ele tem. Abençoas tudo o que Jó faz, e no país inteiro ele é o homem que tem mais cabeças de gado. **11.** Mas, se tirares tudo o que é dele, verás que ele te amaldiçoará sem nenhum respeito.

INTRODUÇÃO

No seu desafio lançado contra Jó, o adversário achou que a fé inabalável do patriarca estava baseada nas bênçãos que recebera do senhor, mas, para sua surpresa, depois que foi dizimado em seu patrimônio, Jó adora ao senhor, como vimos na lição anterior.

Depois que Jó perdeu a saúde, que era o bem onde imaginava o adversário, estava a base de sua fé, teve nova decepção. No desespero de sua infeliz aventura, o acusador usa a própria mulher do patriarca para indagar se, mesmo daquele jeito, o patriarca reteria a sua sinceridade e a resposta foi nova adoração (**Jó 2:10**).

Qual será nossa resposta se o diabo, que não cessa de nos atormentar, usar alguém com a mesma pergunta que colocou na boca da mulher de Jó?

I. O QUE É A INTEGRIDADE

O comentarista utiliza o termo “integridade”, para traduzir com mais precisão a expressão bíblica original que a versão revista e corrigida de João Ferreira de Almeida traduziu por “sinceridade”. A palavra “sinceridade” vem do latim “sine cera”, ou seja, “sem cera”, expressão utilizada para confirmar a autenticidade de um objeto de barro.

Usualmente, os comerciantes daquela época, quando verificavam que o vaso ou outro objeto de barro tinha algum defeito ou alguma trinca, usavam cera para esconder a falha. Se um objeto era “sem cera”, isto significava que era inteiro, ou seja, sem trincas, sem falhas, sem defeitos.

Esta inteireza é o que caracteriza a sinceridade. Daí porque se usar do termo “integridade”. É preciso estar inteiramente dentro do modelo bíblico para que alguém seja considerado sincero diante de Deus.

Era esta sinceridade, este caráter inteiramente dentro da vontade de Deus que o senhor exigiu de Abrão quando perante ele se apresentou. Vemos no capítulo **17** do livro de Gênesis que Deus se apresenta ao patriarca e diz: “Anda na Minha presença e sê perfeito” (**Gn.17:1**, parte final). Esta exigência era a exigência da sinceridade, de uma vida sem falhas, sem defeitos, sem tentativa alguma de duplicidade, de hipocrisia ou de engano.

O servo de Deus deve ser um vaso que se apresente diante de Deus sem qualquer mácula, ruga ou coisa semelhante, pois é dos tais que a Igreja é formada (**Ef.5:27**). É importante observar que Deus sabe que somos seres imperfeitos, que não poderemos jamais alcançar, nesta terra, a perfeição absoluta. Sempre estaremos em falha diante de Deus (cf. I**Jo.1:8**-**2:2**), como, aliás, conforme já estudamos, era a própria situação do patriarca Jó, cuja vida ainda exigia uma santificação mais intensa, daí porque até Deus ter permitido a prova que é o objeto de reflexão do livro de Jó.

Mas se é fato que nunca alcançaremos a impecabilidade nesta vida, nem por isso, podemos viver pecando, pois quem está em comunhão com o Senhor não tem qualquer prazer no mal e o evita, como acontecia com Jó. O pecado, na vida de um servo de Deus, é um acidente, possível, mas improvável e que gera, imediatamente, um mal-estar tão grande no fiel, que ele se arrepende e pede perdão ao senhor (**Sl. 51**).

OBS: Recentemente nos utilizamos de uma ilustração que entendemos seja oportuno aqui compartilhar. Se perguntarmos para os nossos alunos da EBD se os mesmos sabem andar, certamente todos dirão que sim. Se perguntarmos quem não escorregou ou não caiu no último ano, dificilmente alguém se apresentará.

Se perguntarmos, por fim, quem escorregou ou caiu porque quis, propositadamente, teremos ainda menos probabilidade de que alguém se apresente. Assim como caímos ou escorregamos sem querer, sem planejar e logo nos levantamos e não queremos mais saber de cair, do mesmo modo, na nossa vida, acabamos pecando sem querer, sem intenção, mas logo nos reconciliamos com o senhor e prosseguimos nossa jornada.

A sinceridade, ou integridade, é um requisito indispensável de um autêntico servo do senhor. Só o sincero pode mostrar que é temente ao senhor e, como já vimos somente alguém que realmente considere Deus como seu senhor, pode ser-lhe temente e reverente (**Pv.14:2**). Só o justo pode andar na sua sinceridade (**Pv.20:7**).

A bíblia sempre demonstra que Deus se agrada da sinceridade do homem. Afirma que Deus corresponde a esta sinceridade (**II Sm.22:28**; **Sl.18:23,25**); que a herança do sincero é o bem (**Pv.28:10**); que a sinceridade anda juntamente com a humildade e que ambas nos mantêm limpos de grande

transgressão (**Sl.19:13**); que a sinceridade gera a proteção divina (**Pv.13:5**); que a sinceridade dá-nos direção na vida (**Pv.11:3**).

Não é à toa, portanto, que Paulo desejava ardentemente que os filipenses fossem sinceros (**Fp. 1:10**; **2:15**). Na nossa vida com Cristo, não podemos ter outro ingrediente senão a sinceridade (**I Co.5:8**), não sendo concebível que sirvamos a Deus com segundas intenções, sem o verdadeiro desejo de colocar nossas vidas segundo a vontade do senhor, mas de, tão somente, usufruirmos das bênçãos que estão à nossa disposição.

Não nos esqueçamos de que nosso Deus conhece o íntimo do homem (**I Sm.16:7**; **Jo.2:23-25**). Assim, não adianta que estejamos festejando ao senhor, participando de cultos e demais reuniões se não formos sinceros, pois, se podemos estar enganando aos outros, não estaremos causando impressão alguma diante do senhor!

II. A INTEGRIDADE SEXUAL

No seu testemunho a respeito de Jó, Deus diz que o patriarca era sincero (ou íntegro), não apontando em que setores da vida, Jó apresentava esta sinceridade, até porque, se Jó era íntegro, naturalmente isto envolvia todos os aspectos da sua vida, pois a integridade não pode ser parcial, pois, caso contrário, integridade não seria.

Entretanto, o texto sagrado permite-nos observar alguns aspectos da integridade de Jó, que servem como exemplo que devemos seguir, se quiser ter o mesmo testemunho divino que Jó obteve. O primeiro aspecto que podemos verificar na vida de Jó é a sua integridade sexual. O patriarca afirmou que havia feito um concerto com os seus olhos e que não os fixaria numa virgem (**Jó 31:1**).

Num mundo que aceitava a poligamia, Jó era monogâmico, estando, pois, fiel ao modelo divino (**Gn.2:24**; **Mt.19:4,5**), apesar de a sociedade permitir uma outra conduta, o que, aliás, outros grandes servos de Deus não observaram (tais como Abraão, Davi, Salomão, entre outros). Muitos assim procedem atualmente. Querem servir a Deus, mas não com os seus parâmetros, mas com os parâmetros do mundo, buscando moldar-se aos costumes mundanos, que não têm qualquer compromisso com Deus.

Porventura, não é o que vemos quando estão muitos a defender que o divórcio deve ser tolerado e admitido na igreja, já que tem guarida nas legislações do mundo inteiro, nos casos não previstos na Palavra de Deus? Não é o que vemos em alguns pseudo estudiosos da bíblia sagrada que vêem a possibilidade de alguém servir a Deus e ser, simultaneamente, lascivo, homossexual ou divulgador de pornografia ou pornofonia?

Jó tinha compromisso, diz que havia feito um “concerto com os seus olhos”, ou seja, um compromisso íntimo consegue mesmo e com Deus, de servi-lO e não se importar com os costumes do mundo, mas tinha apenas um objetivo: agradar a Deus.

OBS: É realmente deprimente observarmos pessoas envolvidas com pornografia e se dizendo crente, como vemos em nossos dias. Aliás, um dos programas mais pornográficos da televisão brasileira, na atualidade, é apresentado por uma pessoa que se diz crente. São os últimos dias... Veja o que fala a respeito o pastor Augusto Nicodemus: "O que tem de mais em ver pornografia”?

Muito embora os evangélicos em geral sejam contra a pornografia (alguns apenas instintivamente) nem todos estão conscientes do perigo que ela representa. Menciono alguns deles em seguida: Consumir deliberadamente material pornográfico é violar todos os princípios bíblicos estabelecidos por Deus para proteger a família, a pureza e os valores morais. A própria palavra "pornografia" nos aponta essa realidade. Ela vem da palavra grega pornéia, que juntamente com mais outras 3 palavras (pornôs, pornê e pornéuo) são usadas no novo testamento para a prática de relações sexuais ilícitas, imoralidade ou impureza sexual em geral.

Freqüentemente essas palavras de raiz porn- aparecem em contextos ou associadas com outras palavras que especificam mais exatamente o tipo de impureza a que se referem: adultério, incesto, prostituição, fornicação, homossexualismo e lesbianismo. O novo testamento claramente condena a pornéia: ela é fruto da carne, procede do coração corrupto do homem, é uma ameaça à pureza sexual e devemos fugir dela, pois os que a praticam não herdarão o reino de Deus.

A pornografia explora exatamente essas coisas — adultério, prostituição, homossexualismo, sadomasoquismo, masturbação, sexo oral, penetrações

com objetos e — pior de tudo — pornografia infantil, envolvendo crianças d até 4 anos de idade.

Consumir deliberadamente material pornográfico é contribuir para uma das indústrias mais florescentes do mundo e que, não poucas vezes, é controlada pelo crime organizado. Segundo um relatório oficial em 1986, a indústria pornográfica nos Estados Unidos é a terceira maior fonte de renda para o crime organizado, depois do jogo e das drogas, movimentando de 8 a 10 bilhões de dólares por ano. Acredito que o quadro é ainda pior hoje.

A indústria da pornografia apoia e promove a indústria da prostituição e da exploração infantil. Os dinheiros que pais de família gastam com Pornografia deveriam ir para o sustento de sua família. “Alguns podem alegar que consomem apenas material soft contendo somente cenas de nudez esquecendo que esse material é produzido pela mesma indústria ilegal que produz e distribui a pornografia infantil"
(Augusto N. LOPES. Qual o problema de gostar um pouco de pornografia? (**http://www.uol.com.br/bibliaworld/igreja/estudos/nicod003.htm**).

Nesta passagem em que Jó denuncia sua integridade sexual, observamos que a fonte de todo pecado moral é a má utilização dos olhos. Aqui temos o órgão que deve ser santificado para que não se tenham fracassos morais na vida de um servo de Deus, especialmente do homem. Não é por outro motivo que toda a indústria do sexo (que é o terceiro maior negócio do planeta), investe maciçamente na pornografia e na visão para angariar seus cada vez maiores lucros. Jesus di-lo claramente no sermão do monte (**Mt.5:29**). Assim, deve o servo do senhor ser cuidadoso e não permitir que, pela visão, acabe sucumbindo moralmente.

OBS: Os grandes escândalos que se têm veiculado na imprensa mundial a respeito da pedofilia, envolvendo, notadamente, sacerdotes católico-romanos, é resultado de toda esta perversão da visão. Aliás, embora a imprensa tenha dado ênfase, nos últimos tempos, aos casos envolvendo a igreja romana, não são poucos, também, os escândalos que têm atingido nomes proeminentes das diversas denominações evangélicas, ou não são raros os casos que chegam a conhecimento, dia após dia, em nossas igrejas locais a respeito de fracassos morais de nossos jovens e adolescentes.

Enquanto o inimigo de nossas almas segue firme em sua utilização da

pornografia e da pornofonia, em muitos lugares, os servos do senhor têm procurado tapar o sol com a peneira e se negado a dar uma autêntica orientação sexual a nossa mocidade, dentro dos padrões bíblicos. É hora de despertarmos enquanto é tempo!

Aliás, quanto a este ponto, elucidativo transcrever mais um trecho do já mencionado artigo do pastor presbiteriano Augusto Nicodemus Lopes: "Associado com a pornografia hardcore está o surto de violência sexual contra as mulheres e crianças nas sociedades modernas onde esse material pode ser obtido facilmente".

Estudos por especialistas americanos mostram que existe uma estreita relação entre pornografia e a prática de crimes sexuais. Eles afirmam que 82% dos encarcerados por crimes sexuais contra crianças e adolescentes admitiram que fossem consumidores regulares de material pornográfico.

O relatório oficial do chefe de polícia americano em 1991 diz: "Claramente a pornografia, quer com adultos ou crianças, é uma ferramenta insidiosa nas mãos dos pedofílicos [viciados em sexo com crianças]". A pornografia está estreitamente associada ao crescente número de estupros nos países civilizados. Só nos Estados Unidos, o número conhecido pela polícia cresceu 500% em menos de 30 anos, que corresponde ao aumento da popularidade e facilidade em se encontrar material pornográfico.

Cerca de 86% dos condenados por estupro admitiram imitação direta das cenas pornográficas que assistiam regularmente.(…) Podemos fazer alguma coisa, sim! Acredito que os pastores e as igrejas evangélicas no Brasil podem fazer algumas coisas: ler os estudos e relatórios sobre os efeitos da pornografia feitos por comissões especializadas; pregar sobre o assunto e especialmente dar estudos para grupos de homens; desenvolver uma estratégia pastoral para ajudar os membros das igrejas que são adictos à pornografia; não esquecer que muitos pastores podem precisar de ajuda eles mesmos; criar comissões que se mobilizem ativamente contra a pornografia, utilizando-se dos dispositivos legais que o permitam (uma possibilidade é encorajar os políticos evangélicos a tomar posições bem definidas contra a pornografia); desenvolver uma abordagem que trate da sexualidade de forma bíblica, positiva e criativa; tratar desses temas desde cedo com os adolescentes da igreja expondo o ensino bíblico de forma positiva; orar

especificamente pelo problema.

Não estou pregando uma cruzada de moralização, embora evidentemente a igreja evangélica brasileira pudesse tirar bastante proveito de uma. A pornografia é um mal de graves conseqüências espirituais e sociais embora não acredite que devamos fazer dela o inimigo público número 1, como algumas organizações moralistas e fundamentalistas dos Estados Unidos.

Afinal das contas, a raiz desse problema — e de outros — é o coração depravado e corrompido do homem, que só pode ser mudado pelo evangelho de Cristo.

(Augusto N. LOPES. Qual o problema de gostar um pouco de pornografia?
http://www.uol.com.br/bibliaworld/igreja/estudos/nicod003.htm).

III. A INTEGRIDADE SOCIAL

Homem que, apesar de sua santidade e de seu testemunho diante de Deus, não se isolava da comunidade onde vivia. Muito pelo contrário, ele era uma pessoa que participava da vida social e buscava compartilhar seus valores de santidade para o bem da sociedade onde vivia.

Disto temos prova ao verificarmos os discursos do patriarca com os seus amigos, onde mostra como era sua vida social. Isto é uma demonstração de que a santidade significa separação do pecado e não do meio social. Um grande equívoco é achar o contrário.

De nada adianta a pessoa querer ser santa na solidão de conventos ou de monastérios, pois o que importa é que esteja separada do pecado. Jesus, mesmo, foi um exemplo disto, ao viver em meio a pecadores e publicanos, mas sempre separado do pecado.

OBS: Falar em conventos e monastérios para de muitos irmãos e irmãs, que têm procurado refugiar-se nas quatro paredes dos templos, desde a manhã até a noite, esquecendo-se, inclusive, dos seus afazeres domésticos e do cuidado de suas famílias, encontraremos os "monges" do século XXI. Aliás, a própria tendência de nossas igrejas locais de multiplicarem as atividades internas (ensaios, confraternizações etc.) em detrimento de tarefas evangelísticas externas, é um sinal de que o monasticismo não é um fenômeno

que esteja tão distante de nossa realidade eclesiástica atual.

Ao invés de andar pelos desertos e de forma ascética, como fez João Batista e os essênios, Jesus tinha uma conduta totalmente diversa, que é o exemplo que devemos seguir. Jó, ao descrever seu primeiro estado, demonstra que era uma pessoa que "fazia resplandecer a as candeias sobre a sua cabeça e com a sua luz caminhava pelas trevas" (**Jó 29:3**).

Como era isso possível? Jesus explica-nos no sermão do monte ao dizer que somente resplandeceremos como luzes do mundo se fizerem boas obras (**Mt.5:16**). O próprio Jesus foi o exemplo supremo disto, tanto que Pedro, ao sintetizar o ministério de nosso senhor, foi enfático ao dizer que ele "andava fazendo bem" (**At.10:38**).

Se formos consultar o memorial que existe a respeito de nossas obras que temos feito por meio do corpo (**Ml.3:16**, **IICo.5:10**), será que teremos a mesma expressão do patriarca ?

Será que os irmãos em Cristo poderão dizer que temos feito bem?

OBS: A Bíblia é clara ao dizer que as obras não alcançam a salvação, não tendo, pois, qualquer base doutrinária o pensamento kardecista ou, mesmo, católico-romano a respeito do assunto. Entretanto, a palavra de Deus também não deixa qualquer dúvida de que uma fé sem obras é uma fé morta em si mesma (**Tg.2:17**).

Quando vemos a ação social de movimentos muito menores do que os nossos, deveríamos ficar envergonhados e pedir perdão ao senhor. Não temos sequer utilizado nosso potencial para dar conta dos próprios domésticos da fé. Que possamos acordar enquanto é tempo!Jó tinha um porte na sociedade que o permitia ter credibilidade no meio do povo onde vivia (**Jó 29:7-11**). Sem palavra, mas com sua vida, Jó granjeava a simpatia e o respeito das pessoas que o cercavam, ainda que não fossem participantes da mesma fé de Jó.

A igreja deve ser o sal da terra, ou seja, com seu comportamento e conduta, deve obter a credibilidade daqueles que a cercam. O crente deve influenciar o ambiente onde vive, adquirindo respeito e consideração por parte dos descrentes. Isto somente ocorrerá se vivermos uma vida sincera diante de Deus, de profunda comunhão com o senhor.

Não é, repetimos, isolando-nos, comportando-nos como os fariseus dos tempos do senhor, que angariaremos este testemunho, mas, antes, vivendo no

mundo, mas não sendo do mundo. Aliás, Jesus não pede ao pai que sejamos tirados do mundo (**Jo.17:15**).

Qual tem sido o nosso comportamento no meio dos descrentes? Temos sido sal da terra, influenciando o ambiente onde vivemos, ou, sempre que possível, conformamo-nos aos métodos e costumes do mundo para não sermos achados "diferentes" ou "fanáticos"? Paulo exorta os crentes, numa verdadeira súplica, que jamais tomem a forma do mundo, mas que estamos sempre apresentando nossos corpos ao senhor num culto racional (**I Co.12:1**).

OBS: Um dos pontos mais importantes, nos nossos dias, para que alguém tenha credibilidade é que sua conduta seja coerente com o seu falar. Jesus afirmou que seus discípulos deveriam ter um falar definido, sem meios termos nem titubeios (**Mt.5:37**).

Se, efetivamente, fizermos o que pregamos, alcançaremos um nível de respeito e de consideração no meio social onde vivemos.Jó era uma pessoa piedosa, que não admitia a desigualdade social e que não deixava de praticar a caridade (**Jó 29:12,13**).

Pensava no órfão, no miserável e na viúva, preocupação que também era a da Igreja primitiva (**At.5:32-36**, **6:1-3**). Embora a função primordial da Igreja seja a salvação das almas, devemos observar que é sua tarefa, também, cuidar do corpo dos crentes e dos ímpios, mostrando, com gestos concretos, o amor divino que afirma ter em seus corações.

A assistência social é um segmento indispensável que não pode faltar em qualquer igreja local, sob pena de não podermos provar que o senhor tem, realmente, salvado as nossas vidas e transformado o nosso ser (**I Jo.3:16-18**, **4:21**).

Lamentavelmente, por causa da insistência que nossa denominação faz para demonstrar que as obras não salvam pessoa alguma (e não salvam mesmo), acabamos negligenciando com relação à assistência social e, embora sejamos a maior denominação evangélica do Brasil, nem de longe temos a principal obra de assistência social em nosso país, apesar de ser ele o campeão mundial da desigualdade social. Certamente, se Jó fosse brasileiro, não se comportaria como nós temos os comportado...

OBS: “... A função social da igreja já iniciou com Jesus; num espírito humanitário. Ele sempre procurou socorrer os necessitados e tinha sua

atenção voltada para a sociedade, colocando sempre as necessidades espirituais acima das materiais, com seu espírito de misericórdia e compaixão, sempre voltado a todos. A Igreja, portadora do mesmo sentimento de amor, sempre foi voltada para o social, procurando suprir as necessidades e socorrer os carentes."

(...) Valorizar a alma humana, com um valor maior que o mundo inteiro, sempre foi a filosofia do divino mestre; não deveriam, porém, esquecer das necessidades físicas...Assim, pode-se perceber que existem graus sucessivos de desgraças, e a cada uma dessas desgraças, o verdadeiro discípulo do reino de Deus precisa reagir.

Muitos desses atos de caridade aqui citados não são tais que requeiram mera doação de dinheiro, alimentos ou roupas, mas envolvem o sacrifício de tempo, forças, descanso e de conforto... (...) Essas expressões resultam da graça do espírito atuando no íntimo. A fé é filha da caridade, do amor, é um dom de Deus; todavia, está disponível para todos, porquanto essa é a provisão de Deus para todos os crentes.

"(Osmar J. da SILVA. Reflexões filosóficas de eternidade a eternidade, v.5, p.120-1).

Ele (Rabi Iaacov) dizia: "É mais bela uma hora de arrependimento e de realização de boas ações neste mundo do que toda a vida no mundo vindouro; e mais bela é uma hora de beatitude no mundo vindouro do que toda a vida neste mundo". (Pirket Avot 4,22).

Este texto do mencionado tratado do Talmude, coletânea da lei oral judaica, é assim comentado por Irving m. Bunim: "A cada hora livre que pudermos gastar ociosamente, duas estradas se abrem diante de nós: uma é dos prazeres terrenos e gratificações imediatas, que certamente parece plana e fácil: outra é a da virtude, para servir o eterno e ajudar as pessoas".

Percorrer tal caminho pode significar muito sacrifício e dificuldade, já que parece estarem repleta de problemas, como arame farpado e espinhos. Mas o sábio Salomão fez o balanço das metas e ganhos terrenos e, como um matemático que escreve uma comprida equação na lousa, cheia de termos complexos, termina provando que o resultado disto tudo é igual a zero.

Portanto, Rabi Iaacov adverte: É melhor dedicar uma hora livre a um recolhimento religioso e boas ações, sabendo que este caminho espinhoso

leva ao percurso mais abençoado de todos. (…) Quanto ao serviço religioso e boas ações, a idéia popular é de que isto é assunto para anjos. (…). Rabi Iaacov ensina o inverso disto: o lugar do prazer está no mais além; e os prazeres desta terra não são comparáveis à bênção da eternidade.

E o lugar da religiosidade e boas ações são neste mundo; no mais além ninguém pode tomar a iniciativa de fazer mitsvot (nome hebraico para mandamento - observação nossa): lá só se pode obedecer e refletir a vontade Divina. A melhor maneira de empregar uma hora nesta Terra é 'sendo um anjo' e cumprindo seus mandamentos. “O melhor modo de utilizar uma hora no mundo vindouro é desfrutando-o, já que lá nunca é mais tarde do que se pensa” **(Irving M. BUNIM. A ética do Sinai, p.274).**

Além de fazer caridade, Jó era procurado para julgar causas e resolver litígios no meio do povo, sendo uma espécie de juiz na sociedade onde vivia. Observe-se que Jó não era uma autoridade formal no meio da população, pois, naquela época, normalmente, a função judicial era cometida a sacerdotes dos cultos idolátricos praticados pela comunidade daquela época, mas isto não impedia que Jó fosse procurado e pudesse resolver questões que lhes eram cometidas (**Jó 29:16**,**17**,**21-23**).

Este papel deve ser o do crente ainda hoje. Somos chamados para sermos pacificadores (**Mt.5:9**), ou seja, para operarmos a reconciliação entre os litigantes, selarmos a paz entre os que nos cercam evitarmos atritos e contendas. Infelizmente, muitos crentes são o oposto disto: são eles os promotores da discórdia, da dissensão, da divisão, da peleja. São apenas crentes nominais, pois tais obras são características de quem ainda vive na carne (**Gl.5:20,21**) e pessoas que devem ser evitadas (**Rm.16:17**).

OBS: Entretanto, em nossas igrejas, temos vivido a mesma situação constrangedora e desagradável que Paulo contemplou na igreja de Corinto, onde, além de os irmãos não serem pacificadores, levavam suas questões e causas para serem decididas por ímpios (**I Co.6:1-9**).

Cada vez mais se acumulam nos juízos e tribunais causas envolvendo crentes e até mesmo igrejas locais e crentes, o que tem servido apenas de escândalo para os infiéis. Que possamos ter pacificadores e pessoas com credibilidade como tinha Jó, para que a paz reine em nossas igrejas locais e entre os Irmãos. Jó era uma pessoa séria (**Jó 29:24**), cujas palavras causavam

impacto no meio do povo (**Jó 29:23**), porque se tratava de pessoa que tinha íntima comunhão com Deus e que, por isso, gerava sede de sua oitiva por parte dos homens que o circundavam. Por isso, era dotado de honra por parte da comunidade, tendo voz ativa e liderança na sociedade.

Este é o verdadeiro papel da Igreja no mundo onde vivemos. Deve influenciar as decisões e o comportamento da população. Mas, será que temos "habitado como rei entre suas tropas, como aquele que consola os que pranteiam" (**Jó 29:25**), ou somos, bem ao contrário, totalmente ineficientes e ineficazes neste ponto.

OBS: Ser sério não significa ser carrancudo, não ser alegre, não ter um sorriso nos lábios. Bem ao contrário, o cristão deve expressar em seu semblante a paz e o gozo da salvação. Entretanto, não deve participar de más conversações, de escárnios e zombarias, as chamadas "chocarrices" e "parvoíces", condenadas pelo apóstolo Paulo (**Ef.5:4**).

Que não nos envolvamos com este tipo de comportamento, pois nossa boca não pode ser um instrumento maligno. Um ensinamento judaico do tratado Pirke Avot do Talmude diz que “risos e leviandade conduzem o homem à libertinagem." (Pirke Avot 3,17a). Irving m. Bunim assim comenta este texto: "... Bem, certa dose de riso faz bem à pessoa, e algum humor é necessário para tornar a vida suportável, pois é relaxante e permite superar as tensões da existência. Em certas ocasiões, Rabi Akiva e Rabi Iehudá Hanassi (grandes mestres judaicos, que tiveram papel fundamental na compilação da tradição oral judaica no que depois se tornou o Talmude - observação nossa) inseriam algumas brincadeiras em suas sérias e compenetradas aulas de Torá, a fim de animar os alunos que estavam semi-adormecidos (…).

Mas, se as brincadeiras e a diversão deixarem de ser um meio param se converterem num modelo de vida, a ponto de destruírem a seriedade e a formalidade, podem levar ao cinismo e ao descaramento, e acabar conduzindo à imoralidade (...). O riso e a leviandade acostumam a pessoa a certos pensamentos; determinados modos de ver as coisas se tornam habituais isto é perceptível em qualquer ambiente.

Assim, o sadismo e a brutalidade da comédia de pancadaria, com o uso constante da crueldade como se fosse uma 'piada', os duplos sentidos e nuanças obscenas em assuntos 'engraçados'; as alusões nada sutis a

corrupção e obscenidade por parte dos 'humoristas' carentes do verdadeiro humor evocam idéias em nossas mentes, que nos afastam da Torá. Quando um homem absorve e revela pensamentos lascivos e impuros, os atos imorais certamente serão o próximo passo. **(Irving M. BUNIM. A ética do Sinai, p.176).**

Se observarmos a conduta dos cristãos no Brasil, veremos que não temos influenciado a conduta e o comportamento de nossa sociedade, que continua sendo a campeã da desigualdade social, um antro de corrupção e um país cada vez mais violento, apesar de sermos uma parte considerável da população (cerca de 20%, segundo o último censo do IBGE).

Leva uma vida sem integridade social ou sexual. É mentira satânica a argumentação de que Deus "só quer o coração", como muitos têm defendido nestes últimos dias. Não se pode ter uma "vida religiosa" desvinculada do dia-a-dia de cada um. Muitos são os que buscam servir a Deus apenas nos templos, de preferência aos domingos, esquecendo-se de uma vida de compromisso com o senhor nos demais dias, nas demais atividades.

Tais pessoas estão se iludindo, achando que uma religiosidade dar-lhes-á oportunidade de salvação. Se alguém tem alguma dúvida quanto a isto é só observar o tratamento que Jesus dá aos fariseus, exemplo máximo de religiosidade meticulosa, mas totalmente desvinculada de um real compromisso com Deus.

Jó tinha uma posição de integridade sexual e de integridade social porque era, antes de tudo, um verdadeiro e sincero servo de Deus. Era alguém que tinha verdadeira comunhão com o senhor e que o servia em espírito e em verdade. E a estes adoradores que Deus está buscando (**Jo.4:23**). Qual tem sido a sua verdadeira posição diante de Deus? Deus tinha pleno conhecimento do estado interior da alma de Jó e, por isso, queria melhorá-lo cada vez mais na sua vida espiritual.

Mas e o (a) querido (a) irmão (ã), qual o testemunho que o senhor tem dado de você? Lembremo-nos que Jesus é o mesmo de que fala João em seu evangelho, no capítulo 2, versículos **23** a **25**. Daí porque ser extremamente feliz a expressão corânica em relação à Jó; "mensagem para os adoradores de Deus". Jó é, realmente, uma mensagem viva para os verdadeiros e sinceros adoradores de Deus.

Ser íntegro espiritualmente é ser salvo e estar em constante santificação. Não é desviar-se da sociedade, mas desviar-se do mal. Não é esconder-se diante dos homens por causa da fé que possui, mas, antes, resplandecer como luz do mundo, ser influente como sal da terra e ter respeito e consideração perante a sociedade, mesmo que isto lhe venha a causar desagrado e impopularidade.

Ser íntegro espiritualmente é amar a Deus e ao próximo como a si mesmo e lutar para que as injustiças, as necessidades sejam supridas. É contribuir para o bem-estar de todos. É estar pronto a servir e a ser um alento para os que padecem e sofrem no mundo de pecado e de dor. Somente assim, poderemos dizer que temos retido a nossa sinceridade.

Após ter indagado seu marido se ainda retinha a sua sinceridade. Dá a mulher de Jó um conselho ao marido: "amaldiçoa a Deus e morre" (**Jó 2:9**). Se formos ao texto original, veremos que, no hebraico, não consta a palavra "amaldiçoa", mas, bem ao contrário, a palavra "abençoa", "bendize".

Tal circunstância causa perplexidade. Muitos estudiosos, entretanto, têm entendido que a tradução efetuada por João Ferreira de Almeida é correta, pois o escritor jamais se utilizaria, em hebraico, da expressão "amaldiçoar" em relação a Deus, sendo, portanto, este o sentido da palavra "abençoe" ou "bendize" do original.

Outros entendem que o que a mulher de Jó estava sugerindo a seu marido era exatamente que louvasse a Deus e o bendissesse, de uma forma religiosa, mas, em seguida, buscasse a própria morte (uma eutanásia ou um suicídio), um ato que, na verdade, estaria desmentindo o senhorio de Deus sobre a vida de Jó.

Conclusão

Não há dúvida, pois, de que, ainda que a expressão no texto original seja "abençoe" ou "bendize" ou "louve", a mulher de Jó estava propondo a seu marido que, por gestos e atitudes, desmentisse o senhorio de Deus sobre sua vida, que deixasse de ser inteiramente submisso a Deus, ou seja, que abandonasse a Deus. A esta sugestão da mulher de Jó, porém, o patriarca responde, uma vez mais, com a adoração, com a submissão: "receberemos o

bem de Deus e não receberíamos o mal?”. Mais uma vez, com seus lábios, Jó não pecou e manteve-se íntegro na presença do senhor.

QUESTIONÁRIO

1) se quisermos ter o mesmo testemunho divino que Jô obteve. O que é preciso?

R: O primeiro aspecto que podemos verificar na vida de Jô é a sua integridade sexual.

2) Quando verificamos os discursos do patriarca com os seus amigos, como era sua vida social?

R: Homem que, apesar de sua santidade e de seu testemunho diante de Deus, não se isolava da comunidade onde vivia. Muito pelo contrário, ele era uma pessoa que participava da vida social e buscava compartilhar seus valores de santidade para o bem da sociedade onde vivia.

3) Se observarmos a conduta dos cristãos no Brasil, qual e o resultado que temos?

R: veremos que não temos influenciado a conduta e o comportamento de nossa sociedade, que continua sendo a campeã da desigualdade social, um antro de corrupção e um país cada vez mais violento, apesar de sermos uma parte considerável da população (cerca de 20%, segundo o último censo do IBGE). Leva uma vida sem integridade social ou sexual.

PARA REFLETIR

Ao observarmos a seqüência de discursos levados a efeito por Jó e seus amigos, notaremos que o patriarca irá apresentar queixas diante de Deus, numa clara demonstração de que era grande o seu desânimo e o seu sofrimento. Entretanto, apesar de todas as suas queixas, Jó jamais pecou ou atribuiu a Deus falta alguma, ainda que tivesse revelado uma auto-estima um pouco pronunciada, aquele quê de auto-suficiência que deveria ser removido de sua vida para que pudesse melhorar ainda mais diante de Deus.

Meditação Diária						
Domingo Provérbios 25:11	*Segunda Eclesiastes 3:7*	*Terça Salmos 127:3*	*Quarta Mateus 27:46*	*Quinta Jó 3:3*	*Sexta Atos 2:3*	*Sábado João 16:33*

LIÇÃO:7 JÓ AMALDIÇOA O DIA DO NASCIMENTO

Texto base: (jó3:1-6)

1. Finalmente Jó quebrou o silêncio e amaldiçoou o dia do seu nascimento.**2.** Jó disse:**3.** “Maldito o dia em que nasci! Maldita a noite em que disseram: ‘Já nasceu! É homem! ’**4.** Que aquele dia vire escuridão! Que Deus, lá do alto, não se importe com ele, e que nunca mais a luz o ilumine!**5.** Que a escuridão e as trevas o dominem; que as nuvens o cubram e apaguem a luz do sol!**6.** Que aquela noite fique sempre escura e quedesapareça do calendário

INTRODUÇÃO

Nesta lição observaremos a conduta de Jó não só no início da parte propriamente poética, mas durante a própria evolução dos debates com seus amigos, pois encontramos um Jó que, apesar de não atribuir a Deus falta

alguma, queixa-se de sua situação, o que não é difícil de entender, porquanto estava a sofrer terrivelmente sem que o soubesse por que.

O principal traço que vemos nas queixas de Jó é o profundo desânimo e falta de qualquer perspectiva na sua existência diante da prova que está a sofrer. Jó passa a ser um pessimista e, embora entenda que o justo tem sua recompensa, não vê como possa ser possível o prosseguimento de sua vida na Terra.

I. JÓ AMALDIÇOA O SEU DIA NATALÍCIO

Jó encontrava-se já certo tempo sofrendo da cruel enfermidade que lhe fora imposta pelo adversário, sendo certo que a notícia de sua tragédia já havia se espalhado pelo mundo então conhecido. Três amigos seus vão visitá-lo e o quadro eram de tanta desolação que, durante sete dias, os amigos nada fizeram a não ser chorar, ante o estado lamentável e grotesco em que se encontrava o patriarca (**Jó 2:11-13**).

Se os amigos de Jó assim se sentiram ao ver o patriarca, como não estaria o próprio patriarca? Há situações na vida das pessoas que estão sofrendo em que o silêncio e a contemplação parecem ser a primeira atitude a ser tomada antes que possamos consolar ou tentar confortar alguém. A própria Palavra de Deus ensina-nos que "há tempo para estar calado" (**Ec.3:7**).

Quando estivermos para acudir e ajudar alguém, devemos, sempre, ter o discernimento para que não saiamos a falar desenfreadamente em momento inadequado. "Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo"(**Pv.25:11**). Jó, após esta semana de silêncio e de lamentação, exterioriza todo o seu desânimo e toda a sua miséria, amaldiçoando o próprio dia do seu nascimento, a sua própria existência.

Verificamos que o patriarca não se revolta contra Deus por causa da sua situação. Antes, havia adorado ao Senhor e reconhecido a sua soberania, mas, diante de tanta dor, começa a questionar a sua própria existência: por que teria sido permitido que nascesse, já que lhe estava reservado tamanho sofrimento?

Por que, então, fora uma bênção para os seus pais (**Sl.127:3**), por que viera a existir se seu fim era tão trágico e cruel? Percebemos que Jó não via sentido na sua existência, mas não se levanta contra Deus por ter existido. O

que o patriarca quer é entender o que está se passando, entender a própria razão da existência humana.

OBS: "Jô ficara solitário, humilhado e sofrendo dores. Seu sofrimento maior era o sentimento de que Deus o abandonara. (1) No seu discurso (vv.2-26), Jó disse a Deus exatamente como se sentia. Começou maldizendo o dia em que nasceu e sua vida de sofrimento, mas note-se que em tudo isso Jó não blasfemou contra Deus. Seu lamento era uma expressão de dor e desolação, mas não uma expressão de revolta contra Deus.

(2) Sempre é melhor para o crente levar ao Senhor em oração suas dúvidas e sentimentos sinceros. Nunca é errado levarmos a Deus nossas aflições e angústias, a fim de invocarmos a sua compaixão. O próprio Jesus Cristo perguntou a Deus; 'Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? '(**Mt.27:46**; cf. **Jr.20:14-18**;**Lm.3:1- 18**)."

(BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 3:1, p.771-5).

Com maldição (vs.3-13) e lamento (vs 14-26), Jó derrama uma torrente de dor e amargura, percebendo-se alvo da ira de Deus. Anseia por descanso interior. Ele não amaldiçoa a Deus, conforme Satanás queria que fizesse. Porém, Jó amaldiçoa a sua concepção e o seu nascimento. Esta explosão de Jó também pode ser estendida como um apelo para que os seus amigos se interessassem e tivessem simpatia por ele.

(BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE, com. Jó 3.2-26, p.512).

No início da queixa de Jó, percebemos, logo de início, que a existência do ser humano inicia-se com a concepção. Ao amaldiçoar este dia, o patriarca fala da sua concepção (**Jó 3:3**), de forma que verificamos que, para Jó, um homem que agradava a Deus, o homem já é um ser humano com a sua concepção, o que mostra, claramente, que o aborto é um assassinato diante de Deus e dos Seus verdadeiros e sinceros servos.

Jó, em seu desalento e desânimo, desejou que o dia de sua concepção jamais tivesse existido. É uma reação natural de quem está desanimado o desejo da morte, o desejo do fim da existência, pois não vê perspectiva alguma no futuro e o passado somente lhe traz dor e amargura. É uma reação própria do ser humano, mas que decorre da tentativa de querermos entender os desígnios divinos e de buscar raciocinar como se fôssemos o próprio Deus.

Esta postura de tentar compreender a Deus é um laço que pode nos

levar à depressão e ao total desânimo, como levou o patriarca Jó. “Devemos fugir deste laço e buscarmos ter o comportamento que o próprio Jesus ensinou-nos a observar:”..o que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois..."(**Jo.13:7b**). Somente assim, poderemos manter esperança e ânimo, atitudes que são indispensáveis para que possamos vencer o mundo(**Jo.16:33**).

OBS: “… Desejar morrer para nós que estamos em Cristo, para nós que estamos livres do pecado, é o efeito e evidência da graça, mas desejar morrer apenas para nós podermos ser liberados dos problemas desta vida, tem cheiro de corrupção. É nossa sabedoria e dever fazer melhor do que isto seja viver ou morrer; e então viver para o Senhor, morrer para o Senhor, e em ambos os casos ser dele (**Rm.14:8**)"

(Matthew HENRY. Comentário Bíblico Conciso- Jó 3 - www.goodrules.net/samericano.htm) (tradução nossa) por Deus, embora mantivesse reconhecendo sua soberania, passou a desejar que a sua existência pudesse ser eliminada do universo, pois Deus, poderoso como é, bem poderia apagar o dia da sua concepção ou de seu nascimento.

Jó não via sentido algum na sua existência, pois, apesar de ter tido um bom testemunho diante de Deus, estava, agora, em situação extremamente lamentável e, certamente, os seus amigos, que ali estavam, iam questionar a sua própria situação. Jó era uma pessoa que conhecia a Deus e a Seu modo de agir e, portanto, ao receber a visita de amigos que, como ele, dedicavam-se a assuntos relativos à divindade, sabia que seria questionado pelo seu proceder e pelo seu modo de agir e não podia compreender porque tudo aquilo lhe viera ao encontro. Jamais devemos ter a presunção de querermos entender a Deus e a Seus desígnios (**Is.55:8,9**), pois Ele é Deus e nós, meros homens(**Sl.9:20**).

OBS: Jó era como um homem que tinha perdido seu caminho e que não tinha perspectiva alguma de escape esperança de tempos melhores. Mas certamente que ele estava de posse de um mau quadro para a morte já que se encontrava tão desgostoso para a vida.

Que seja nosso cuidado constante estarmos prontos para outro mundo, e então deixe para o Senhor ordenar nossa remoção para lá quando Ele tiver vontade. A graça ensina-nos no meio dos maiores confortos da vida a desejar a

morte e no meio das maiores cruzes a desejar a vida. O caminho de Jó estava escondido; ele não sabia o porquê de Deus ter contendido com ele.

O aflito e tentado cristão sabe algo desta aflição; quando ele tem estado olhando demasiadamente para as coisas que se vêem, algum castigo do seu Pai celestial lhe dará o gosto deste desgosto da vida, e um relance das regiões escuras do desespero.

Nem há alguma ajuda até que Deus lhe restaure as alegrias da salvação. Abençoado seja Deus, a terra está cheia da sua bondade, embora cheia da maldade do homem. Esta vida pode ser feita tolerável se nós cumprimos nosso dever. “Nós esperamos por misericórdia eterna, se de boa vontade recebemos Cristo como nosso salvador” **(Matthew HENRY. Comentário Bíblico Conciso - Jó 3** - **www.goodrules.net/samericano.htm**) **(tradução nossa)**

Jó, além de lamentar sua própria concepção, também questiona o seu nascimento (**Jó 3:11**), o instante em que sua mãe deu-lhe a luz, numa clara distinção, uma vez mais, entre um instante e outro, a comprovar que o homem existe desde a concepção, não sendo o feto, como o defendem os abortistas, uma simples parte do organismo da mãe.

Jó é bem claro ao dizer que teria desejado morrer ao nascer, ou seja, que ele já era um ser humano no instante em que sua mãe deu-lhe a luz. Jó pede, também, a Deus, o senhor do tempo, que eliminasse este dia, que ele fosse como que um aborto, pois melhor lhe teria sido esta situação do que a que estava passando agora. É importante salientar que esta expressão de Jó jamais pode ser considerada um apoio ao aborto, pois o texto bíblico é claro em mostrar que se trata de uma queixa e lamento de Jó, portanto de uma expressão que não tem o amparo divino e, mais, o próprio patriarca desejou ter sido um aborto natural, uma morte determinada por Deus, que é o único que pode decidir sobre a vida humana, pois é seu exclusivo dono (**I Sm.2:6**).

Mais uma vez, portanto, vemos o patriarca demonstrar que um servo que agrada a Deus abomina e jamais tolera a idéia do aborto. Além deste aspecto relevante da teologia de Jó, percebemos, também, que o patriarca, ao amaldiçoar estes dois dias (o da sua concepção e o de seu nascimento), pede a Deus que não tivesse cuidado deles nem resplandecesse ele a sua luz sobre eles (**Jó 3:4**).

Ora, isto mostra, claramente, que o patriarca era um homem que cria em um Deus que participa e intervém na sua criação, um Deus vivo, um Deus que está interessado em ajudar o homem, um Deus ativo, não um Deus inerte e que deixa as coisas acontecerem automática e mecanicamente.

Neste ponto, pois, Jó revela-se um "teísta", ou seja, alguém que crê num Deus "que trabalha por quem nele espera" (**Is.64:4**). Apesar de seu desânimo, o patriarca ainda não havia perdido a fé em Deus nem deixado de reconhecer que Deus é um ser soberano, que pode intervir na Sua criação, a ponto de, em sua queixa, pedir que Deus eliminasse lá no passado, a sua própria existência.

Será que temos agido com a convicção do patriarca de que Deus pode intervir nas coisas a nosso favor? Eis um dos motivos pelos quais entendemos que Jó pode ser visto como um desanimado e alguém sem perspectivas de continuidade de existência nesta vida, mas jamais possa ser rotulado de desesperado ou desesperançado. Jó, em seu questionamento, não via motivos para ter sido fonte de alegria para seus pais, seus familiares e para a própria sociedade, se agora estava ali servindo de motivo para lamentação e perplexidade dos seus semelhantes.

Queria ele que toda a alegria causada pela sua existência, agora apenas uma imagem da memória, fossem dissipadas, assim como sua existência (Jó 3:7). Jó, neste particular, entretanto, revelava aquele quê de autossuficiência. Já que não mais desfrutava da alegria, queria que a alegria que sua existência havia proporcionado outrora fosse igualmente desaparecida. Não podemos desejar tais coisas.

Embora não possamos viver de lembranças e do que passou (**II Co.5:17**; **Fl.3:13**), nem por isso devemos desejar que as coisas boas que decorreram de nosso passado sejam igualmente eliminadas e não venham a dar resultados para outros. Agir deste modo é ser egoísta, é estar propenso à autossuficiência, à egolatria, precisamente o traço de personalidade que deveria ser removido do interior do patriarca, como, aliás, bem dissertou a respeito o "príncipe dos pregadores", o britânico Charles Haddon Spurgeon, em seu sermão "Satanás observando os santos", cujo trecho foi traduzido por nós e colocado no esboço da lição anterior.

Desejou o patriarca, também, na sua lamentação, que pudessem amaldiçoar o seu dia e a sua existência os amaldiçoadores profissionais, ou

seja, aqueles que vivem de maldições e de práticas malignas, aqueles que estão dispostos a evocar o mal (**Jó 3:8**).

Neste seu gesto, também, o patriarca mostra que tinha plena consciência de que todos os amaldiçoadores e todos os praticantes de tais atitudes não tinham acesso à sua vida. Se o tivessem, Jó não estaria desejando que lhes fosse dado acesso, como agora diz em sua queixa. O servo de Deus precisa ter esta mesma convicção do patriarca e não temer os amaldiçoadores seja eles magos, feiticeiros, médiuns ou quaisquer outros agentes satânicos, muito em voga em nossos dias.

Lembremo-nos da promessa de Deus para Israel, que é plenamente aplicável à Igreja (cf. **I Jo.5:28**): "… contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel…" (**Nm.23:23**a). Desde o primórdio de nossa existência, Deus está pronto e disposto a nos guardar e a nos livrar do mal.

Assim faz até quando adquirirmos a consciência, quando, então, isto dependerá do exercício de nossa vontade. Se, porém, aceitarmos o Senhor como Senhor e Salvador de nossas vidas, estará protegido e nada nos fará dano algum (**Lc.10:19**).

Se Jó nos traz a realidade de que estamos debaixo da proteção divina contra o mal, também nos deixa claro que há, sim, o ocultismo e que é real e verdadeira a invocação do mal por parte daqueles que se dispõe a adorar o diabo e seus anjos. O próprio versículo de que estamos tratando (**Jó 3:8**) possui outra tradução na qual é explícita esta circunstância, como podemos ver na NVI ("… amaldiçoam os dias e são capazes de atiçar o leviatã..."), na ARA ("… que sabem amaldiçoar o dia e excitar o monstro marinho…"), na Edição pastoral ("...os que maldizem o dia, os que sabem despertar Leviatã…") e na Versão de Antonio Pereira de Figueiredo ("…aqueles que amaldiçoam o dia e os que estão prontos a suscitar a leviatã…").

Assim sendo, as forças do mal podem, mesmo, ser invocadas e esta realidade precisa estar presente para os servos de Deus. Por causa disso, devemos dar mais atenção aos estudos e advertências de diversos servos do senhor quanto ao mal que representam certos tipos de ritmos musicais e certas práticas que, tendo sua origem em evocações do maligno, pouco a pouco estão ganhando espaço nas igrejas, em atitudes altamente danosas à saúde espiritual do povo de Deus, bem como a exposição de nossas crianças e

jovens a símbolos do ocultismo presentes na mídia.

OBS: Não se deixe enganar. As crianças de alguma forma estão expostas aos princípios do mal e aos símbolos do ocultismo, expressos em palavras e imagens de jogos aparentemente inofensivos. Elas sofrem esse tipo de influência até mesmo no percurso da formação acadêmica, por intermédio de livros didáticos, paradidáticos, métodos e técnicas que facilitam a aprendizagem e favorecem desde o letramento até a capacidade de pesquisa científica.

Ao conciliar características, valores e ações de personagens e desenhos animados com a feitiçaria, o Inimigo alcança seus objetivos e engana tanto a pais quanto a filhos. A Bíblia se refere a isso como as ciladas do Diabo (**Ef.6.11**). **(Laudicéia B. da SILVA. Ameaças do pós-modernismo. Ensinador Cristão, ano 4, nº 13 - jan/mar. 2003, p.31).**

Em seu lamento, Jó observa a morte como um repouso, um descanso, algo que nivela a todos os homens, indistintamente, independentemente de sua riqueza ou posição social. Sem dúvida, a morte é um fator que demonstra a intrínseca igualdade de todos os seres humanos, uma das provas de que, para Deus, não há acepção de pessoas. Como diz o escritor aos Hebreus, "… aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo." (**Hb.9:27**).

Se os homens tivessem bem presente esta realidade, certamente que suas condutas seriam bem diferentes com relação a Deus e à eternidade. Tanto um príncipe como um natimorto é igual, diz o patriarca, diante da morte. Jó, no desânimo, não vê outra saída para o término de seu sofrimento senão a morte (**Jó 20-22**).

É esta a nítida posição de quem perdeu perspectiva nesta existência. Todavia, ao contrário de muitos que não adoram a Deus, que não estão dispostos a obedecê-lo, que, quando chegam a este ponto, suicidam-se, o patriarca deseja a morte, mas a pede a quem de direito, ao único e todo-poderoso, o senhor exclusivo da vida humana.

Mais uma expressão que revela que o verdadeiro e sincero servo de Deus, mesmo queixoso, prima pela excelência da vida!

OBS: Observe como Jó descreve o repouso da sepultura; lá os maus cessam de sofrer. Quando os perseguidores morrem, eles não podem mais

perseguir. Lá os exaustos estão em descanso; na sepultura eles descansam de todos os seus trabalhos. É um descanso do pecado, da tentação, do conflitas lamentações e dos trabalhos ficarem na presença e no gozo do senhor. “Lá os crentes descansam em Jesus, não somente isto, mas enquanto nós confiamos no senhor Jesus e nele confiamos, nós aqui mesmo encontramos descanso para nossas almas, ainda que no mundo tenhamos tribulação” (**Matthew HENRY. Comentário Bíblico Conciso - Jó 3 - www.goodrules.net/samericano.htm**) **(tradução nossa)**

A expressão de Jó pode dar a entender que a morte seria um estado de inconsciência, um sono profundo, uma suspensão da existência, já que o patriarca fala em "repouso". Contudo, aqui também, o patriarca traz-nos importantes lições sobre a verdade bíblica da morte.

A morte é um repouso, sim, é um descanso, mas não uma suspensão da existência. O patriarca deseja a morte porque ela lhe será o fim de perturbação (**Jó 3:17**). Como se não bastasse isso, o patriarca afirma que, ao ser achada a morte, há alegria, exultação e saltos (**Jó 3:22**).

Como entender, então, que, com a morte, a alma ficaria inconsciente até o dia da ressurreição, como defende algumas seitas e heresias, já que seu encontro é motivo para alegria de quem a buscava?

OBS: O conceito de sepultura para Jó era o de um lugar de repouso. Não a considerava como extinção, mas como um lugar de contínua existência pessoal (vv.13.19”…).” **(BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 3.13, p.775).**

A morte como solução para o mundo é uma expressão de uma filosofia que é denominada de "pessimismo", cujo principal nome foi o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860). Segundo este filósofo, “a vontade de existir, de viver, de lutar, de prosseguir somente produz a tristeza e fomenta todos os males que vemos no mundo, com seus imensos e insensatos sofrimentos”. **(Cf. R.N. CHAMPLIN. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v.6, p.119).**

Somente na "morte eterna", encontrar-se-ia o sossego. Todavia, esta filosofia parte do pressuposto de que a "Vontade cósmica", que é como Deus é denominado pelo filósofo, é insana, é loucura. Embora, naturalmente, não compartilhemos deste pensamento deste filósofo (cuja vida é uma clara demonstração de que suas idéias advêm de um homem sem Deus e sem

salvação), seu sistema filosófico mostra-nos, de uma forma bem adequada, que desejar a morte como solução para os problemas que surgem na nossa vida é, simultaneamente, colocar em xeque a própria ordem divina sobre todas as coisas.

Pedir a Deus a morte é o mesmo que dizer que Deus agiu sem motivo e sem razão ao nos dar a vida, o que, à evidência, é algo que não faz sentido na mente de alguém que considera a Deus como o Senhor do universo.

OBS: "… Esse poema, como é natural, desnuda as deficiências humanas do pensamento e da compreensão. Não contempla nenhuma esperança para além do sepulcro; atribui a Deus o mal, sendo fraco quanto a causas secundárias. Deus estava em Seu céu, mas as coisas definitivamente não estavam certas neste mundo. O capítulo 3 de Jó é uma expressão eloqüente de pessimismo.…" **(R.N. CHAMPLIN. O Antigo Testamento Interpretado, v.3, p.1879).**

Devemos, porém, verificar que a simples percepção e compreensão da morte não geram um "pessimismo" por si só. Com efeito, a realidade da morte e da pequena duração de nossas vidas é um fator importante para que sejamos fiéis servos do senhor, sabendo que a vida neste mundo é uma ilusão e que está reservada a morte e uma dimensão eterna aos homens. Esta realidade faz que sejamos humildes e, assim, aceitemos o senhorio de Deus sobre nossas vidas.

Esta compreensão da morte faz-nos vigorosos e ativos na obediência ao senhor, uma reação totalmente contrária ao pessimismo, que gera uma paralisia no ser humano, uma inércia que, em tudo, não convém ao servo do senhor. Não é por outro motivo que Jesus recomenda-nos a termos "bom ânimo" (**Jo.16:33**), pois, sem esta animação, não poderemos vencer o mal.

O desânimo é uma grande cilada do adversário, pois, se pararmos na vida espiritual, certamente retrocederá e, talvez, se não vigiarmos, podemos até perder a salvação.

OBS: "… Como o judeu de tradição não discutia com Deus sobre a justiça da morte, mas se curvava à sua inexorabilidade como expressão da vontade divina, deixar a vida pela porta de 'saída'- a morte - era menos assustador para ele do que se poderia deduzir ao presenciar as desinibidas manifestações de emoção que cercavam essa partida. A morte não aprecia ao

judeu um espectro aterrador. Ao contrário, ela vinha para apaziguar toda a dor e a tristeza, para confortar e completar (…)".

Essa submissão infantil, porém realista, do judeu às limitações do seu corpo, foi expressa de forma muito eloqüente por Job, o 'homem aflito' de Deus. Nos momentos de aflição, murmurava: 'O senhor deu, e o senhor tomou; abençoado seja o nome do senhor! Assim, por quase vinte e cinco séculos, desde a época de Job, essas palavras hebraicas de conciliação entre uma vida agitada e uma morte inescrutável têm sido repetidas à beira do túmulo cada vez que um judeu é sepultado"…." (Nathan AUSUBEL. Morte. In: A Judaica, v.6, p.583).

No talmude está escrito: "Rabi Levitas, de Iavne, diz: Sê muitíssimo humilde de espírito, pois o destino do homem é servir de alimento aos vermes" (Pirke Avot 4,4).

No comentário desta máxima ética judaica, assim se expressa Irving M. Bunim: "… Toda a existência humana é precária, carregada de vulnerabilidade. E o corpo em que habita o espírito, esse corpo que o homem exige de forma tão vã, esperando chamar a atenção e receber uma recompensa, está destinado a desfazer-se na terra e converter-se em alimento de larvas e vermes. Que direito pode ter o ser humano de ser tão arrogante e vaidoso? (…)".

Tenhamos presentes estas palavras de Rabis Levitas e será mais fácil para sermos humildes, tolerantes e caridosos na convivência com os demais (…). Os sonhos de infância, os anseios da juventude, as ambições de antanho - as esperanças de todo nosso passado - não nos conduzem à realização interior.

Inevitavelmente, a expectativa supera a realidade. Então, se todas nossas esperanças acabam nos trazendo desilusão e desapontamento, por que sermos tão orgulhosos e ocupados com a própria ambição e importância? (…).

"Uma coisa deve ser óbvia: se Rabi Levitas acrescentou estas palavras como o motivo para ser humilde, ele quer dizer uma humildade sincera, que os outros reconhecerão, e não algo fingido, fruto da própria ilusão.…" (Irving M. BUNIM. A ética do Sinai, p.215).

O poder de paralisia do pessimismo é bem demonstrado nesta

passagem de um dos mais famosos artigos do líder comunista Antonio Gramsci, que mostra como até os ateus entendem que o pessimismo é arma de inércia: “… (é momento - observação nossa) de fazer um exame de consciência, um exame do pouquíssimo que tenhamos feito e do imenso trabalho que ainda deveremos desenvolver, contribuindo especialmente para dissipar esta obscura e grave onda de pessimismo que oprime os militantes mais qualificados e responsáveis e que representa um grande perigo, a maior força do momento atual, pelas conseqüências de passividade política, de torpor intelectual e de ceticismo em relação ao futuro”.

Antonio GRAMSCI. Contra o pessimismo. L'ordine nuovo, 15 março-1924. www.antoniogramsci.com/pessimismo.htm). (tradução e destaques nossos)

Jó, também, em sua queixa, não concebe porque Deus oculta dos Seus servos o desenvolvimento de suas vidas. "Por que se dá a luz ao homem, cujo caminho é oculto, e a quem Deus o encobriu?" (**Jó 3:23**). “Por que antes do meu pão vem o meu suspiro, e os meus gemidos se derramam, como água?” (**Jó 3:24**). Jó quer saber por que Deus ocultou todo o seu sofrimento e para que estivesse sofrendo tanto.

Ter servido a Deus fielmente havia-lhe levado a este estado miserável. Por que, então, ter Deus o feito existir? Por que Deus havia decidido ter um servo chamado Jó? É este o questionamento do patriarca que se achava no direito de ter acesso a todos os segredos e propósitos de Deus.

Apesar de sincero, reto, temente a Deus e de se desviar do mal, apesar de ser o homem mais excelente da Terra em seu tempo e de todos os tempos, um dos mais excelentes, como se verifica de (**Ez.14:14**), Jó continuava sendo um simples homem, era apenas servo, não o Senhor. Por isso, todo este questionamento era-lhe absolutamente impertinente como Deus haveria de comprovar quando tivesse cumprido totalmente o Seu propósito na vida do patriarca.

Será que o(a) irmão(ã) também tem recheado a sua vida de porquês? Será que suas indagações têm sido tais que não há quem possa lhe consolar ou lhe trazer palavras do Senhor? Veja o exemplo do patriarca Jó, cuja estatura espiritual, certamente, é bem maior que a sua (como é bem maior que a nossa) e verifique se não será melhor aprendermos com Jesus e seguirmos o seu

sábio e importante conselho dado a Pedro, antes que sejamos levados, como Jó, para o redemoinho, para ali entendermos que não devemos saber o porquê, mas tão somente adorar e obedecer.

II. O QUE ACONTECERIA SE A SUA PETIÇÃO FOSSE OUVIDA

Deus é o Senhor e, portanto, cabe a ele, e não a nós, determinar quais as petições nossas que devem ser atendidas, ou não. Em virtude nossa natureza pecaminosa e de nossas inclinações, somos propensos a pedir visando apenas o nosso interesse e, mesmo assim, o interesse imediato.

Como o Senhor nos ama e sabe qual é a nossa estrutura (**Sl.103:14**), conhecendo-nos mais do que nós mesmos, pois foi Ele quem nos fez e nos observa desde a nossa elaboração (**Sl.139:15,16**). Assim, somente Deus sabe o que é o melhor para cada um dos Seus servos e é por este motivo que não atende a todos os nossos desejos.

O verdadeiro servo do Senhor tem noção disto e não fica querendo que a sua vontade prevaleça, mas, em seus pedidos a Deus, sempre tem consciência desta realidade e, por isso, como Jesus nos ensinou, devemos sempre orar para que Deus faça a sua vontade em nossas vidas (**Mt.6:10**). É quando temos o mesmo sentimento do Senhor que passamos a desejar o mesmo que Ele e é nesta circunstância que se cumpre em nós o que se diz em **Jo. 14:13,14**, texto tão citado pelos pregadores da prosperidade, mas que, em absoluto, representa uma submissão divina a nossos caprichos ou desejos, mas, antes, um texto que confirma que devemos nos submeter à vontade do senhor e que, quando tivermos com ele comunhão, a vontade de Deus será a nossa e, assim, seremos instrumento da vontade de Deus neste mundo.adoração, jamais teríamos a oportunidade de observar esta verdadeira mensagem para os adoradores de Deus, não poderíamos contemplar, séculos e milênios depois, esta triunfante vitória de um servo de Deus sobre o adversário e sobre o mal jamais teria ocorrido.

Conclusão

Como afirmou **(Charles Spurgeon,)** jamais teríamos notícia de um servo como Jó para ser exemplo a ser seguido caso o pedido do patriarca fosse atendido. Jó não deveria ser apenas um homem conhecido de Uz ou de seus vizinhos, as de todo o mundo e em todas as épocas. Deus tinha outro destino para Jó, muito melhor do que ele jamais imaginara. Assim, tenhamos sempre a certeza de que Deus é "poderoso para fazer muito mais abundantemente além daquilo que pedimos e pensamos" (**Ef.3:20**), mas que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto"(**Rm.8:28**). Tendo este sentimento, certamente poderemos ter a convicção de que "… em todas estas coisas somos mais do que vencedores por Aquele que nos amou" (**Rm.8:37**).

QUESTIONÁRIO

1) Jó,após esta semana de silêncio e de lamentação, exterioriza todo o seu desânimo e toda a sua miséria, amaldiçoando o próprio dia do seu nascimento, a sua própria existência. Em relação a DEUS qual foi a sua atitude?

R: Verificamos que o patriarca não se revolta contra Deus por causa da sua situação. Antes, havia adorado ao Senhor e reconhecido a Sua soberania.

2) Por que o senhor não responde todas as nossas petições?

R: Deus é o Senhor e, portanto, cabe a ele, e não a nós, determinar quais as petições nossas que devem ser atendidas, ou não.

3) qual foi à oração que Jesus nos ensinou sobre as petições?

R: Jesus nos ensinou, devemos sempre orar para que Deus faça a Sua vontade em nossas vidas (**Mt.6:10**).

PARA REFLETIR

Após ter quebrado o silêncio com sua queixa, o patriarca Jó trouxe coragem aos seus amigos para que manifestassem seu parecer a respeito de todos aqueles fatos que haviam ocorrido em sua vida. O primeiro a apresentar seu discurso era Elifaz, segundo o qual as bênçãos divinas são resultado dos méritos humanos, velha teologia que tem ainda encantado a muitos até hoje, mesmo entre os crentes.

Meditação Diária						
Domingo	*Segunda*	*Terça*	*Quarta*	*Quinta*	*Sexta*	*Sábado*
Hebreus 1:1	*Mateus 5:45*	*I Pedro 3:15*	*João 17:17*	*João 7:24*	*Romanos 5:4*	*Apocalipse 19:13*

LIÇÃO:8-ELIFAZ E A TEOLOGIA DO RELACIONAMENTO MERCANTIL COM DEUS

Texto base: (Jô4:1-9)-

1. Então Elifaz, da região de Temã, em resposta disse:
2. “Jó, será que você ficará ofendido se eu falar? Mas quem é que pode ficar calado?**3.** Você ensinou muita gente e deu forças a muitas pessoas desanimadas.**4.** Quando alguém tropeçava, cansado e fraco, as suas palavras o animavam a ficar de pé.**5.** Mas agora que chegou a sua vez de sofrer, como é que você perde a paciência e a coragem?**6.** O seu temor a Deus não lhe dá confiança? A sua vida correta não o enche de esperança?**7.** Você lembra de alguma pessoa inocente que tenha caído na desgraça ou de alguma pessoa honesta que tenha sido destruída?**8.** Tenho notado que os que aram campos de maldade e plantam sementes de desgraça só colhem maldade e desgraça.**9.** Como uma tempestade, Deus os destrói na sua ira

INTRODUÇÃO

Elifaz foi o primeiro a fazer uso da palavra, talvez porque fosse o mais idoso entre os amigos de Jó. A Bíblia diz que era de Temã, localidade identificada como uma região no sul da Palestina, um centro nas rotas comerciais daquele tempo. Sua autoridade em assuntos espirituais é constantemente invocada por ele e seu discurso parece reproduzir o discurso dos grandes líderes e estudiosos religiosos dos nossos dias, cuja "infalibilidade" é considerada suficiente para que suas idéias sejam consideradas como verdadeiras.

Elifaz, basicamente, traz uma idéia tão simples e encantadora quanto enganosa: Deus abençoa os que agem corretamente e lança males sobre os pecadores. Assim, Deus estabelece com o homem um relacionamento mercantil: Deus abençoa quem faz o bem e lança males sobre quem faz o mal. Tal pensamento, porém, será rejeitado pelo patriarca que, cônscio de sua inocência, não pode aceitar uma simplificação como a que se fez.

I. QUEM FOI ELIFAZ

Como vimos, Elifaz era natural de Temã, localidade que tem sido identificada como uma região ao sul da Palestina, que viria a ser ocupadas pelos edomitas, descendentes de Esaú. Seu nome significa "Deus é forte" ou "Deus é vitorioso" e isto revela a própria formação de Elifaz, desde o lar de seus pais, na idéia de um Deus que governaria todo o universo.

Elifaz, portanto, era um homem com larga experiência de vida no tocante aos assuntos religiosos. Sua vida é uma demonstração de que não basta ser um grande teórico sobre Deus para conhecê-lO. Apesar de todo seu conhecimento, Elifaz dirá o que não agrada a Deus (Cf. **Jó 42:8**).

Entretanto, pelo que podemos perceber, Elifaz era um homem versado nos assuntos de Deus (a "teologia"), mas era, sobretudo, um pensador, um teórico, que bem conhecia os princípios e valores nos quais acreditava, mas que não podia apresentar senão argumentos, argumentos que procuravam explicar os fatos que haviam se desenvolvido com Jó.

Contra esta teoria, o patriarca apresentaria uma prática, ou seja, uma vida de experiência e comunhão com Deus. Elifaz era teórico, era um

intelectual versado em Deus, mas é muito mais importante sermos um filho de Deus, alguém que está vivendo em Cristo e não somente que tenha conhecimento intelectual de Deus. Elifaz pode ser comparado a Nicodemos que, apesar de ser "o príncipe dos judeus", tinha necessidade de "nascer de novo", como nos indicou, claramente, Jesus (**Jo.3**).

Elifaz toma a palavra, após a queixa de Jó, tendo em vista a declaração de inocência que o patriarca havia proferido. É interessante observar que havia um silêncio e os amigos de Jó não tinham coragem alguma para falar (**Jó 2:11-13**) e só vieram a fazer uso da palavra depois que Jó abriu a sua boca. Em momentos de crise, muitas vezes, é tempo de ficarmos calados, pois Deus conversa no silêncio e conosco, como, v.g., ocorreu com Moisés (**Ex.3:1-5**), sendo medida salutar que é proclamada pelo salmista (**Sl.46:10**).

Ao falarmos, acabamos abrindo a oportunidade para que outros falem a respeito do plano de Deus para nossas vidas, sendo que isto é assunto que deve envolver somente a nós e a Deus e não terceiros, que acabarão por falar o que não é correto nem agradável a Deus (**Jó 42:8**).

II. A TEOLOGIA DE ELIFAZ

O livro de Jó apresenta três discursos de Elifaz (**Jó4-5**, **15 e 22**), ou seja, em cada série de discursos entre Jó e seus amigos, Elifaz é sempre o primeiro a iniciá-lo, talvez porque fosse o mais idoso deles. Nos três discursos, Elifaz insiste na idéia de que Deus abençoa os bons e lança calamidades sobre os pecadores.

Diz que Deus é misericordioso e se os pecadores se arrependerem, certamente serão abençoados e o estado de calamidade que enfrentam será mudado. Portanto, segundo Elifaz, Jó pecou e, por isso, estava passando pelo que estava passando. Se se arrependesse de seus pecados, certamente voltaria a desfrutar das bênçãos de Deus.

OBS: ""… O trecho de **Jó 4.1-11** fala sobre o dogma da justiça. Nenhum homem poderia sofrer como Jó estava sofrendo, a menos que fosse culpado de alguma transgressão, aberta ou secreta. Elifaz pregou a Lei Moral da Colheita segundo a semeadura, ou a lei do carma. Isso, como é claro, é uma das respostas para o problema do mal. Os ímpios recebem aquilo que semeiam.

Mas o livro de Jó é mais profundo e pergunta: ' Por que os inocentes sofrem? '. Jó sofreu sem causa ou, pelo menos, não merecia seus sofrimentos por haver pecado ou por ser injusto. Podemos supor que houvesse alguma razão divina, mas certamente não a barganha cósmica com Satanás (...). “Os justos não sofrem por causa de alguma barganha de Deus com Satanás…” (**R.N. CHAMPLIN. O Antigo Testamento Interpretado, v.3, p.1879-80).**

Como podemos perceber, a teologia de Elifaz é um raciocínio logicamente perfeito e irretocável. Se o homem bem fizer, terá o agrado de Deus e será abençoado; se não fizer bem, sofrerá a ira divina.

Deus é bom e está pronto a perdoar quem se arrepende. Apesar de toda esta lógica perfeita, quando esta visão teórica é levada para a prática, notamos que ela não funciona: há justos que sofrem e pecadores que têm êxito e sucesso.

Deus abençoa tanto a justos como a injustos, como, v.g., ao fazer cair a chuva tanto para uns quanto para outros (**Mt.5:45**). A teologia de Elifaz, portanto, é cabalmente desmentida pelos fatos e, como diz conhecido adágio, "contra fatos, não há argumentos".

OBS: Elifaz era um indivíduo religioso cujo dogmatismo repousava sobre uma experiência notável e misteriosa (vss. 12-16). Porventura um espírito passara alguma vez diante da face de Jó? Os pêlos de sua carne já se tinham eriçado alguma vez? Pois então que Jó se mantivesse manso, enquanto alguém tão superior quanto Elifaz declarasse a causa dos infortúnios dele.

Elifaz disse muitas coisas verdadeiras (como seus dois amigos também disseram) e por várias vezes chegou a mostrar-se eloqüente; mas permaneceu duro e cruel, um homem dogmático que precisava ser ouvido por causa de uma notável experiência. **(Scofield Reference Bible, Jó 4 apud R.N. CHAMPLIN. O Antigo Testamento Interpretado, v.3, p.1880).**

Inicia Elifaz seu discurso reconhecendo o estado primeiro de Jó, a sua justiça anterior (**Jó 4:3-6**), um elogio aparente, porém, já que coloca todas estas virtudes no passado, como que a indicar, desde o prólogo de seu discurso, que o patriarca não mais pode ser contado entre os justos.

É um julgamento que se faz diante das aparências, ou seja, procura-se conhecer o interior de alguém pelo que está acontecendo em sua vida. Não

devemos nos guiar pelas aparências (**Jo.7:24**).

Verdade é que Jesus nos ensina a conhecermos as pessoas pelos seus frutos (**Mt.7:20**), mas estes frutos devem ser buscados não pela aparência, mas segundo a reta justiça. Será que não temos nos portado como Elifaz, julgando o irmão pelo que está acontecendo com ele, sem verificarmos o seu significado profundo?

OBS: "… Mas vejamos problema novamente. Perguntamos por que algumas boas pessoas sofrem e algumas más prosperam. Então estamos assumindo que sabemos quem é realmente iníquo e quem é justo. Isto implica em duas categorias exatas, definidas e imutáveis de seres humanos: o bom e o mau, e que uma vez que a pessoa tenha sido designada 'justa' não deveria ser castigada por nenhum motivo, enquanto a malvada não deveria ser premiada em hipótese alguma. E significa que sabemos o que é 'prosperidade' e o que é 'aflição', e que uma é sempre boa e outra é sempre má.

Todas estas suposições, diz Don Isaac Abravanel (grande rabino judeu que viveu na Espanha no século XV - observação nossa), podem ser questionadas. Como sabemos quem é justo? Um homem poderia apresentar uma bela barba e orar com grande devoção, enrolado em seu talit (xale de orações usado pelos judeus - observação nossa), e ser extremamente rigoroso com seus empregados, e exigir de seus inquilinos aluguéis exorbitante.

Nós só veríamos a sua religiosidade manifesta, e quando o Céu apresentasse a 'conta', poderíamos bradar ao Eterno: 'Não é justo!' Outra pessoa pode parecer não ser nada religiosa, ainda que participe de alguns atos heróicos de bondade, pelos quais é compensado com sua atual fortuna. Por outro lado, podemos julgar realmente se estas pessoas são felizes ou não? Um indivíduo pode ter um carro magnífico e uma casa de campo, e ser infeliz e aflito justamente devido a esta riqueza e aos efeitos desta sobre os seus filhos.

Já certos trabalhadores que mal ganham o suficiente para sobreviver podem levar uma vida feliz e ver seus filhos crescerem fortes de caráter. Este pode ser o sentido de 'Não está ao nosso alcance entender ou explicar o sossego dos maus nem o sofrimento dos justos'**(Pirke Avot 4,19, parte do Talmude - observação nossa**), nem saber se ele é verdadeiramente malvado ou feliz. "E o mesmo se aplica ao justo que sofre desventuras"…." **(Irving M. BUNIM. A ética do Sinai, p.265).**

Em seguida a este reconhecimento da justiça anterior de Jó, Elifaz traz uma pergunta que é o âmago de sua argumentação: “lembra-te agora de qual é o inocente que jamais perecesse? E onde foram os sinceros destruídos? "(**Jó 4:7**).

Para Elifaz, era impossível admitir que um homem sincero pudesse ser submetido a um estado de ruína como tinha sido Jó. Em retribuição à sinceridade, Deus só pode dar bênçãos para o homem. É uma visão absolutamente estreita de Deus e que não enxerga um palmo à frente do nariz, para se utilizar, aqui, de uma expressão popular.

O teólogo mais experiente simplesmente não admitia a soberania de Deus para retirar tudo o que houvesse dado a um homem sincero com o propósito de aperfeiçoá-lo mais. Se um homem é sincero, nada de mal pode lhe acontecer - este era o imperfeito entendimento do doutor Elifaz!

Após ter apresentado o seu argumento, Elifaz procura respaldá-lo na sua experiência (**Jó 4:8-11**). Nem sempre a nossa experiência de vida pode explicar os desígnios divinos. A Bíblia está repleta de demonstrações de que o homem, por mais santo que seja não tem condições de poder discernir os planos de Deus se estes não lhe forem revelados.

Apesar de toda a sua comunhão com Deus, o profeta e juiz Samuel não tinha condições de dizer quem era o escolhido por Deus para suceder o rei Saul(**I Sm.16:6,7**); o profeta Elias não pôde avaliar e reconhecer o número considerável de pessoas que se mantiveram fiéis a Deus em meio a tanta idolatria(**I Rs.19:14-18**).

Somente através de revelações de Deus é que podemos ter a mente de Cristo e tudo discernir sob o ponto-de-vista espiritual (**I Co.2:11-16**) e a suprema revelação de Deus é Cristo (**Hb.1:1**), que é a Sua Palavra (**Ap.19:13**). Não resta dúvida de que a nossa experiência de vida com Deus é importante para nosso aperfeiçoamento espiritual (**Rm.5:4**), mas jamais poderá se arvorar no elemento discernidor da Vontade de Deus, cujos juízos são insondáveis e cujos caminhos são inescrutáveis ao mortal (**Rm.11:33**).

Em prosseguimento à fundamentação de seu argumento, Elifaz relata uma experiência sobrenatural que havia tido com um "espírito" (**Jó 4:12-21**). Este ser apresentou-se ao teólogo que, teórico como era, ficou sobremodo impactado por esta experiência. “Este “espírito” trouxe-lhe uma indagação, a

saber:” Seria porventura o homem mais justo do que Deus?

Seria porventura o varão mais puro que o seu Criador? Eis que nos Seus servos não confia e nos Seus anjos encontrou loucura; quanto menos naqueles que habitam em casas de lodo, cujo fundamento está no pó e são machucados como a traça! Desde manhã até à tarde são despedaçados e, eternamente, perecem sem que disso se faça caso.

Porventura não passa com eles a sua excelência? Morrem, mas sem sabedoria “(**Jó 4:17-21**). Segundo se verifica, portanto, esta mensagem "espiritual" confirmava a teologia de Elifaz, na medida em que dizia que o homem não era justo e, portanto, ao pecar, sofria, inevitavelmente, os males de sua impiedade.

OBS: É interessante observar que o termo original hebraico utilizado para homem em **Jó 4.17** é "enosh", que quer dizer "um homem, um mortal; o homem na sua fragilidade, limitação e imperfeição", segundo Strong. Como se explica na Bíblia de Estudo Plenitude, na p.513, " enosh, por seu turno, significa homem enquanto criatura essencialmente fraca".

A utilização desta palavra demonstra o desprezo que se dá ao ser humano na argumentação de Elifaz. A primeira lição que temos desta experiência sobrenatural de Elifaz é que, como já dissemos no esboço da lição nº 5, o mal é uma realidade, as manifestações espirituais malignas não são ficção ou fenômenos psicológicos subjetivos dos homens, mas efetiva operação de forças que existem no Universo e que ainda não foram contidas por Deus, embora estejam atuando contra a vontade do Senhor.

Portanto, quando observarmos qualquer manifestação espiritual, temos de reconhecer sua realidade, mas realidade é diferente de sua aceitação. A segunda lição que temos desta experiência sobrenatural de Elifaz é que temos de julgar tais experiências conforme a Palavra de Deus, pois é característica satânica transfigurar-se em anjo de luz (**II Co.11:14**).

Toda experiência sobrenatural, já que o mal é uma realidade, deve ser apreciada à luz da palavra de Deus. Se observarmos a mensagem que o "espírito" disse a Elifaz, logo veremos de que se trata de uma manifestação maligna.

A mensagem do "espírito" é de acusação, que procura mostrar que o homem é pecador e que, portanto, não tem como receber a benevolência de

Deus. Trata-se, pois, de uma mensagem altamente pessimista e que Nega o amor divino e que, portanto, não podia, mesmo, ter origem em Deus (**I Jo. 4:1**).

Nunca devemos nos esquecer que nossa regra de fé e prática é a Palavra de Deus, que é a verdade (**Jo. 17:17**). Ademais, verificamos que o "espírito" mostra certa "mágoa" em relação a Deus, pois afirma que Ele encontrou loucura (diz a tradução do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, "crime") em Seus anjos (**Jó 4:18**), revelando, assim, revolta contra o juízo de Deus contra os anjos rebeldes, pormenor que nos revela quem é este "espírito"... A terceira lição que temos desta experiência sobrenatural de Elifaz é que tem origem maligna a idéia de que Deus trata segundo os nossos méritos, pois, se assim fosse, certamente a solução seria a apregoada pelo "espírito", ou seja, não haveria como o homem se justificar diante de Deus e teria, inevitavelmente, um fim tenebroso.

É por este motivo que Deus atua com o homem através da Sua graça, ou seja, recebemos o favor de Deus de forma imerecida, pois, se Ele nos tratasse conforme nosso mérito estaria perdido e o "espírito" teria razão em dizer o que disse.

OBS: "… Não está declarado que as visões de Elifaz vinham de Deus. De fato, não vinham de Deus, pois o descrevem como se ele não Se preocupasse com a raça humana (vv.17-21). É um erro estabelecer a teologia em sonhos e visões, sem apoio na revelação escrita de Deus." **(BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 4.13, p.776-7).**

Após ter trazido a sua segunda fundamentação para seu argumento, Elifaz inicia, em seu discurso, uma sutil acusação contra Jó, na medida em que afirma que o ímpio sofre penalidades da parte de Deus, como a perda de filhos (**Jó 5:4**) e do patrimônio (**Jó5: 5**), o que é indireta acusação ao patriarca, que sofrera todas estas agruras. Baseando-se apenas nas aparências, Elifaz não hesita em imputar pecado a Jó, esquecido que Deus atua de várias maneiras e que não podemos querer discernir os Seus propósitos e planos (Is.55:8,9).

Para Elifaz, não havia dúvida alguma: Jó estava sendo castigado por Deus em virtude de seus pecados (**Jó 5:17**).

OBS: " …Segundo a idéia de Elifaz, se Deus repreende uma pessoa e ela corresponde devidamente, Deus a livrará de todos os seus males e aflições.

(1) O autor de Hebreus refuta essa idéia enganosa, ao declarar que alguns dos maiores heróis da fé, do AT, foram perseguidos, despojados de todos os seus bens, afligidos, maltratados e até mesmo mortos. Esses justos nunca experimentaram total livramento nesta vida(**Hb.11.36-39**).

(2) A Bíblia não ensina, em parte alguma, que Deus eliminará de nossa vida todas as aflições e sofrimentos. Os santos nem sempre são poupados de sofrimentos nesta vida." **(BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 5.17-27, p.777).**

A solução para Elifaz estaria em Jó buscar a Deus, em dirigir-Lhe a fala a fim de pedir perdão(**Jó 5:8**), pois Deus é bom e misericordioso(**Jó 5:9-16**). Para Elifaz, Jó somente alcançaria a bênção se se arrependesse de seus pecados (**Jó 5:18-27**).

No segundo discurso, Elifaz mostra-se irritado com a declaração de inocência que faz Jó. Afirma que os argumentos do patriarca são simples palavras que se perdem no vento (Jó 15:2, 3). Assim agem os teóricos e dogmáticos pessoas que, tendo chegado a conclusões a respeito de certos assuntos dentro de sua lógica puramente humana, recusam-se a sequer analisar quaisquer palavras que contrariam seus conceitos.

Jesus sempre foi contra o dogmatismo e atacou duramente este comportamento típico de pessoas dotadas de religiosidade, mas despidas de uma vida espiritual autêntica diante de Deus. A verdade sempre se impõe e Deus tem compromisso com a Sua Palavra (**Jr.1:12**). Desta forma, não precisa o homem impedir o questionamento ou a discussão a respeito de qualquer tema, pois sabemos que a podem todos não cumprir a Palavra de Deus, mas ela se cumprirá na vida de todos.

No segundo discurso, Elifaz procura respaldar seu ponto-de-vista sobre o sofrimento de Jó com base na sua autoridade, com base em seu conhecimento teológico. Argumenta, por primeiro, com a idade, que lhe daria maior experiência de vida (**Jó 15:7-10**) e, posteriormente, nos ensinamentos que eram reproduzidos geração a geração a respeito do assunto (**Jó 15:17-19**).

Verdade é que devemos respeitar os mais idosos e com eles aprender, devendo ter respeito aos marcos que nos foram estabelecidos, o que constituem o que se denomina "tradição"(**Dt.19:14**; **PV.22:28**). O próprio Jó reconhece que o desrespeito da tradição é algo próprio do ímpio (**Jó 24:2**). No

entanto, devemos sempre observar a origem desta tradição, pois, acima dela, está a Palavra do Senhor, que não pode ser invalidada por estas coisas (**Mt.15:1-6**), já que é atemporal e permanece para sempre(**I PE. 1:25**).

Assim, nunca devemos procurar estribar nosso julgamento única e exclusivamente com base na tradição, pois, se assim o fizermos, poderemos correr o risco de querer invalidar a Palavra do Senhor, como o fez Elifaz.

Após buscar este respaldo, Elifaz repete seu argumento já apresentado no primeiro discurso. Diz que o homem não é puro e que, portanto, ao pecar, merece sofrer e o mal que lhe sobrevém da parte de Deus (**Jó 15:14- 16,20-30**).

Como Jó está sofrendo, é porque é um pecador, devendo confiar na bondade de Deus a manter-se vaidoso, arrogando uma sinceridade que não tem, para que obtenha o perdão divino e seja restaurado (**Jó 15:31-35**).

No terceiro e último discurso, Elifaz mostra o que está por detrás de seu bonito e eloqüente discurso: uma acusação infundada, um dogmatismo cego e que recusa até mesmo a evidência dos fatos. Após, uma vez mais, demonstrar que Deus não teria lucro algum com a restauração do homem (**Jó 15:2-4**), passa a acusar o patriarca de uma série de pecados, sem ter base alguma para isso (**Jó 22:6-11**). Torna-se um caluniador, pois faz falsas acusações contra Jó.

Diante da ausência de provas para suas acusações, Elifaz apenas coloca como demonstração da suposta veracidade do que alega dentro de sua "teologia". Jó estava sofrendo e, por isso, era certo que havia pecado, mesmo às escondidas, pois ninguém pode se esconder de Deus (**Jó 22:12-20**).

Volta a insistir para que Jó se arrependa, pois somente se unindo a Deus é que poderia ter de volta as bênçãos divinas (**Jó 22:21-30**). A afirmação básica da argumentação de Elifaz é o da barganha: "Une-te, pois, a ele e tem paz, e assim te sobrevirá o bem"(**Jó 22:21**).

Muitos são os que seguem esta teologia. Para estes, lembremos que ela não agradou a Deus (**Jó 42:8**) e foi inspirada por um "espírito", que, certamente, trata-se do adversário de nossas almas.

OBS:" As últimas palavras de Elifaz são um convite para Jó se converter. Note- se, porém, todo o interesse mercantilista por trás do dogma da retribuição: converter-se e servir a Deus a fim de ter tranqüilidade e

prosperidade. Tal relacionamento não deixa lugar para a misericórdia e a gratuidade, transformando a religião em meio de manipular o próprio Deus." (BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral, com. **Jó 22:21-30**, p.655).

Elifaz mostra-se aqui como um legítimo precursor do Islamismo. Com efeito, embora o Corão não canse de mencionar a Deus como o Compassivo e o Misericordioso, nele não se encontram, em momento algum, que Deus ame o homem, mas sempre é apresentado um Deus que é cruel e implacável para com os "incrédulos" e que não cansa de prometer um ambiente de mordomia e luxo para os "fiéis", que, inclusive, por darem suas vidas na "guerra santa", serão fartamente recompensados no além.

III. A RESPOSTA DE JÓ

Jó estava quieto e poderia, no silêncio, escutar a voz de Deus, mas, ante tamanha tribulação, que, dizem alguns estudiosos, não se circunscrevia ao padecimento físico, mas também chegava a uma verdadeira tortura psicológica, acabou por queixar-se em alto e bom som, abrindo a oportunidade para que seus amigos lhe acusassem de ter pecado e o incitassem a confessar pecados inexistentes. Entretanto, o patriarca não deixou de ouvir os discursos de seus amigos, ainda que fossem duros, por mais de uma vez, demonstrando, assim, ser uma pessoa sábia (**Ec. 5:1**).

Não é à toa que temos dois ouvidos e apenas uma boca. Jó, pacientemente, ouviu cada intervenção de seus amigos, mas, ante as acusações infundadas, respondeu a elas, tendo por base a profunda comunhão que tinha com Deus. Assim deve ser o crente: estar sempre pronto para responder com mansidão e temor a razão da esperança que nele há (**I PE. 3:15**).

Todavia, como bem explicita o texto a que ora nos referimos, isto só será possível se estivermos em santidade. Após o primeiro discurso de Elifaz, Jó apresenta uma resposta que está fundamentada na prática, na vivência espiritual do patriarca (**Jó 6:1-6**). À teoria e ao dogmatismo do teólogo, Jó vai contrapor a sua experiência autêntica com o Senhor, o seu dia-a-dia.

Começa lembrando a sua situação de extremo sofrimento, fato que era incontestável, pois o próprio Elifaz havia ficado sete dias sem abrir sua boca e

a chorar, ante o estado lamentável que presenciara.

Devemos, sempre, ao anunciarmos o Evangelho, cercarmo-nos de fatos que podem ser facilmente presenciados e vivenciados pelos nossos ouvintes. Jesus assim nos mostra ao sempre trazer, em suas parábolas e sermões, ilustrações e situações que fossem perceptivelmente apreendidas pela multidão que o ouvia.

OBS: "Elifaz apresentou um belo discurso espiritual, mas teórico. Diante disso, Jó recoloca a própria situação, mostrando que tem sérios motivos para reclamar." **(BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral, com.** Jó 6:1-7**, p.643)**.

Jó não estava interessado em ouvir discursos ou ingressar em contendas teológicas, mas, sim, em ter um alívio da parte de Deus, em sentir que não estava abandonado pelo Senhor. A vida do patriarca não era medida pelo grau de conhecimento ou de entendimento que tivesse de Deus ou de Seus desígnios, mas do desfrute cotidiano da comunhão que tinha com o Senhor. Jó, apesar de todo o sofrimento, considerava estas discussões e debates como algo desprezível e totalmente dispensável para sua alma: era "comida fastienta" (**Jó 6:7**).

É uma grande armadilha para aqueles que se dedicam ao estudo da Palavra de Deus o gosto pelas discussões e debates intermináveis e sem qualquer resultado prático. Paulo já aconselhava Timóteo a fugir desta cilada (**I Tm. 1:4-7**). É natural que, ao estudarmos a Palavra do Senhor, tenhamos sede e vontade de nela nos aprofundarmos e de questionarmos cada ponto que se nos apresenta, mas devemos ter em mente que tudo deve resultar em proveito para a Igreja, pois o ensino tem como objetivo o aperfeiçoamento dos santos.

Tudo o que fugir deste fim deve ser deixado de lado, por ser "comida fastienta", algo que não irá nos saciar. Jó não impediu seus amigos de falar, mas buscou em Deus a solução para o seu problema. Antes de se martirizar ante um discurso duro como o de Elifaz, dirigiu-se ao Senhor e declarou sua inocência, voltando a pedir a morte, diante de sua desesperança e da incompreensão porque tudo aquilo lhe sobreviera (**Jó 6:8-13**). O patriarca sentiu o abandono pelos próprios amigos (**Jó6:14- 30**).

OBS: Jó deixou de lado seus amigos, que não compreendiam o que ocorria e passou a orar ao seu Senhor. O principal assunto de Jó em todos os seus discursos era Deus. Até mesmo quando ele falava de Deus na terceira

pessoa, estava sempre consciente de Sua presença. O coração de Jó nunca se apartou do Deus a quem ele amava. "(**BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a** Jó 7.1**, p.778)**.

Contrariando a teologia de Elifaz, Jó afirma que é próprio da vida humana ter dificuldades e problemas na vida sobre a terra e que, nem por isso, deve-se dizer que o pecado é a fonte de todos estes problemas ou dificuldades (**Jó 7:1**).

Afirma o patriarca que seu sofrimento é atroz e que não vê mais esperança na vida (**Jó 7:2-13**), mas, ao invés de consolá-lo com palavras amorosas, Elifaz prefere apresentar visões noturnas, mensagens espirituais que trazem desânimo e acusações sem fundamento. Afirma, por fim, que, se tivesse havido pecado, seria ele apresentado pelo próprio Deus, o "Guarda dos homens" e não por algum "espírito" e indaga a Deus o porquê de seu sofrimento (**Jó 7:14-21**).

Vemos, portanto, aqui, uma maturidade espiritual exemplar. O crente não deve ser alguém que se deixe levar facilmente por argumentos teológicos ou acusações superficiais e logicamente perfeitas, mas deve ser alguém que tenha uma profunda comunhão com o Senhor, a ponto de argüi-lO sempre que for acusado ou desafiado por que quer que seja.

Quem tem comunhão com Deus pode ingressar, mormente em nossa dispensarão, com ousadia na presença do Senhor, por intermédio de Cristo Jesus (**Hb. 10:19-23**), pois a igreja conhece a voz do seu pastor(**Jo.10:14**).

Lamentavelmente, hoje em dia, em meio a dificuldades e crises, muitos crentes, ao invés de irem buscar o seu Senhor, correm atrás de "profetas", "reveladores", "irmãos abençoados" , "vasos escolhidos" e tantas outras coisas, esquecidos de que têm aberto um caminho para conversar diretamente com o seu Deus.

Na resposta ao segundo discurso de Elifaz, Jó continua sua oposição à teologia simplista e acusadora de seu amigo. Diz que vazias não são seus Argumentos, mas os argumentos de Elifaz (**Jó 16:1-3**), apontando um fator que é muito relevante no discurso teológico: a falta de amor e de compaixão (**Jó 16:4**).

Jó era um homem amoroso, compassivo e misericordioso, enquanto que seu amigo Elifaz, embora não cessasse de relembrar a misericórdia e bondade

de Deus, assim como seu discurso, apresentava uma misericórdia e uma bondade teóricas, que não se efetivavam na prática.

Embora Deus fosse bom e misericordioso, Elifaz não o era. Embora se arvorasse no mensageiro da realidade do homem em relação a Deus, o teólogo apenas acusava e exigia o arrependimento do "pecador" Jó, mas não demonstrava, em momento algum com suas palavras ou gestos, este amor e misericórdia demonstrados.

Como diria, milênios depois, o apóstolo João, " se alguém diz: eu amo a Deus, e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu ? "(**I Jo.4:20**). Muitos "elifazes", na atualidade, têm contribuído para o descrédito do Evangelho, pois, são hábeis pregadores e apontadores dos pecados dos semelhantes e da necessidade que têm de se arrependerem, mas, tal como o amigo mais idoso de Jó, são insensíveis às necessidades e sofrimentos por que estão passando os ouvintes de seus discursos.

Se Jó, com toda a sua maturidade espiritual, sentia o descaso de Elifaz para com a sua dor, o que o pecador não sentirá ante tais "evangelizadores"? Jesus jamais agiu desta maneira, mas sempre buscava suprir as necessidades e sofrimentos daqueles que O ouviam. Por isso, com razão, Jó chamou seus amigos, em especial Elifaz, de pessoa sem sabedoria (**Jó 17:10**), porque não se preocuparam em dar esperança ao patriarca, desprezando, assim, a sua própria alma, e quem não busca ganhar almas, sábio não é(**Pv.11:30**).

A teologia de Elifaz era insensível e a insensibilidade é uma demonstração de morte, é uma prova de que suas palavras eram, realmente, vazias, despidas de qualquer sentido para alguém que era vivo espiritualmente como Jó. Jó afirmou que, caso fosse ele o consolador, seria compassivo e procuraria mitigar a dor de quem sofrendo estava e não aumentar-lhe a tortura psicológica, como fazia o discurso de Elifaz (**Jó 16:5, 6**).

OBS: "No desespero, Jó lembra aos amigos que o dever fundamental da amizade é solidarizar-se com quem sofre. Os amigos, porém, o desiludem, como rio temporário que seca, frustrando a sede da caravana."(BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral, com. **Jó 6:14-21**, p.644).

Em seguida, o patriarca, uma vez mais, dirige-se a Deus, buscando nele a consolação e a explicação para seus sofrimentos, voltando a declarar a sua

inocência(**Jó 16:7-18**). Em meio a tanto lamento e dor, porém, Jó não deixa de reconhecer que Deus pode livrá-lo e é testemunha de sua inocência, suplicando por alguém que pudesse interceder por ele diante do Senhor (**Jó 16:19-17:3**).

O patriarca, assim, tem o discernimento de que há a necessidade de que alguém possa interceder pelos homens diante de Deus. Era uma demonstração de que a "pontinha de autossuficiência" já estava dissipada, trazendo aperfeiçoamento espiritual ao patriarca.

Jó não deixou de demonstrar sua confiança na vitória final do justo, mesmo ante todos os sofrimentos por que estava passando, o que comprova que a teologia de Elifaz estava totalmente equivocada, mesmo se for tentar compreendê-la pelo aspecto da eternidade, onde parece ser ela razoável (**Jó17: 8,9**).

A vitória do justo e seu triunfo final não decorrem, em absoluto, de seus méritos, mas da graça do Senhor. Jó estava desanimado com a sua vida (**Jó 17:6, 7,11-16**), mas não deixou de confiar na excelência e soberania de Deus. Na resposta ao terceiro e último discurso de Elifaz, Jó, ante as calúnias apresentadas, demonstra maior ansiedade ainda para se apresentar diante de Deus e de Seu tribunal para provar a sua inocência (**Jó 23:1-5**).

Ao invés de querer provar sua inocência ao caluniador, de mostrar, ponto por ponto, a falsidade das alegações de Elifaz, o patriarca deseja ardentemente encontrar-se com o Senhor, busca a justiça divina, pois sabe que o Senhor cuida dele (**Jó 23:6**). O que causava desesperança e dor em Jó não eram as palavras malévolas do teólogo Elifaz, mas o sentimento de abandono por parte de Deus (**Jó 23:8, 9**). Quão diferentes temos sido de Jó!

Quando somos caluniados, caluniamos ou procuramos mostrar, ante os homens, as nossas razões e a nossa verdade. Não raro procuramos humilhar e envergonhar o caluniador. Jó assim não procedeu, mas quis se apresentar como réu ante o tribunal divino, pois tinha convicção de sua inocência. Do mesmo modo, Jesus, quando injuriado, diz as Escrituras, não injuriava, mas se entregava aos cuidados de Deus (**I PE. 2:23,24**).

Muitos têm preferido resolver as afrontas, as injúrias e as calúnias ante os tribunais humanos, buscando a "reparação do dano moral". Que Deus nos guarde de ter um comportamento assim, mas que sejamos irrepreensíveis a

ponto de, quando injuriados e caluniados, termos a santidade e a dignidade de podermos nos entregar ao Justo e Supremo Juiz, que sabe o nosso caminho (**Jó 23:10**), para que possamos ser aprovados e saiamos refinados como o ouro(**Jó 23:11**).

OBS: A resposta de Jó, no capítulo 23, longe de nos apresentar um culpado que foge à justiça, mostra-nos um homem intensamente honesto, buscando a justiça e a verdade. Nas suas expressões, encontramos uma palavra de consolação para todos os que estão passando por algum mal entendido ou sofrimento, que se não pode relacionar diretamente a faltas cometidas no passado, ou qualquer culpa presente. Nos versículos 3 a 7, Jó expressa o apaixonado desejo de encontrar-se com o Deus da graça.

"Esse Deus, justo e compreensivo para consigo, faria justiça à sua causa: não o paralisaria pelo terror, exercendo Seu terrível poder." **(BÍBLIA VIDA NOVA, com. Jó 23:1-17 e 3-7, p.548).**

Conclusão

Jô reconheceu, também, a soberania de Deus e o Seu direito de atribular mesmo o justo (**Jó 23:11-17**) e, mesmo, o de permitir que o ímpio tenha aparente êxito nesta vida(**Jó 24**). Apresenta fatos que não podem ser desmentidos pela teologia teórica de Elifaz. Deus atua de várias maneiras e não podemos querer enquadrá-lo em nossos conceitos e experiência. Deus está muito acima de nossa compreensão e o que dele sabemos é fruto de Sua revelação a nós.

Por isso, tenhamos muito cuidado em julgar o semelhante e nos limitemos a anunciar o plano que ele nos revelou para a sua humanidade, pois temos de nele confiar e não em nossos conceitos e pensamentos, por mais lógicos que pareçam ser como os de Elifaz.

OBS: "… Deus sabe achar o homem e revelar-se a ele: não é o homem que descobre a Deus; Deus entende ao homem, mas o homem não pode entendê- lO além daquilo revelado pelo Senhor." **(BÍBLIA VIDA NOVA, com. a Jó 23:10, p.548).**

QUESTIONÁRIO

1) Qual o significado do nome Elifaz
R: Seu nome significa "Deus é forte" ou "Deus é vitorioso".

2) Qual a teologia que Elifaz defendia?
R: Elifaz insiste na idéia de que Deus abençoa os bons e lança calamidades sobre os pecadores

3) Para Elifaz eram impossível admitir que um homem sincero pudesse ser
R: submetido a um estado de ruína como tinha sido Jó. Em retribuição à sinceridade, Deus só pode dar bênçãos para o homem.

PARA REFLETIR

Na seqüência dos discursos dos amigos de Jó, encontramos a argumentação de Bildade, o suíta, cuja teologia, não muito diversa da de Elifaz, é enfática em afirmar que Jó deixara de ter prosperidade material porque havia pecado. Aos justos, ensinava Bildade, Deus não faz outra coisa senão cumular-lhe de bens e de riquezas. Como verificamos, pois, este pensamento que é apresentado, nos nossos dias, como uma "moderna interpretação", resultado da "plenitude dos tempos", é um antigo e surrado pensamento distorcido sobre Deus, pensamento este, aliás, que o Senhor disse não lhe ser agradável **(Jó 42:8)**

Meditação Diária						
Domingo Judas	*Segunda 1corintios*	*Terça Tiago*	*Quarta Hebreus*	*Quinta Atos*	*Sexta Mateus*	*Sábado 1timoteo*
23	*15:19*	*4:11,12*	*9:27*	*5:1-11*	*6:33*	*4:12*

LIÇÃO:9 BILDADE E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Texto base: (Jó8:1-7)

1. Então Bildade,da região de Sua, em resposta disse:**2.** “Até quando você, Jó, vai falar assim? Até quando as suas palavras serão como um vento forte?**3.** Será que Deus torceria a justiça? Será que o Todo-Poderoso faria o que não é direito?**4.** Decerto os seus filhos pecaram contra Deus, e ele os castigou como mereciam.**5.** Agora volte para Deus e ore ao Todo-Poderoso.**6.** Se você é mesmo puro e honesto, Deus virá logo ajudá-lo e lhe dará de novo o lar que você merece.**7.** A riqueza que você perdeu não será nada comparada com o que Deus lhe dará depois

INTRODUÇÃO

Não há, certamente, ensinamento falso mais disseminado no meio evangélico nos nossos dias do que o da chamada "teologia da prosperidade", doutrina esta que tem subvertido a saúde doutrinário-espiritual do povo de Deus. Ao estudarmos o livro de Jó, veremos que esta linha de pensamento não é sequer uma "inovação", pois já se encontrava presente nos argumentos dos amigos de Jó, em especial, de Bildade, que, em seus três discursos, não se cansa de dizer que os males que vieram de encontro a Jó eram conseqüências de seus pecados.

No estudo desta lição, que possamos nos desvencilhar das armadilhas e sofismas trazidos pela "teologia da prosperidade", lembrando-nos, sempre, que a pior espécie de homens que existe sobre a face da Terra é a dos que, conhecendo ao Senhor Jesus, buscam-no única e exclusivamente para coisas desta vida (Cf. **I Co.15:19**). Que Deus nos guarde de pertencermos a este triste grupo e que, sobretudo, possamos conscientizar nossos irmãos em Cristo que estão embaraçados com estes falsos ensinos, salvando alguns e "arrebatando-os do fogo" (Cf.**Jd.23**)!

I. QUEM FOI BILDADE

Após a resposta de Jó ao seu amigo Elifaz, quem toma a palavra é Bildade, provavelmente o segundo mais idoso dos amigos de Jó, que seria um "suíta", ou seja, um natural de Suá, região cuja localização é incerta. Entendem alguns estudiosos que Suá deveria ser um reino da região do Oriente Médio, não muito longe de Uz. Não devemos confundir este Suá com um dos filhos que Abraão teve com Quetura (**Gn.25:2**), pois, como vimos, quando muito o patriarca Jó era contemporâneo de Abraão e, deste modo, não poderia ter como um amigo alguém que fosse descendente de gerações de um filho de Abraão. Também não se confunda este Suá, ascendente de Bildade, com Suá, o genro de Judá (**Gn.38:2**), fato que, aliás, mostra que este era um nome próprio dos cananeus, o que pode ser uma indicação de que Bildade era cananeu.

OBS: "… Bildade significa 'apenas antigüidade' pois enquanto eles se

recusavam a ser compelidos pela verdade e buscar vitórias pelas suas idéias perversas, eles fracassaram em converter-se para a nova vida e o que eles buscavam era apenas da antigüidade…" (GREGÓRIO MAGNO. Moralia. www.ccat.sas.upenn.edu/jod/texts/moralia3) (tradução nossa).

Alguns dicionários consideram que o significado de Bildade seja "filho da contenda". Com relação à suá, o significado da palavra também é controverso, mas alguns consideram que seja "riqueza", o que confere com o pensamento trazido por Bildade. Ele fez, a exemplo de Elifaz, três discursos no livro de Jó, sendo que o terceiro é bem breve, a ponto de alguns estudiosos entenderem até que seu discurso ficou truncado no texto sagrado ou que parte do que se considera como sendo a resposta de Jó seja, na verdade, parte de seu discurso.

Todavia, nós que cremos na integridade das escrituras, não podemos aceitar tais idéias. Bildade sempre discursou após as respostas de Jó a Elifaz, sempre enfatizando a idéia de que o homem justo é próspero e que, se Jó havia perdido a sua prosperidade, haveria uma única razão para isto: o pecado. Jó, por sua vez, ao responder a Bildade, faz os mais eloqüentes discursos seus no livro que leva seu nome, realçando a sua inocência e demonstrando uma crença bem elevada em Deus e, o que é importantíssimo para nós, crentes do século XXI, uma crença em Deus que transpunha os limites desta vida terrena.

II. A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

O primeiro discurso de Bildade está no capítulo 8 do livro de Jó. Começa Bildade a repreender o patriarca, acusando-o de proferir palavras vazias, sem qualquer sentido ou comprovação. Como vimos na lição anterior, Jó havia dito que Deus estava permitindo o sofrimento de Jó, mas era um sofrimento sem causa, já que Jó insistia em dizer que não tinha pecado (**Jó 6:29,30**).

É contra esta afirmação que Bildade se dirige, alegando que são palavras vazias, um verdadeiro “vento impetuoso” (**Jó 8:2**).

Assim como Elifaz, Bildade preferirá prender-se a suas teorias a verificar os fatos. Não identifica a vida de Jó nem procura inquirir as causas do sofrimento do patriarca. Em vez de um minucioso exame, parte para a defesa de sua teoria, de suas concepções, pouco importando se elas se confirmam na

prática, no cotidiano. É o mal dos teóricos, daqueles que buscam mais as suas "invenções" do que a realidade dascoisas (**Ec.7:29**).

Para Bildade, o fundamento de toda a verdade estaria na seguinte indagação: “Porventura perverteria Deus o direito, e perverteria o Todo-poderoso a justiça? "(**Jó 8:3**).

Deus jamais iria torcer o direito e, portanto, tudo o que acontecendo estava com Jó era fruto da justiça, era aplicação da devida pena ao patriarca. Quantos não pensam assim nos nossos dias?

Ao verem a calamidade se abater sobre alguém, imediatamente invoca a justiça divina para justificar este mal, como se pudessem saber o que é o direito, o que é a justiça. Não nos iludamos: pensar como Bildade é colocar-se numa posição segundo a qual podemos discernir os pensamentos de Deus, o que, efetivamente, não é uma posição para simples e meros homens como nós! (**Tg.4:11,12**).

Se Deus age conforme a justiça e o direito, diz Bildade, os filhos do patriarca morreram por causa dos seus pecados. Assim, a morte dos filhos de Jó era fruto dos pecados daqueles jovens contra Deus. Que dura afirmação para o patriarca, que não se cansava de interceder por eles, mas que jamais tivera conhecimento de algum pecado praticado por eles. Diz-nos o texto sagrado que Jó se levantava de madrugada e intercedia pelos filhos em caráter preventivo, antes que soubesse de qualquer falta que eles pudessem ter cometido (**Jó 1:5**), além de santificá-los ao término da série de banquetes, preocupação que era prosseguimento de uma vida de instrução, pois, na infância, havia levado seus filhos à presença do Senhor (**Jó 29:5**).

Vemos, pois, que, enquanto o patriarca tinha uma contínua preocupação com seus filhos, Bildade estava fazendo uso da desgraça para acusar-lhes de pecado, nem mesmo respeitando o luto ou a memória dos falecidos. Uma teologia que via apenas a aparência, que não se preocupava em saber a realidade das coisas; uma teologia acusadora, não uma teologia consoladora e confortadora; uma teologia do dedo em riste, não do ombro amigo. Como temos nos portado com relação aos nossos semelhantes: como Bildade ou como Jó?

OBS: "… Ele (Bildade, observação nossa) não poderia ser advogado junto a Deus, mas poderia ser um acusador dos irmãos?**…"(Matthew HENRY)**

(tradução nossa) Pecado, eis a única causa para que os males venham à vida do justo, na lição de Bildade. O justo sempre terá tudo o que quiser, nenhum mal lhe sobrevirá, segundo este ensinamento, que pode ter sua lógica perfeita mas que é uma falácia total.

"Se fores puro e reto, certamente logo despertará por ti e restaurará a morada da tua justiça. O teu princípio, na verdade, terá sido pequeno, mas o teu último estado crescerá em extremo" (**Jó 8:6,7**). Era este o pensamento de Bildade: a prosperidade segue apenas os que forem justos e a prova da justiça diante de Deus é a posse de um estado de riquezas.

Entretanto, esta idéia de Bildade é totalmente negada no livro de Jó. Jó perdera tudo, mas não havia pecado. Muito pelo contrário, enquanto se encontrava neste estado de penúria, agradou a Deus, a ponto de o senhor ter-lhes mandado fazer sacrifícios em seu favor e que Jó por eles orasse, pois só ele havia mantido a sua integridade (**Jó 42:8,9**). Recebeu, sim, Jó, ao término da prova, o dobro do que possuía antes, seu último estado foi maior que o primeiro (**Jó 42:12**), mas não porque tivesse se arrependido de algum pecado, como falara nesciamente Bildade, mas porque se mantivera fiel apesar da falta de prosperidade material.

OBS: "… Argüir (como Bildade, eu desconfio, faz às escondidas) que, porque a família de Jó foi destruída e ele próprio naquele instante parecia sem ajuda, era conseqüência de ser Jó um homem mau e pecador, não é justo nem generoso, mormente quando não havia aparecido nenhuma outra evidência de sua maldade ou impiedade.

Nada julgemos antes do tempo, mas esperemos até que os segredos dos corações sejam manifestos e as dificuldades presentes da providência sejam resolvidas para uma satisfação eterna e universal, quando o mistério de Deus estiver terminado. **(Matthew Henry.) (tradução nossa)**

Para Bildade, o homem que se esquecer de Deus é o que terá interrompida a sua prosperidade sobre a terra, assim como a erva que se seca (**Jó 8:11-13**). O esquecimento de Deus, a hipocrisia no relacionamento com o Senhor seriam a fonte da perda de solidez na vida de alguém, razão pela qual perderia o homem a sua casa (**Jó 8:15**) e a sua esperança ficaria frustrada e a sua confiança passaria a ser como uma teia de aranha (**Jó 8:14**).

Segundo este raciocínio, portanto, os bens que alguém possua são uma

decorrência direta do relacionamento do seu proprietário com o Senhor, o que, efetivamente, não é, em absoluto, a realidade revelada por Deus em sua palavra.

OBS: "… Mas não é verdadeiro que todos os homens maus são visível e abertamente feitos miseráveis neste mundo; nem é verdadeiro que aqueles que são trazidos para grande aflição e problemas neste mundo assim estejam em conseqüência de terem sido julgados e condenados como homens maus, em especial quando nenhuma outra prova aparece contra eles e, embora Bildade achasse que a aplicação disto a Jó fosse fácil, isto não era nem seguro nem justo**…." (Matthew Henry.) (tradução nossa)**

Em resposta a este discurso, Jó começa reconhecendo que não pode o homem justificar-se diante de Deus (**Jó 9:2**). Deus está bem acima dos homens, não há como querer comparar o Criador com a Sua criação (**Jó 9:3-14**). Mas, ao assim reconhecer a supremacia de Deus com relação ao homem, Jó desarticula totalmente o argumento de Bildade e de sua teologia.

Se Deus está acima do homem e o homem não tem como justificar-se diante de Deus, como, então, saberemos o que é justiça e o que é direito, a fim de podermos dizer, como Bildade, de que a derrocada material de alguém está relacionada com sua hipocrisia ou com sua falta de autenticidade na sua fé?

Tomar o progresso material como uma evidência de que a pessoa está em comunhão com o Senhor, como, milênios depois, defenderia Calvino, é um equívoco muito grande, pois seria desconsiderar a supremacia de Deus em relação ao homem, homem que não tem condição alguma de contender com o Senhor (**Jó 9:3**).

Jó afirma que, ainda que fosse justo, ele apenas pediria misericórdia ao juiz, que é Deus, o único que pode julgar o homem. Este mesmo pensamento vê em Tiago, que nos manda abstermo-nos de julgarmos o irmão, que é, exatamente, o que fazem os seguidores da teologia da prosperidade (**Tg.4:11,12**).

Observemos que Jó, apesar de ser apontado como sendo um dos três homens que, por sua justiça, salvar-se-iam de calamidades sobre a terra (**Ez.14:14-20**), não ousava colocar-se entre aqueles que poderiam, pelos bens que alguém possuísse, determinar-lhes a santidade.

Os teólogos da prosperidade, portanto, invocam uma posição que não

possuem, a de juizes da santidade alheia. São, portanto, usurpadores de uma atribuição que é exclusivamente divina.

Com plena convicção, Jó afirma que está sofrendo sem causa, que Deus ocasionou toda a sua dor, embora ele não saiba o motivo destas mazelas (**Jó 9:17**; **10:7**). Vê a Deus como alguém que o considerará como perverso, diante de sua natureza pecaminosa (**Jó 9:20**) e nota a necessidade que alguém venha mediar a relação entre Deus e o homem (**Jó 9:33**), que possa restabelecer uma comunhão duradoura com o senhor.

Em resposta à acusação materialista de Bildade, Jó traz a necessidade de uma reconciliação entre Deus e o homem, através de um mediador, alguém que pudesse mudar o destino cruel da humanidade, que nada tinha que ver com a posse de bens, mas com a necessidade de uma nova comunhão entre Deus e o homem.

Como resposta à teologia da prosperidade, o patriarca Jó já apresentava, ainda que sem consciência, como figura, a pessoa de Cristo, que, como mostra o texto, nada tem que ver com a prosperidade material do homem. Jó afirma, com veemência, que Deus permite que o ímpio tenha prosperidade material sobre a face da Terra (**Jó 9:24**) e que isto decorre de permissão divina, pois Deus é o único Senhor, não tendo quem possa exigir-lhe contas (**Jó 9:32**).

Uma vez mais desconsiderando a argumentação de um de seus amigos, o patriarca dirige-se diretamente a Deus, pedindo-lhe, uma vez mais, a morte (**Jó 10:18-22**), mas reconhecendo que o Senhor foi Quem lhe deu a vida, ainda antes do ventre materno (**Jó 10:8-12**).

Jó pergunta a Deus porque está sofrendo, mas tem certeza de que isto não decorreu de qualquer pecado que houvesse cometido (**Jó 10:2-6**, **13- 17**). Desta resposta do patriarca ao primeiro discurso de Bildade, encontramos os argumentos pelos quais devemos enfrentar a teologia da prosperidade nos nossos dias: a supremacia de Deus em relação ao homem que nos impede de sabermos os seus desígnios; a natureza espiritual da restauração da comunhão entre Deus e o homem, que é o objetivo e finalidade do ministério de Cristo; a constatação de que o ímpio alcança prosperidade material nesta vida. São verdades bíblicas que desmentem cabalmente a teologia da prosperidade.

OBS: “… Aqui Jó toca brevemente sobre o ponto principal agora em disputa entre ele e seus amigos. Eles mantêm que aqueles que são justos e bons sempre prosperam neste mundo e ninguém, a não ser os maus, estão em miséria e aflição; ele afirma, em contrário, que é algo comum o mau prosperar e o justo ser grandemente afligido(…).

“Deve ser reconhecido que é muito mais verdade o que Jó aqui diz que os julgamentos temporais, quando são exteriorizados, caem tanto sobre bons como sobre maus.…” **(Matthew Henry.) (tradução nossa)**

No seu segundo discurso, Bildade volta a afirmar que Jó é enganoso em seus argumentos, que apresenta artifícios ao invés de palavras (**Jó 18:2**), imputando ao discurso do patriarca os vícios do seu próprio discurso, pois as considerações de Jó estavam baseadas em fatos, enquanto que Bildade prendia-se a supostos ensinamentos antigos (**Jó 8:8-10**), mencionados, mas não demonstrados (e aqui vemos como Bildade age como Elifaz, buscando o famoso argumento da autoridade da tradição), para dali tirar conclusões que não tinham qualquer confirmação histórica ou fática.

Inicia Bildade, desta feita, procurando menosprezar a pessoa de Jó diante de Deus, querendo fazer-lhe crer que ele nada significava, ante a sua pequenez, para o Criador (**Jó 18: 4**).

Esta idéia de um Deus distante e indiferente, que não se importa com o homem, constitui um traço do "deísmo", outra característica dos discursos dos amigos de Jó, que será objeto de uma análise mais acurada na lição 10. Mais uma vez, observamos que a teoria de Bildade está desmentida cabalmente nas Escrituras, pois Deus observava, de perto, o patriarca Jó, a ponto de considerá-lo o homem mais excelente de seu tempo (Cf. **Jó 1:8**).

Indubitavelmente, para um teólogo da prosperidade, alguém que estivesse na miséria como estava Jó, não deveria, mesmo, valer coisa alguma, mas tal critério de avaliação não é o critério divino, pois, neste passo, Jesus foi bem enfático: "a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui" (**Lc.12:15**, in fine).

Bildade afirma que o ímpio é quem sofre sobre a face da Terra, que terá a sua luz apagada, que terá seu lar destruído, que ocasionará a sua ruína pelos seus próprios passos e caminhos, que terá doenças, será arrancado da sua tenda e será levado até a presença do "rei dosterrores" (**Jó 18:5-15**), sua

memória perecerá na terra, as praças não terão o seu nome e nem mesmo sequer terá descendência, tudo isto porque não conheceu a Deus (**Jó 18:16-21**).

Em sua resposta a este segundo discurso, Jó denuncia que Bildade só faz entristecer a alma de seu ouvinte (Jó 19:2). O discurso de Bildade era despido de amor e de compaixão, não sendo este o tipo de discurso que deve provir da boca de um servo de Deus (**II Co.1:4**; **ITs.5:14**).

Jó, antes de sua prova, bem ao contrário, era portador de mensagens confortadoras e consoladoras (**Jó 29:11**, **21,22**). Como tem sido o nosso discurso com relação aos nossos semelhantes? Jó volta a afirmar que está sofrendo uma provação da parte de Deus e que sua maior aflição não é o fato de ter perdido bens, ou mesmo os filhos, mas de sentir abandonado pelo Senhor, perdendo toda a esperança (**Jó 19:6-12**).

Afirma que está incompreendido pelos próprios semelhantes seus e, a começar de sua mulher e de seus servos e criados, ninguém mais lhe honra nem sequer admite a sua companhia (**Jó 19:13-19**). Jó encontrava-se em total solidão. Assim se lamentando, Jó mostra haver bens maiores do que as coisas materiais.

Revela a Bildade que as coisas materiais não são o norte nem o critério para se avaliar a vida de alguém e que há valores muito mais importantes do que as riquezas ou as finanças na vida de um ser humano. O que mais deixava Jó triste era a falta de compaixão de seus amigos e a observação superficial e materialista que estava sendo feita por eles, a ponto de insensíveis, começarem a acusá-lo ao invés de a ele se ajuntarem (**Jó 19:21-24**).

Entretanto, diante deste desprezo dos amigos, Jó, mais uma vez, dirige-se diretamente a Deus e, contra a preocupação de Bildade a respeito da falta de prosperidade material, Jó apresenta uma esperança que supera a dimensão desta vida terrena. Nada mais possuía o patriarca, nem mesmo o desejo de viver doente e abandonado por todos, mas algo não lhe havia sido tirado: a certeza de que seu Deus era um redentor e que ele vivia e que, por fim, se levantaria sobre a terra e, mesmo depois de consumida a pele do patriarca, na sua própria carne ele ainda veria a Deus (**Jó 19:25-27**).

No primeiro discurso de Bildade, Jó já divisara a necessidade de um

mediador entre Deus e os homens. Agora, numa nova demonstração de uma consciência que está muito além da prata e do ouro perecíveis desta terra, o patriarca fala da esperança da ressurreição, da certeza de que Deus não é o Deus distante de seus amigos, mas um Deus que quer redimir o homem, que quer resgatá-lo, que quer livrá-lo e que, no tempo determinado, levantar-se-á sobre a terra para fazer justiça.

A justiça não é aquilatada pelo que os homens tenham ou deixem de ter, como imaginava Bildade (e, hoje, os populares pregadores da prosperidade), mas aquilo que está reservado para a plenitude dos tempos, o acerto de contas de todo o universo com o Criador, diante da reconciliação operada pelo mediador necessário. Jó não estava interessado nos bens que havia perdido, pois ele sabia que, embora nada mais tivesse, uma coisa possuía que não lhe havia sido tirada: a certeza da salvação e de que, no momento aprazado por Deus, contemplaria ressurreto, o seu senhor vencendo toda a oposição e estabelecendo, de forma plena, a comunhão com o homem!

OBS: "… Jó era agora um acusado e este foi a sua defesa. Seus amigos o reprovaram como um hipócrita e desprezado, como um homem mau; mas ele apela para sua crença, para sua fé, para sua esperança, para sua própria consciência, que não apenas o absolvia de qualquer pecado, mas o confortava com a expectativa de uma bendita ressurreição. Estas não são palavras de quem tem um demônio. (…).

Como facilmente nós podemos carregar as calúnicas injustas e as reprovações dos homens enquanto estamos esperando a aparição gloriosa de nosso Redentor, e seus remidos, no último dia, quando, então, haverá a ressurreição de nomes tanto quanto de corpos! …" **(Matthew Henry.) (tradução nossa)**

Num gesto ousado, o patriarca, consciente desta certeza de salvação, dirige-se, então, a Bildade e aos demais amigos e os censura. Ao invés de acusarem o semelhante, ao invés de dizerem que deveria confessar um pecado inexistente, para que pudesse voltar a ser rico, deveria cada um verificar como estava diante de Deus, pois chegará o juízo divino sobre cada um e, neste juízo, pouco importará o ouro ou a prata que alguém possa ter angariado nesta vida (**Jó 19:28,29**). Qual tem sido a preocupação dos crentes nos nossos dias? Ter o carro do ano? Ter cada vez mais casas e empresas?

Multidões têm ido buscar a Jesus com o intuito de enriquecerem e de serem prósperos. Mas, será que têm pensado no juízo que se seguirá à morte de cada um? (Cf.**Hb.9:27**).

Será que têm se preparado para encontrar-se com o Senhor no dia do arrebatamento? Será que têm se sido vigilantes para o dia da vinda do Senhor? Lamentavelmente, poucos têm sido aqueles que têm seguido a ordem de prioridades do patriarca Jó, que falava o que era correto a respeito do caráter e dos propósitos de Deus. Muitos têm sido os crentes que têm se comportado como Ananias e Safira, que perderam a salvação porque quiseram dar prioridade às coisas materiais em detrimento do serviço a Deus (Cf.**At.5:1-11**).

Ainda é tempo de acordarmos e de observarmos que devemos buscar o reino de Deus e a sua justiça e que as demais coisas nos serão acrescentadas (**Mt.6:33**). No terceiro discurso, extremamente breve, Bildade limita-se a dizer que o homem não pode ser considerado justo diante de Deus e que o homem seria como um verme, como um bicho diante de Deus (**Jó 25:1-6**).

Enfatiza, aqui, uma vez mais, o que considera ser a insignificância do homem diante de Deus. Todavia, ingressa numa grande contradição em relação a seu primeiro discurso: se o homem não pode ser justo diante de Deus, como, então, pode discernir se alguém é justo ou ímpio só pelas posses que tenha? Em sua resposta ao discurso de Bildade, Jó denuncia que o discurso de seu amigo não tem origem em Deus.

Bem discernindo os ensinamentos trazidos pela teologia da prosperidade, o patriarca nega que ele possa ser originado no Senhor, pois não tinha ele um propósito construtivo, mas meramente acusatório e, certamente, sem edificação. Para tanto, usa de ironia (**Jó 26:2,3**). O discurso do crente tem de ser animador, tem de buscar trazer consolo e conforto para os que os ouvem como já vimos supra.

Um discurso meramente acusatório, denunciador, que busque envergonhar o ouvinte, ainda que este seja pecador e esteja errado, não tem origem em Deus e em relação a ele, devemos como o patriarca, dizer: “e de quem é o espírito que saiu de ti? "(**Jó 26:4b**).

Hodiernamente, temos tomado conhecimento de pessoas que, inclusive, têm recorrido à justiça dos homens para serem reparados de danos morais

sofridos em pronunciamentos infelizes e sem qualquer sabedoria que têm sido proferidos dos púlpitos.

Se é antibíblica esta ida aos tribunais para reparação (Cf. **I Co.6:1-6**), não é menos antibíblica a conduta praticada por alguns que, lamentavelmente, deveriam ser o exemplo dos fiéis (Cf. **I Tm.4:12**). Jamais devemos aproveitar o direito que temos de falar na casa do Senhor para maldizer ou ofender quem quer que seja, mas tão somente para sermos um canal de bênçãos para todos os que estão nos ouvindo.

Jó anuncia, uma vez mais, ao contraditório Bildade, a supremacia de Deus e quão longínqua está a dimensão divina da dimensão humana (**Jó 26:5-14**). Alerta seu amigo de que não podemos ousar determinar quais são os pensamentos ou os caminhos do Senhor, pois ele habita numa dimensão totalmente diversa da nossa, tendo sob seu controle os mortos, o inferno, suspendendo a terra sobre o nada (uma tremenda revelação que a ciência dos homens somente teria condições de admitir e conceituar milênios mais tarde).

Diante de tamanha grandeza, diz o patriarca, "quem, pois, entenderia o trovão do Seu poder? "(**Jó 26:14b**). É interessante observar que a teologia da prosperidade de Bildade, que somente enxerga esta vida terrena, que "não vê um palmo à frente do seu nariz", acabou instigando o patriarca a considerações tão elevadas que seus próprios argumentos serão utilizados pelo próprio senhor quando este, pela sua infinita misericórdia, cessar o seu silêncio e iniciar aquele maravilhoso inquérito que precede o término da provação de Jó.

Jó declara a Bildade que continuará submisso ao senhor e que sua fé não dependia da sua prosperidade material. "Enquanto em mim houver alento, e o sopro de Deus no meu nariz, não falarão os meus lábios iniqüidade, nem a minha língua pronunciará engano (**Jó 27:3,4**)(…) à minha justiça me apegarei e não a largarei (Jó 27:6a)".

Que oração bem diferente daquelas dos adeptos da doutrina da confissão positiva, prima-irmã da teologia da prosperidade, que "determinam", "declaram", "decretam" bênçãos e que ameaçam ao Senhor para que, de imediato, cumpra os seus desejos e caprichos, sob pena de desmoralização e de abandono da fé, como se Deus fosse um empregado qualificado, pronto a servir os crentes.

OBS: "… Jó é um dos maiores exemplos de firmeza de convicção, de

apego à retidão e de perseverança na fé (…). Sua determinação inabalável de manter a sua integridade e de permanecer fiel a Deus não tem paralelo na história da salvação dos fiéis. Nenhuma tentação, sofrimento, ou aparente silêncio da parte de Deus podia afastá-lo da sua lealdade a Deus e à sua Palavra. Recusou-se a blasfemar contra Deus e morrer (…).

Semelhantemente o crente do NT deve ter esta mesma e única resolução nas tentações, tristezas e nos dias sombrios da vida. Com uma firme convicção, deve continuar resoluto na sua fé, firme até o fim (**Cl.1.23**). Nunca deve recuar e abandonar a fé enquanto viver, mas permanecer em tudo fiel à Palavra de Deus e ao Seu amor. Deve 'sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens'… **(BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a** Jó 27.4**, p.796).**

Prosseguindo em sua resposta inspirada, o patriarca ataca o âmago da questão da teologia da prosperidade. Condena a avareza, que é o propósito que se encontra atrás desta falsa doutrina, ao afirmar que "qual será a esperança do hipócrita, havendo sido avaro, quando Deus lhe arrancar a alma?" (**Jó 27:8**). Este é o verdadeiro motivo pelo qual não podemos aceitar a teologia da prosperidade. Seus seguidores assemelham-se em tudo ao rico insensato da parábola de Jesus (**Lc.12:13-21**).

Deixam de ter a visão da eternidade e passam a buscar a Jesus para ter uma existência regalada e prazerosa nesta vida. Como conseqüência, quando forem chamados a adentrar na eternidade, estará irremediavelmente perdida. Isto é verdadeira loucura e, por isso, Paulo chama-os de os mais miseráveis de todos os homens, pois, tendo conhecimento de quem é Jesus e do que ele pode oferecer ao homem, desprezam a vida eterna e querem se servir do Senhor para uma existência efêmera e tão fugaz como é a da vida terrena. Fujamos desta cilada do inimigo enquanto é tempo!

Jó diz não desconhecer que a justiça divina, a seu tempo, será feita e que o ímpio sofrerá a retribuição pelo mal que cometer, mas isto não significa que o justo não possa sofrer tribulações. Na eternidade, não há riqueza que poderá salvar o rico e, portanto, a prosperidade material que o pecador tenha nesta vida em coisa alguma altera o caráter moral do todo-poderoso (**Jó 27:11-23**). Assim, não é com valores terrenos ou riquezas materiais que quereremos entender e enxergar a comunhão de alguém com o Senhor.

III. A LAMENTAÇÃO DE JÓ QUE RESPONDE À TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Ao observarmos o livro de Jó, percebemos que o patriarca, após o terceiro discurso de Bildade e antes da intervenção de Eliú, faz uma grande lamentação, que vai dos capítulos 28 até 31. Trata-se, na verdade, de uma lamentação que procura responder a todos os discursos de seus amigos, demonstrando a sua insuficiência para o consolo e conforto da alma do patriarca.

Entendemos de incluir um breve comentário a respeito deste texto, tendo em vista que não há lição sobre esta porção do livro, incluindo-a aqui precisamente por ser um lamento que se segue à última fala de Bildade, buscando encontrar neste lamento mais elementos de refutação à teologia da prosperidade.

Em seu lamento, Jó volta a insistir na idéia de que Deus está acima do homem e que não podemos querer discernir seus propósitos e pensamentos, como pretende poder entender o teólogo da prosperidade, que usa do critério da prosperidade material de alguém para dizer se ela está, ou não, conforme a vontade do Senhor.

Diz o patriarca que não podemos negar que o homem é um ser inteligente e que pode dominar a natureza, mas o faz apenas porque Deus criou todas as coisas. Como se não bastasse isso, quando se verifica de onde vem a sabedoria, que se distingue da inteligência, percebe-se que ela não está ao alcance do homem e que a sua única fonte é Deus. Só "Deus entende o seu caminho e sabe o seu lugar "(**Jó 28:23**).

OBS: "… Em tempos de crise, o atendimento às necessidades materiais se torna um assunto prioritário. Afinal, queremos garantir nosso sustento e sobrevivência. Queremos também conforto e todo tipo de satisfação pessoal. Queremos ter um ótimo emprego.

Mas, que tais termos nosso próprio negócio? Melhor ainda. Tudo isso é permitido. Não existe nenhum pecado em todos esses desejos, desde que estejamos dispostos a trilhar caminhos direitos para alcançarmos o que desejamos. Entretanto, muitos têm anunciado o evangelho como se este fosse um meio para se alcançar riqueza. Chegam a dizer que todo cristão deve ser

rico e, se for pobre, é porque está em pecado ou sob maldição.

Vejo essa "teologia da prosperidade" como fruto da mentalidade capitalista que tem dominado o mundo, entrando inclusive em muitas igrejas. Muitos pregadores apresentam esse "evangelho" através de uma linha de raciocínio aparentemente lógica. Afirmam que, se Deus é rei, então seus filhos devem ter o que de melhor existe no mundo. Se ele é o dono do ouro e da prata (**Ag.2.8**), então os cristãos também devem ter muito ouro e muita prata. Segundo essa falsa tese, o supremo poder de Deus estaria a nosso serviço para nos dar tudo o que desejamos. Mas quem é o Senhor? Nós?

Não! Precisamos perguntar como Paulo: "Senhor, que queres que eu faça?" (**At.9.6**). Temos uma lista de pedidos para Deus. Algumas pessoas têm uma lista de ordens, chegando a "determinar" que Deus faça uma série de coisas. Quem somos nós para determinar alguma coisa para Deus? Será que já cumprimos tudo o que ele determinou que fizéssemos? Imagine um servo que, ao invés de fazer o serviço, está dando ordens para o dono da casa. Podemos e devemos apresentar nossos pedidos diante do Senhor, mas nunca ordens nem determinações. “Isso seria um atrevimento, uma falta de respeito diante de Deus**”…. (Anísio R. de ANDRADE. Prosperidade**. **http://www.geocities.com/athens/agora/8337/prosperidade.htm**).

Em seguida, Jó descreve seu estado anterior à prova, mostrando como gozava de todos os bens que alguém poderia ter (**Jó 29**) bem como o seu estado atual, onde o desprezo, a dor e a humilhação eram uma constante na suavida(**Jó 30**).

Em ambas as descrições, percebe-se uma grande oposição, mas, em ambas as situações, Jó continua sendo um homem fiel a Deus e sem culpa, numa clara prova bíblica de que a posse de riquezas ou de bem-estar material é algo indiferente no relacionamento de Deus com o homem.

O patriarca, aliás, é bem enfático ao afirmar que, ao contrário de Adão, não estava a esconder qualquer pecado (**Jó 31:33,34**). Para um teólogo da prosperidade, é impossível que, sem alteração espiritual, possa alguém passar da riqueza para a miséria, mas os capítulos 29 e 30 do livro de Jó são um cabal desmentido para estes teólogos, a quem devemos tão somente repetir, aqui, as palavras de Jesus, a saber: "errais, não conhecendo as escrituras nem o poder de Deus" (**Mt.22:29**b).

No capítulo 31, o patriarca, mesmo em pleno estado de miserabilidade, declara que se mantém um homem íntegro na presença de Deus. Afirma que é um homem íntegro do ponto-de-vista moral e sexual (**Jó 31:1**), pede ao Senhor que o pese em balanças fiéis, pois não será achado em falta (**Jó 31:6**), numa situação, a propósito, diametralmente oposta ao do rei Belsazar que, em meio a tanta opulência material, foi achado em falta por Deus (Cf.**Dn.5:27**).

Jó informa-nos, ainda, que não pôs sua esperança no ouro nem nele confiou (**Jó 31:24**), nem mesmo ficou alegre porque tinha obtido riquezas (**Jó 31:25**), numa clara demonstração de que não via na posse de riquezas a prova ou a demonstração de sua comunhão com o senhor.

Que discurso diferente do dos teólogos da prosperidade e de todos os crentes que só servem a Jesus para serem ricos nesta vida. O patriarca considera tal comportamento como um delito diante de Deus (**Jó 31:28**) e, como Deus se agradou do que Jó falou a seu respeito (**Jó 42:8**), não temos outra qualificação a fazer a respeito da teologia da prosperidade: trata-se de um delito diante de Deus.

IV. AS CONTRADIÇÕES DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Como já puderam verificar ao longo desta breve e pequena análise da resposta de Jó a Bildade e de seu lamento, a teologia da prosperidade possui grandes contradições, que são cabalmente demonstradas no texto sagrado e que revelam a sua falta de respaldo bíblico.

A primeira contradição resulta do fato de se entender possível que o homem possa saber da comunhão espiritual de semelhante seu única e exclusivamente com base em sua situação patrimonial. Como bem afirmou Jó em resposta a Bildade (**Jó 19:4**), a situação espiritual de alguém com Deus é assunto pertinente única e exclusivamente àquela pessoa.

O homem não tem condições de averiguar, com absoluta certeza, como está o relacionamento entre um indivíduo e o seu criador, porquanto isto é tema que se encontra na exclusiva dimensão divina (Cf. **I Sm.16:7**; **Jo.2:23-25**). Verdade é que o Senhor afirmou-nos que conheceremos a situação espiritual de alguém pelas suas obras (**Mt.7:16-20**), mas, veja bem, pelas suas obras, não pelos seus bens.

Ora, o próprio Bildade fez questão de afirmar que Deus está acima do homem (**Jó 25**), como, então, podemos julgar o homem espiritualmente com base em sua prosperidade material? A segunda contradição resulta da própria vida de Jó. O patriarca é um exemplo vívido de que a comunhão espiritual independe da prosperidade material.

Jó não havia pecado, mas Deus permitiu que toda a sua riqueza cessasse, numa comprovação de que o fato de alguém ser pobre ou rico não está relacionado a ter, ou não, uma comunhão com o senhor. A terceira contradição encontra-se nas próprias escrituras, que estão repletas de exemplos de pessoas fiéis a Deus que não tinham riquezas materiais e de pessoas ímpias que eram cercadas de todas as riquezas e de todo o conforto.

Faraó, Belsazar, César, são exemplos de homens ricos e poderosos que, apesar de toda esta riqueza, eram ímpios e, não raro, são encontrados lutando tenaz e deliberadamente contra o senhor. Nem por isso empobreceram ou foram reduzidos à miséria.

O único ser humano sem pecado ou falha, ou seja, o Senhor Jesus, nasceu em uma manjedoura, nada teve durante sua vida terrena (**Mt.8:20**) e até eu sepulcro foi emprestado (**Mt.27:57-60**). Como, então, dizer que a posse de riquezas materiais nesta vida é a prova indispensável de que alguém está em comunhão com Deus?

OBS: "…2.3. O CRISTÃO NÃO DEVE SER POBRE. Os seguidores de Hagin enfatizam muito que o crente deve ter carro novo, casa nova (jamais morar em casa alugada!), as melhores roupas, uma vida de luxo. Dizem que Jesus andou no "cadillac" da época, o jumentinho.

Isso é ingênuo, pois o "cadillac" da época de Cristo seria a carruagem de luxo, e não o simples jumentinho. O QUE DIZ A BÍBLIA. A Palavra de Deus não incentiva a riqueza (também não a proíbe, desde que adquirida com honestidade, nem santifica a pobreza); S. Paulo diz que aprendeu a contentar-se com o que tinha (cf.**Fp4.11**,**12;1Tm.6.8**).

Jesus enfatizou que só uma coisa era necessária: ouvir sua palavra (**Lc 10.42**); Ele disse que é difícil um rico entrar no céu (**Mt 19.23**); disse, também, que a vida não se constitui de riquezas(**Lc 12.15**). Os apóstolos não foram ricaços, mas homens simples, sem a posse de riquezas materiais. S. Paulo advertiu para o perigo das riquezas (**1 Tm 6.7-10)…"(Elinaldo R. de LIMA. A**

Teologia da prosperidade à luz da Bíblia. **http://www.assembleiadedeus-rn.org.br/familia/port/estudos02.htm**).

"… Eticamente falando, vivemos, num mundo regido pela "lei de Gerson", pela qual cada um busca tirar vantagem para si própria em tudo: nos negócios, na sexualidade, na política e até na religião. Pois a prática da lei de Gerson no dia-a-dia levou grupos religiosos a inventar a "teologia da prosperidade" como chamariz maior para a multiplicação de seus rebanhos e seus bens.

Nesses grupos, a promessa de mobilidade sócio-econômica ascendente enche velhos cinemas e teatros convertidos em templos e induz os fiéis a contribuir com seu dinheiro uma, duas, três ou mais vezes durante os cultos, garantindo-lhes a fila preferencial dos que serão aquinhoados com a prosperidade material e a ascendência social. (…)

A longa e dolorida história da igreja é a história de pessoas sempre tentadas a escolher o pode em vez do amor, a ambição de liderar em vez de ser lideradas. Os apóstolos Tiago e João caíram nesta tentação: "Quando estiveres na glória, deixa-nos sentar um à tua direita e outro à tua esquerda"? (**Marcos 10:37**).

A glória compartilhada, posições de honra e a proximidade de pessoas poderosas são meios populares para que alguém se considere importante. A resposta de Jesus a Tiago e João contesta as suposições populares sobre grandeza, poder e proeminência: "Por acaso vocês podem beber o cálice que eu vou beber? Podem ser batizados com o batismo com que eu vou ser batizado?" (**Marcos 10:38**).

O cálice que Jesus bebeu foi o do amor desinteressado, que dá sua vida pelos outros. O batismo foi o sepultamento do mundo velho, com seus joguinhos de poder, e o surgimento do reino de justiça, generosidade e alegria. Isso se chama mobilidade descendente, para baixo. (…) O caminho de Jesus leva em outra direção.

O caminho do cristão não é o da mobilidade ascendente, na qual o mundo tanto investiu, mas o da mobilidade descendente, que leva à cruz. "Não uma liderança de controle e poder, mas de humildade, esvaziada de poder…." (**Jaime WRIGHT. Contra a teologia da prosperidade**. **http://www.ejesus.com.br/onASP/exibir.asp?arquivo=726**).

Os amigos de Jó deveriam estar informados, pelo menos, da história dos antigos patriarcas; e muito certamente ela contém fatos de uma natureza oposta a seus discursos. O justo Abel foi perseguido e assassinado pelo seu irmão mau, Caim. Abrão foi obrigado a deixar seu próprio país para adorar o Deus verdadeiro, como toda a tradição tem dito. Jacó foi perseguido pelo seu irmão Esaú; José foi vendido como escravo por seus irmãos; Moisés foi obrigado a fugir correndo do Egito e foi várias vezes tentado e afligido, até mesmo pelos seus próprios irmãos.

Para não mencionar Davi e quase todos os profetas. Todos estes são provas de que os melhores dos homens eram freqüentemente expostos a aflições doloridas e duras calamidades e que não é pela prosperidade ou a adversidade dos homens neste mundo que nós devemos julgar a aprovação ou desaprovação de Deus em relação a eles. “Em todo o caso, a regra de Deus é infalível: 'Pelos seus frutos os conhecereis'…" **(Adam CLARKE. Comentários.studylight.org/com/acc/view.cgi?book=job&chapter=008**) **(tradução nossa)**

A quarta contradição está no fato de que as Escrituras condenam veementemente a busca de riquezas materiais nesta vida. Em momento algum, o senhor, em sua Palavra, recomenda, incentiva ou estimula a busca de riquezas materiais. Bem ao contrário, sempre é ordenada a busca de uma vida de comunhão com o senhor, a busca de bens espirituais, deixando-se em plano secundário a posse de riquezas materiais, que não é, em absoluto, prometida por Deus a seus servos, embora não desconheçamos que o senhor tenha dado a alguns deles estas bênçãos.

No sermão do monte, Jesus recomendou que dessem prioridade ao reino de Deus e à sua justiça (**Mt.6:33**). Paulo também exorta os crentes a buscarem as "coisas décima" (**Cl.3:1,2**), bem como afirma que quem quer ser rico nesta vida, está armando laços contra si próprio e pratica uma conduta que não é própria de um homem de Deus (**I Tm.6:9-11**). Então, sigamos as Escrituras e deixemos de lado os ensinos cada vez mais numerosos destes adeptos da teologia da prosperidade.

V. A JUSTA PORÇÃO DE AGUR

Se a Bíblia não nos ensina a correrm os atrás da opulência material, então estaria ela recomendando que buscássemos a pobreza, que seria a pobreza, então, um símbolo de comunhão com o Senhor? A resposta é negativa. Assim como a palavra de Deus não apresenta uma teologia da prosperidade, não afirma que a riqueza seja uma bênção indispensável a um servo de Deus, de igual modo não considera a pobreza como uma forma de demonstração de santidade.

Não há o que se denominou, notadamente entre os defensores da chamada "teologia da libertação", uma "opção preferencial pelos pobres".

OBS: Interessante, aliás, recente coluna do jornal "O Correio Popular" de Campinas/SP, que transcrevemos: "...Se de um lado a igreja progressista fazia a opção preferencial pelos pobres e tinha visão socialista, a direita religiosa norte-americana “fabricou” a teologia da prosperidade, opção preferencial pela riqueza, bem ao gosto da economia de mercado.

Se a teologia da libertação propugnava um estilo de vida mais simples, a teologia da prosperidade ensina o consumo e a opulência. Se a primeira era uma visão teológica sob a influência de idéias marxistas, a segunda era a teologia neoliberal. Tudo indica que há um novo Documento de Santa Fé que tem balizado as ações do governo Bush. As evidências são de que há uma revitalização da teologia do Destino Manifesto (segundo a qual os EUA são a nação escolhida por Deus para implantar o Seu Reino na terra), uma campanha de descrédito para com as ações cooperativas (se antes combateram o ecumenismo religioso, hoje combatem o ecumenismo das nações na sua visibilidade das Nações Unidas), a demonizarão das religiões não-cristãs (é evidente a associação que se faz entre o islamismo e o terrorismo), a formação de cruzadas modernas (as missões ao mundo árabe através de campanhas missionárias do tipo Janela 10-40, usando especialmente não-americanos para levar a “mensagem”, pois eles mesmos não têm acesso a estes povos), na divisão da cooperação entre os povos, evidente na tentativa de dividir a Europa como unidade político-econômica, na linguagem ético-religiosa (eixo do mal, eixo do bem etc.).

Há ainda, para mim, a mensagem subliminar da superioridade de um

povo. Ao dizer que pode ganhar duas guerras simultâneas sozinhas, ao agir como polícia do mundo, ao sentenciar quem é do bem e do mal, ao exigir que outros não tenham o que eles têm, estão dizendo que são de natureza diferente dos demais povos, os quais devem se submeter ao que querem os superiores.

Tal como o profeta bíblico, me ponho em paciente espera, crendo que “Ele abate os que habitam no alto, na cidade elevada; abate-a, humilha-a até à terra e até ao pó (**Isaías 26:5**).…"**Marcos INHAUSER. Prepotência político-religiosa**.**http://www.cosmo.com.br/cpopular/colunistas/marcos/11.02.200**)

O pensamento segundo o qual se estaria diante de uma opção pela pobreza ou de que a pobreza é um elemento que aproxima Deus dos homens é tão falacioso quanto a teologia da prosperidade, pois, da mesma maneira, procura medir através do patrimônio a estatura espiritual de alguém. Sem validade, pois, os votos de pobreza ou as defesas apaixonadas em favor dos pobres que se vêem durante a história da humanidade, como se o que separasse o homem de Deus fossem as riquezas e não os bens.

Quando verificamos a parábola do rico e de Lázaro, vemos que Lázaro estava no seio de Abraão não porque fosse pobre, mas porque havia ouvido a Moisés e aos profetas (**Lc.16:19- 31**). A pobreza é um ambiente mais propício para que o homem sinta a sua necessidade de Deus, mas isto não quer dizer que a falta de bens seja condição suficiente para que alguém alcance a salvação. Todos, ricos e pobres, devem ouvir a voz do Senhor (**Sl.49:1,2**) e a ambos os fez o senhor (**Pv.22:2**) e Deus não faz acepção de pessoas (**Dt.10:17**).

Qual é, então, o ensinamento bíblico a respeito das riquezas? Este ensinamento é o do equilíbrio, ou seja, Deus sabe que necessitamos de bens para sobrevivermos, principalmente depois da queda do ser humano, que fez com que nossa sobrevivência fosse obtida com esforço e dificuldades (**Gn.3:17-19**). Sabendo que precisamos destas coisas, Deus promete no-las dar, se dermos prioridade às coisas realmente importantes, que são as relativas à eternidade (**Mt.6:31-34**).

.Se colocarmos a comunhão com Deus como nossa prioridade em nossas vidas, Deus dará o necessário para nossa sobrevivência e é, precisamente, o necessário, o suficiente para a nossa sobrevivência que Deus

se compromete a dar a cada servo seu. Eis porque Agur, este sábio, pedia apenas o necessário para viver, não querendo nem a pobreza, nem a riqueza, mas o pão da sua porção acostumada (**Pv.30:8,9**), pedido que seria repetido por Jesus quando ensinou Seus discípulos a orar(**Mt.6:11**).

Deus tem um compromisso com o Seu povo: de lhe dar o pão de cada dia. Este compromisso o Senhor tem e vela para cumpri-lo (Cf.**Jr.1:12**).

OBS: "…O crente em Jesus tem o direito de ser próspero espiritual e materialmente, segundo a bênção de Deus sobre sua vida, sua família, seu trabalho. Mas isso não significa que todos tenham de ser ricos materialmente, no luxo e na ostentação.

Ser pobre não é pecado nem ser rico é sinônimo de santidade. Não devemos aceitar os exageros da "Teologia da Prosperidade", nem aceitar a "Teologia da Miserabilidade". Deus é fiel em suas promessas.

Na vida material, a promessa de bênçãos decorrentes da fidelidade nos dízimos aplicam-se á igreja. A saúde é bênção de Deus. Contudo, servos de Deus, humildes e fiéis, adoecem e muitos são chamados á glória, não por pecado ou falta de fé, mas por desígnio de Deus. Que o Senhor nos ajude a entender melhor essas verdades.

(Elinaldo R. de LIMA. A Teologia da prosperidade à luz da Bíblia. **http://www.assembleiadedeus- rn.org.br/familia/port/estudos02.htm**).

Conclusão

Como crentes, não devemos ficar correndo atrás das riquezas, pois este é um comportamento próprio de quem não conhece a Deus (Cf.**Mt.6:32**a). Temos que concordar com pensadores que têm visto na teologia da prosperidade, que grassa no meio do povo de Deus, nestes dias, uma rendição dos crentes ao deus deste século, ao seu sistema materialista e consumista, que é uma preparação para a ascensão do Anticristo.

Vivemos o tempo da igreja de Laodicéia, que, vomitada pelo Senhor Jesus (**Ap.3:16**), estava contente por ser rica e de nada ter falta (**Ap.3:17**). Ceder à teologia da prosperidade é tornarem-se mais um simples consumidor da fé no capitalismo globalizado, é deixar de ser um servo que está esperando

a volta de Jesus e cujo desejo é morar nos céus. Ceder à teologia da prosperidade é abandonar a Jesus e passar a adorar a Mamom, o deus das riquezas (**Mt.6:24**).

Ceder à teologia da prosperidade é renunciar às moradas celestiais e prender o coração aos tesouros desta vida, é trocar a vida eterna por uma existência efêmera e sem qualquer duração neste mundo (**Mt.6:19-21**). Ceder à teologia da prosperidade é renunciar à verdadeira prosperidade e escolher viver eternamente separado de Deus (**I Tm.6:10**).

Que Deus nos guarde e que sejamos ainda daqueles que, independentemente de nossa situação financeira, possamos dizer, do fundo de nossa alma: "Ora vem, Senhor Jesus !".

Questionário

1) o que foi Bildade?

R: Bildade, provavelmente o segundo mais idoso dos amigos de Jó, que seria um "suíta", ou seja, um natural de Suá, região cuja localização é incerta.

2) O que defendia Bildade?

R: Deus jamais iria torcer o direito e, portanto, tudo o que está acontecendo estava com Jó era fruto da justiça, era aplicação da devida pena ao patriarca.

3) Qual a resposta de Jó em relação a teologia da prosperidade?

R: Condena a avareza, que é o propósito que se encontra atrás desta falsa doutrina.

PARA REFLETIR

Zofar, o terceiro amigo de Jó, fez apenas dois discursos, nos quais volta a se utilizar dos argumentos relativos ao dogma da retribuição. Mas, em seu discurso, com maior ênfase do que nos discursos de seus amigos, notamos a presença do que viria a ser conhecida como "deísmo", a crença num Deus distante e que não se preocupa em fazer companhia ao homem.

Meditação Diária						
Domingo Genesis 4:22	*Segunda 1corintios 13:4-5*	*Terça Mateus 9:12,13*	*Quarta Jó 42:8*	*Quinta Isaias 6:1-3*	*Sexta Mateus 28:20*	*Sábado Salmos 145:18*

LIÇÃO:10 ZOFAR E O PERIGO DO DEÍSMO

Texto base: (Jô11:1-8)

1. Então Zofar, da região de Naamá, em resposta disse:**2.** "Será que todo esse palavrório vai ficar sem resposta? Por acaso, quem fala muito é quem tem razão?**3.** Jó, você pensa que não temos resposta? Pensa que as suas zombarias vão nos fazer calar a boca?**4.** Você diz que o
5. Eu gostaria que Deus falasse e lhe desse uma resposta!**6.** Ele lhe ensinaria os segredos da sabedoria, pois há mistérios na explicação das coisas. Assim, você veria que Deus o está castigando menos do que você merece.**7.** "Você pensa que pode descobrir os segredos de Deus e conhecer completamente o Todo-Poderoso?**8.** O céu não é limite para Deus, mas você não pode chegar até lá; Deus conhece o mundo dos mortos, mas você não conhece.

INTRODUÇÃO

Ao estudarmos os dois discursos de Zofar, veremos que este amigo de Jó enfatiza a supremacia divina, que é um dos pontos que Jó empregara para rebater as acusações e argumentos de Elifaz e de Bildade. Porém, nesta idéia de supremacia divina estava embutida uma noção de que Deus está distante do homem, o que será vigorosamente combatido por Jó, que, como ninguém

em seu tempo, desfrutava de uma profunda intimidade com o Todo-poderoso.

I. QUEM FOI ZOFAR

Zofar é o terceiro amigo de Jó, provavelmente, o mais novo dos três que são mencionados em **(Jó 2:11**.) A Bíblia diz-nos que ele era natural de Naamá, região que é identificada como sendo um dos pequenos reinos que havia, na época, no território da atual Arábia Saudita. Fez apenas dois discursos, nos quais notamos a mesma idéia de que o sofrimento advém do pecado. Entretanto, em seu discurso, notamos (mais pronunciado em Zofar, mas presente também nos discursos de Elifaz e de Bildade) a noção de um Deus distante, muito superior aos homens, que não intervém na vida humana.

Esta é a base da doutrina denominada pelos teólogos de "deísmo", um dos perigos para a saúde doutrinária da Igreja. O significado do nome de Zofar é objeto de polêmica entre os estudiosos da Bíblia. Gregório Magno, um dos mais antigos comentaristas do livro de Jó, entende que seu nome significa "destruição da torre de vigia", nome que revelaria o seu objetivo, qual seja, o de destruir a fé de Jó em Deus através de seus discursos que demonstravam um Deus inacessível.

Já para outros estudiosos, Zofar significaria "animador", "chilreio", "coroa" e "homem de ação" ou "homem madrugador". Como se percebe, não há consenso sobre o significado do nome deste amigo de Jó. Já o nome de seu país é o mesmo nome de uma das filhas de Caim (**Gn.4:22**) e significa "agradável", "atraente", o que, para Gregório Magno, representa exatamente a natureza do discurso de Zofar: é um discurso atraente e que agrada aos ouvidos, embora seja destruidor.

II. O QUE É A TEOLOGIA DE ZOFAR

O primeiro discurso de Zofar está contido no capítulo 11 do livro de Jó. Inicia seu discurso repetindo os dizeres de Bildade, no sentido de que o patriarca Jó estava se utilizando de argumentos vazios, sem qualquer base doutrinária.

Mais uma vez, vemos alguém que, dizendo-se versado nas coisas

relativas a Deus, não admite discuti-las nem verificar que os fatos desmentem seus argumentos. Chega, mesmo, a afirmar que Jó era um "homem falador" e que é impossível que possa tentar obter o reconhecimento de sua justiça (**Jó11:24**).

Para Zofar, não há dúvida alguma: é impossível que o homem possa ter uma doutrina pura e ser limpo aos olhos do Senhor. Assim sendo, Jó estava mentindo (**Jó 11:3**), era um hipócrita e o seu sofrimento era a prova de que não poderia ser alguém puro diante de Deus. Como podemos perceber, Zofar estava redondamente enganado, mas as "evidências" davam-lhe razão.

Será que, se não soubéssemos o que havia ocorrido naquela reunião entre Deus e Satanás, não estaríamos concordando com o raciocínio simplista, mas vigoroso de Zofar? Como temos agido diante de irmãos na fé que têm padecido semelhantemente? Temos lhes dado a presunção da inocência ou temos sido tão vigorosos como Zofar? Lembremo-nos, porém, que, quem tem o verdadeiro amor cristão, o amor descrito em **(I Co.13**,) diz-nos as Escrituras, "não trata com leviandade(…) não suspeita mal"(**I Co.13:4,5**).

Zofar procura fundamentar a sua acusação contra Jó no fato de que Deus está acima dos homens, que nós, humanos, não podemos desvendar os seus segredos e a sua sabedoria (**Jó 11:5-9**). Entretanto, logo no limiar de seu discurso sobre a grandeza de Deus (algo, aliás, que o patriarca não ignorava como podemos ver de suas respostas a Elifaz e a Bildade, principalmente **Jó 7:17-21 e 9**), Zofar apresenta uma noção de Deus bem diversa da de Jó.

Diz Zofar: "…oxalá que Deus falasse e abrisse os seus lábios contra ti."(**Jó 11:5**), ou seja, para ele, Deus é um ser tão superior que não se preocupa com o homem. Zofar trata um diálogo entre Deus e Jó como algo hipotético, como uma simples hipótese, mas de improvável implementação, pois Deus está muito acima dos homens para lhes ouvir as palavras.

Esta é a primeira idéia que caracteriza o chamado "deísmo", que é a crença em um Deus, mas um Deus tão distante, um Deus que não intervém no dia-a-dia dos seres humanos, um Deus que criou o Universo que, como uma máquina, funciona sozinha, sem que o Criador esteja fazendo algo que não seja mantê-lo funcionando, segundo as regras e normas por Ele soberanamente estabelecidas.

É um Deus existente, mas ausente. Zofar não vê como possível um

contacto íntimo e contínuo entre Deus e o homem. Deus é muito superior e sublime para se preocupar com uma criatura tão desprezível como é o homem. Deus, dizia Zofar, é quem possui os segredos da sabedoria, é quem tem uma eficácia múltipla e que exige dos homens menos que merecem, diante de sua iniqüidade.

É impossível querer se aproximar de Deus, afirma Zofar, pois jamais alcançaremos a Sua perfeição ou alcançaremos os Seus caminhos (**Jó 11:6,7**). Deus é maior do que possamos imaginar e ninguém pode impedir a sua operação (**Jó 11:8-10**). Para Zofar, Deus conhece os caminhos dos homens e considera os gestos praticados pelos homens, mas é uma consideração distante, uma observação contemplativa, ou seja, Deus vê a iniqüidade do homem, mas não se compadece dessa maldade, antes espera que o homem, por si só, arrependa-se, a fim de obter os benefícios deste gesto de arrependimento, pois, caso não o faça, Deus, certamente, fará cair sobre o pecador os danos do seu pecado, pois assim estabeleceu ao ordenar e criar todas as coisas (**Jó 11:11**).

Vemos, pois, que, segundo Zofar, Deus apenas olha, apenas vê a sua criação, mas nela não intervém. Diante de um Deus distante e ausente, para o homem só haverá salvação se ele próprio se arrepender, se ele próprio endireitar os seus caminhos, pois, caso contrário, Deus somente poderá lhe punir, ante as leis que Ele mesmo estabeleceu (**Jó 11:12-20**).

Na verdade, como diz o conhecido teólogo **R.N. Champlin**, para os "deístas", as leis naturais, as leis estabelecidas por Deus acabam sendo uma divindade substituta, pois não é, propriamente, Deus quem irá agir na distribuição de justiça, vez que está distante e sem qualquer interesse pela criação, mas as leis que ele criou.

No segundo discurso de Zofar, contido no capítulo 20 do livro de Jó, o naamatita procura caracterizar o discurso de Jó como irracional, dizendo que é falto de entendimento e que gera vergonha nos seus ouvintes (**Jó 20:3**). Será uma característica, ao longo da história da humanidade, que os chamados "deístas" privilegiem o uso da razão e busque, mesmo, fazer as pessoas desacreditar da revelação divina. Deus é apreendido pela razão e as leis naturais que criou são as que governam o Universo, pois Deus, após a Criação, abandonou o Universo à sua própria sorte.

É este o pensamento "deísta", totalmente contrário às evidências das Escrituras, Escrituras, aliás, que, não raro, são atacadas e menosprezadas pelos seguidores do "deísmo".

OBS:" A palavra (deísmo, observação nossa) vem do latim Deus, 'deus'. Os socinianos introduziram o termo no século VI. Porém, veio a ser aplicado a um movimento dos séculos XVII e XVIII, que enfatizava que o conhecimento sobre questões religiosas e espirituais vem através da razão, e não através da revelação, que sempre aparece como suspeita e como instrumento de fanáticos e de pessoas de estabilidade mental questionável. 1. Essa circunstância outorga-nos a característica básica do deísmo: um conhecimento adquirido através da razão, e não através da revelação. A isso chamamos de religião natural, em contraste com a religião sobrenatural…" (**R.N. CHAMPLIN. Deísmo. In: Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v.2, p.38).**

Zofar afirma que o "…o homem foi posto sobre a terra…" (**Jó11:4**), mais uma expressão que denota que Deus agiu com certo desprezo em relação ao homem, já que a expressão utilizada por Zofar revela um distanciamento, uma criação seguida de um abandono por parte de Deus. Em seguida, volta a insistir que o ímpio tem um júbilo muito breve e que, ainda que alcance o máximo da glória e da opulência, será irremediavelmente abatido por força das próprias leis estabelecidas por Deus (**Jó 20:6-29**).

Tudo funciona automaticamente, como se o Universo fosse um relógio, não havendo qualquer necessidade para uma intervenção divina. Por isso, Zofar, que afirma ter "o espírito do entendimento" (**Jó 20:3**), que já descobriram quais são as regras disciplinadoras do Universo, pode dizer o que acontecerá a Jó, caso ele não se arrependa, pois "… é esta a herança que Deus lhe reserva." (**Jó 11:29b**).

III. IMANÊNCIA OU TRANSCENDÊNCIA

Jó começa a sua resposta a Zofar (capítulos 12 a 14), com uma ironia, afirmando que só os seus amigos eram sábios na face da Terra(**Jó 12:2**). Afirma que ele, Jó, também tinha a mesma capacidade de pensamento de seus amigos, não podendo ser considerado inferior.

Assim, demonstra, num primeiro momento, que, realmente, pela razão,

que é existente em todos os homens, podem todos chegar ao conhecimento de Deus (a chamada "religião natural" pelos deístas a partir do século XVII), mas, se de um lado isto representaria uma demonstração de que os "deístas" tinham razão ao advogar a tese de que Deus pode ser conhecido pela razão, por outro lado, retiraria o argumento de superioridade que seus amigos estavam tentando demonstrar para que Jó pudesse aceitar que eles estavam certos e que, portanto, deveria reconhecer- se como pecador e se arrepender para retornar ao estado anterior.

Deus é acessível a todos os homens não porque todos os homens sejam dotados de razão, mas porque Deus tem prazer em descer ao nível do homem e a ele Se revelar. Imediatamente após já demonstrar que o argumento de superioridade de seus amigos sucumbe pela própria concepção deísta, Jó afirma, com convicção, que Deus não é um ser distante e que, após criar o mundo, abandonou-o, pois "… eu, que invoco a Deus, e Ele me respondo…" (**Jó 12:4**).

Jó afirma que Deus está, sim, interessado em ter uma convivência com o homem e que ele, Jó, desfrutava desta convivência, tinha comunhão com o Senhor, tanto que ele o invocava e era correspondido por Deus. A existência de um diálogo entre Deus e o homem faz sucumbir o argumento "deísta" e é por isso que os deístas acabam por renegar as Escrituras, porque a Bíblia é ela própria, um diálogo entre Deus e os homens.

Jó chama a própria natureza para ser testemunha de que Deus é o Criador e o sustentador de todas as coisas, e não leis naturais que estariam substituindo a Deus (**Jó 12:7-10**). Muito pelo contrário, os "superiores e iluminados" amigos de Jó poderiam, muito bem, ser substituídos pela criação irracional do senhor, que são testemunhas vivas e muito mais sábias até da contínua presença do senhor junto à sua criação.

Contrariando a visão de Zofar, Jó afirma que Deus intervém continuamente na ordem das coisas que criou. Diz que a vida humana está em Suas mãos (**Jó 12:10**), que ele é quem determina as ascensões e quedas (**Jó 12:14**), bem como está presente em todas as manifestações naturais (**Jó 12:15**), bem como está presente em todas as decisões humanas, fazendo coisas que o homem não pode compreender(**Jó 12:22-25**).

O patriarca tinha a vivência de um Deus participante, que não

abandonara a sua criação, mas, bem ao contrário, presente estava em todo o seu transcurso. É um Deus distinto da sua criação, mas um Deus presente, bem diverso do concebido por Zofar.

OBS: "… Na filosofia, o termo (deísmo, observação nossa) é usado em contraste com o teísmo. Nesse caso, afirma que houve um deus ou força cósmica de algum tipo que deu origem à criação, mas que, ato contínuo, abandonou a sua criação, deixando-a entregue ao controle das leis naturais.

Assim sendo, Deus não teria qualquer interesse por sua própria criação, não intervindo, nem galardoando ou castigando. Isso significa que Deus está divorciado de Sua criação. Em contraste, o teísmo ensina a presença de Deus na criação, intervindo, galardoando ou punindo. O homem é responsável diante dos princípios divinos, e serão devidamente galardoado ou punido, segundo suas ações; mas, segundo o deísmo, isso se daria por meio de leis naturais, as quais, para todos os propósitos práticos, tornam-se uma divindade substituta." **(R.N. CHAMPLIN. Deísmo. In: Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v.2, p.38)**.

Jó cria tanto na participação de Deus no transcorrer da criação que, uma vez mais deixando de lado as elucubrações dos seus amigos, dirige-se diretamente a Deus para apresentar o seu pedido e a sua queixa, demonstrando, assim, claramente, que Deus está disposto a nos ouvir e a nos acompanhar em todos os momentos de nossa vida (**Jó 13:3**).

Afirma o patriarca que seus amigos não estão com a correta concepção de Deus e que suas palavras são mentirosas a este respeito, nada produzindo de remédio para o mal que estava sofrendo (**Jó 13:4, 7-13**). Como tem sido o nosso discurso a respeito de Deus para os nossos semelhantes? Temos sido médicos que não valem nada, como os amigos de Jó? Qual tem sido o resultado de nossos discursos, de nossas pregações, de nossos testemunhos?

Têm eles gerado saúde espiritual para o povo? Será que temos cumprido o nosso mister de, como corpo de Cristo aqui na Terra, sermos os médicos para os doentes? (Cf.**Mt.9:12,13**).

OBS: Esta noção de um Deus participante está umbilicalmente ligada à própria noção de Igreja em nossa atual dispensarão, como nos mostra o documento "Chamados para viver e anunciar o Evangelho" oriundo da Conferência Anglicana de Lambeth em 1998, cujo trecho vale a pena

transcrever: " … Nós cremos em um Deus que chama os seres criados para um futuro maior que aquele que eles pudessem fazer por si mesmos. Desde o começo do registro bíblico para diante, a voz de Deus é ativa, provocando os homens a se movimentar e a mudar, a reconhecer quem eles são e em que - com a ajuda de Deus - eles podem se tornar.

O próprio nome "igreja", "ekklesia", significa uma comunidade que tem sido convocada, não uma comunidade que, por si só, veio a se formar. Mas quanto mais nos aprofundarmos no significado do chamado de Deus, como ele nos é apresentado, mais veremos que ele nos diz algo sobre o que Deus é. Deus não apenas chama, mas Deus manda.

Deus expressa e faz real o nosso chamado nas vidas e na realidade histórica das pessoas tocadas por ele. O chamado de Moisés ou de Isaías é mais do que simples convocações para estarem com Deus ou de viverem segundo as leis divinas. É um mandado para os outros. A vida de um profeta deve ser ela própria uma mensagem**. (CONFERÊNCIA de Lambeth 1998. Chamados para viver e anunciar o Evangelho. anglicancommunion.org/lambeth/2/report6.html) (tradução nossa).**

Em sua súplica ao senhor, Jó revela toda a sua convicção de que Deus não abandonou sua criação, pois revela ter esperança em Deus, ainda que Ele estivesse contra o patriarca, fazendo-o sofrer (**Jó 13:15**). Ademais, mostra ter consciência de que somente os justos podem estar em comunhão com o senhor (**Jó 13:16**).

Na sua crença de que Deus atua no universo, Jó chega a pedir ao senhor que retire a sua mão e que não o espante (**Jó 13:20,21**). Crê que possa haver diálogo entre Deus e o homem (**Jó 13:22,23**) e lança sua queixa diante de Deus (**Jó 13:24-28**, **14:15-22**).

Apesar de crer num Deus participante e presente no transcurso da sua criação, Jó não comete o mesmo erro dos defensores da confissão positiva ou da teologia da prosperidade, que atribuem a Deus uma posição que não a de senhor, mas de verdadeiro empregado, pronto a satisfazer os caprichos de qualquer crente.

Jó reconhece que Deus é superior aos homens, cuja existência é um nada ante a grandeza do universo (**Jó 14:1,2,5-12**), inclusive revela que ao homem é dada apenas a oportunidade de uma só vida, ao contrário das

mentiras ensinadas há séculos por hinduístas, budistas e kardecistas, a respeito de reencarnações (**Jó 14:14**).

Esta grandeza, entretanto, não impede o Senhor de manter contacto com a Sua criação (**Jó 14:3**). A soberania de Deus não O torna um ser distante e inacessível, como defendia Zofar.

OBS: "… Jó cria que, depois de morto, estando no Seol (v.13), Deus o traria à vida de novo (v.15; cf. **1 Co 15.20**; **1Ts.4.16,17**); noutras palavras, Jó expressou sua esperança numa ressurreição pessoal…" (**BÍBLIA DE ESTUDOPENTECOSTAL, com. a Jó 14.14, p. 784)**.

Na resposta ao segundo discurso de Zofar, Jó volta a insistir com seus amigos de que tem contacto direto com Deus e que é com Ele que está se queixando e não com algum homem (**Jó 21:2-4**). Ataca, uma vez mais, o dogma da retribuição, defendido por Zofar com vigor em seu segundo discurso, apresentando fatos, a saber, a existência de homens ímpios prósperos, apesar de sua impiedade e de sua deliberada recusa de servir a Deus, e cujos funerais, inclusive, são repletos de pompa (**Jó 21:7-15**), embora reconheça que, apesar desta felicidade aparente, não conseguirão escapar do juízo divino, que não é, necessariamente, o tipo de juízo presumido por Zofar (**Jó 21:16-26**).

Jó denuncia que seus amigos estão tão somente aumentando seu sofrimento, que não trazem palavras de conforto ou de consolo, acabando por entender que seus discursos, por não estarem estribados em fatos verídicos, são apenas falsidade (**Jó 21:27-34**).

Pelo que verificamos, portanto, a visão de Jó sobre Deus, que é a correta (**Jó 42:8**), considera que Deus é superior ao homem e, portanto, o homem não pode querer esquadrinhar os seus pensamentos ou entender os seus propósitos, a não ser pela própria revelação divina.

Conquanto a natureza possa nos fazer inferir que haja um Deus, não permite que nós, através dela ou da razão, possamos descobrir os mistérios e as profundidades do pensamento divino, pois Deus é Deus e nós, meros homens. A esta superioridade, os filósofos e teólogos denominam de transcendência. Para Jó, pois Deus é transcendente.

OBS: "… Deus é transcendente - Ele é diferente e independente da Sua criação (ver **Ex.24.9-18**; **Is. 6.1-3**;**40.12-26**; **55.8,9**). Seu ser e sua existência

são infinitamente maiores e mais elevados do que a ordem por ele criada (**I Rs. 8.27**; **Is.66.12**; **At. 17.24,25**). Ele subsiste de modo absolutamente perfeito e puro, muito além daquilo que ele criou.

Ele mesmo é incriado e existe à parte da criação (…). A transcendência de Deus não significa, porém, que Ele não possa estar entre o Seu povo como Seu Deus (**Lv.26.11,12; Ez.37.27; 43.7; 2 Co6.16). (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Os atributos de Deus, p.915) (grifo nosso).**

Apesar desta superioridade, Deus não é um ser distante, inacessível, que, depois de criar o mundo, abandonou a Sua criação à sua própria sorte ou segundo leis naturais que estabeleceu, mas, bem ao contrário, é um ser que tem prazer em participar do transcurso da Sua criação, participando dele ativamente e desejando manter um relacionamento direto e de convivência com o homem. Diante destas idéias apresentadas por Jó, vemos que Deus é imanente, ou seja, está presente na criação, não Se confundindo com ela.

Deste modo, Jó nega que Deus seja tudo e tudo seja Deus, como defendem os panteístas, numa visão que tem sido simpática aos envolvidos com o movimento novos era. Deus é distinto da Sua criação, como deixa bem claro o primeiro versículo da Bíblia: "No princípio, criou Deus os céus e a terra." (**Gn.1:1**), demonstrando que Deus pré-existia à criação e que permaneceu existindo depois que a criação foi feita, pois "… viu Deus tudo quanto tinha feito e eis que era muito bom…" (**Gn.1:31**).

OBS: "… um princípio fundamental no judaísmo, o de que o todo-poderoso não deixou o mundo abandonado às 'leis naturais', mas que o destino das pessoas e nações obedece Seu próprio sistema de 'leis', chamado hashgachá, vigilância cuidadosa (ou Divina Providência, em uma tradução livre)…." (**Irving M. BUNIM. A ética do Sinai, p.354).**

A visão de Jó, portanto, é a que se denominou de visão teísta, que é a visão bíblica de Deus, segundo a qual Deus existe e é um ser participante de sua criação, um Deus que intervém, segundo a sua vontade, na ordem das coisas, até porque é soberano e tem o direito e o poder de intervir na sua criação.

Um Deus supremo, criador, que não Se confunde com a sua criação e que participa ativamente do seu transcurso. Este é o Deus revelado pela Bíblia Sagrada. Este é o Deus apresentado pelo patriarca Jó em testemunho que teve

de Deus agrado (**Jó 42:8**).

O Deus apresentado por Jó é um Deus que ouve o homem e que se compadece do ser humano. É um Deus que mostra o seu profundo amor para com os homens, a ponto de por eles ter compaixão, ou seja, sentir o que eles estão sentindo e se movimentar em prol daqueles que o buscam. Neste sentido, aliás, é que o comentarista da lição, muito propriamente, afirma que Deus é condescendente, ou seja, um ser que está disposto a satisfazer a vontade do homem, a cumprir os seus desejos, embora o homem seja de existência tão efêmera, seja tão insignificante ante a grandeza divina.

Aqui reside a misericórdia do Senhor: apesar de merecermos tão somente a destruição, pela nossa natureza pecaminosa, Deus tem se esforçado para abençoar o homem e para restaurar a convivência entre ele e o homem, vital para que o homem possa reaver a sua situação primeira.

Apesar de ser Deus, de ser transcendente e imanente, o Senhor é um "Deus que trabalha por aquele que nele espera " (Is.64:4), um Deus disposto a ajudar o homem (**Is.41:10**), um Deus que promete estar conosco todos os dias até a consumação dos séculos (**Mt.28:20**). Por isso, desprezando as ásperas palavras de seus amigos, Jó podia tentar consolo na presença do Senhor, a Ele se dirigindo, mesmo entendendo que Deus havia Se feito seu inimigo (Cf. **Jó 13:24**).

Jó sabia que, mesmo sendo seu inimigo, Deus era bem mais misericordioso e amoroso do que seus amigos acusadores. Daí porque ter pedido ao Senhor que não usasse de sua soberania para destruí-lo (**Jó 13:20,21**), pois, se tivesse tal garantia, sabia que estaria em melhores condições do que em ouvir seus amigos. Cria, ademais, que Deus é amoroso, tanto que é capaz de Se afeiçoar à sua criação (Cf. **Jó14:15**).

OBS: "…A base dessa sólida expectativa era o intenso amor de Deus pelo seu povo, como diz o versículo 15: 'afeiçoa-te à obra de tuas mãos". “Por um momento, Jó estendeu a mão a Deus numa grandiosa expressão de fé.” **(BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 14.14, p.784).**

Qual será a visão que temos do Senhor? Será que O consideramos um ser existente, mas distante, ausente, inacessível aos homens? Será que, ao contrário, esquecemo-nos de que Ele é Deus e, portanto, embora esteja perto de nós (Cf.**Sl.145:18**), continua sendo Deus, cujos caminhos e pensamentos

jamais poderemos entender com nossas mentes e a quem devemos obediência e não o contrário? O entendimento que tenhamos da pessoa de Deus, como se pode observar, não é uma mera discussão filosófico-teológica, como pode parecer, mas é uma atitude fundamental para a estruturação de nossas vidas espirituais.

Os grandes homens de Deus sempre tiveram uma noção correta do Senhor. Sempre lhe devotaram a necessária e indispensável obediência, pois reconhecem que ele é o senhor, que ele está acima de nós, mas também sempre tiveram consciência de que ele pode ser invocado, que ele pode ser buscado e que está pronto a estabelecer um diálogo conosco, a nos orientar, a nos conceder toda sorte de bênçãos espirituais e materiais, um Deus que quer nos dar do seu imenso amor.

Que tal termo, a partir de hoje, a correta visão a respeito de Deus.

Conclusão

Jó faz uma acusação severa: a teologia de seus amigos, pretendendo defender a Deus, acaba condenando o homem que sofre. É o grande perigo de qualquer teologia que pretenda dar a última palavra sobre Deus e sobre o homem.

Desse modo, a teologia se torna idolatria, colocando um obstáculo à fé e à experiência de Deus. Por isso, Jó pede que os amigos, representantes da teologia oficial, se calem. A concepção que se tem de Deus pode ser o maior empecilho para o encontro com o próprio Deus. “Assim, correndo todos os riscos, Jó quer se confrontar diretamente com Deus.” **(BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, com. a Jó 13:1-16, p.648).**

QUESTIONÁRIO

1) Quem foi Zofar?

R: Zofar é o terceiro amigo de Jó, provavelmente, o mais novo dos três que são mencionados em **(Jô 2:11**). A Bíblia diz-nos que ele era natural de Naamá.

2) O Que é a Teologia de Zofar?

R: Para Zofar, não há dúvida alguma: é impossível que o homem possa ter uma doutrina pura e ser limpo aos olhos do Senhor.

3) Pelo que verificamos, portanto, qual e a visão de Jó sobre Deus?

R: considera que Deus é superior ao homem e, portanto, o homem não pode querer esquadrinhar os Seus pensamentos ou entender os Seus propósitos, a não ser pela própria revelação divina.

PARA REFLETIR

Depois da réplica de Jó ao terceiro discurso de Bildade, exsurge um silêncio, pois os amigos de Jó não encontram meios para convencer o patriarca, que segue convicto de sua inocência. Aparece, então, Eliú, um quarto amigo de Jó, mais jovem, cuja presença não fora até então mencionada no livro. Em seu longo discurso, sem réplica, será apresentada uma versão mais suave a respeito do chamado "dogma da retribuição", uma evolução que, no entanto, também não solucionará a questão.

Meditação Diária						
Domingo	*Segunda*	*Terça*	*Quarta*	*Quinta*	*Sexta*	*Sábado*
Genesis	*Mateus*	*Isaías*	*Atos*	*Romanos*	*Hebreus*	*1corintios*
22:21	*10:16*	*55:8-9*	*10:34*	*8:28*	*1:1-3*	*2:9-16*

LIÇÃO:11 ELIÚ E A TEOLOGIA DO SOFRIMENTO

Texto base: (Jó33:2-19)

12 “Mas eu lhe digo que você não tem razão, pois Deus é maior do que as criaturas humanas.**13.** Por que você acusa Deus, afirmando que ele não dá atenção às nossas queixas?**14.** Deus fala de várias maneiras, porém nós não lhe damos atenção.**15.** De noite, na cama, quando dormimos um sono profundo, ele fala por meio de sonhos ou de visões.**16.** Deus fala aos nossos ouvidos, e os seus avisos nos enchem de medo.**17.** Ele fala com a gente para que deixemos de pecar e para que não nos tornemos orgulhosos.**18.** Assim, ele nos livra da morte e não deixa que nos joguem na sepultura.**19.** “Outras vezes, Deus castiga com doenças e com fortes dores que não passam

INTRODUÇÃO

Eliú não é mencionado no livro de Jó a não ser no capítulo **32**, quando começa a sua fala, fala esta que não terá resposta por parte do patriarca Jó. Eliú ingressa no debate procurando ser um meio-termo entre o discurso dos amigos e o do patriarca, disto resultando uma visão de Deus mais real que a dos amigos de Jó, mas igualmente insuficiente para desmentir a forte convicção do patriarca. Embora ainda ache que Jó seja um pecador, Eliú consegue, em seu discurso, ter uma visão da graça de Deus, algo que fora completamente ignorado pelos outros amigos do patriarca, e, por isso, vê que o sofrimento pode ser resultado do amor de Deus, não apenas fruto de uma punição.

I. QUEM FOI ELIÚ

Ao contrário dos outros amigos de Jó, Eliú, cuja existência somente nos é revelada no capítulo **32** do livro, quando ele toma a palavra ante o impasse existente nos debates entre Jó e seus outros três amigos, tem apresentada até uma pequena genealogia a seu respeito. É dito que ele é filho de Baraquel e tem como ancestral Rão, sendo natural de Buzi.

A existência desta genealogia fez com que alguns estudiosos da Bíblia, entre eles o bispo Lighfoot e Myer Pearlmann, achem ter sido Eliú o autor do livro de Jó. Entretanto, alguns outros entendem que o fato de Eliú não ter sido mencionado no início do livro e de ser uma pessoa jovem e, portanto, não ser um renomado e conhecido estudioso sobre Deus, explica a necessidade de que tivesse uma apresentação que justificasse a sua intervenção no debate.

O nome "Eliú" quer dizer "Meu Deus é ele", lembrando-se que "El" era um nome costumeiro para Deus na região do Oriente Médio. Buzi é identificado como sendo uma tribo que ocupava a região da península da Arábia, a demonstrar, portanto, que Eliú, tal qual Elifaz, pertencia a uma família que, desde a tenra idade, orientara Eliú pela crença em Deus. Alguns identificam Eliú como sendo descendente de Naor, já que um dos filhos de Naor é Buz(**Gn.22:21**).

Entretanto, entendemos que este Buz não seja o mesmo pai da tribo a que Eliú pertencia, pois isto faria com que Jó fosse bem posterior a Abraão, o

que não parece ser o caso. Aliás, a presença de uma genealogia faz-nos rejeitar o pensamento de que Eliú seria uma manifestação teofânica, ou seja, seria uma aparição de Cristo antes de Sua encarnação, idéia que deve ser, evidentemente, rejeitada.

Apesar de ser o mais jovem de todos os debatedores de Jó, Eliú é o que apresenta o discurso mais desenvolvido e mais amplo a respeito de Deus, tanto que não é recriminado pelo Senhor no final do livro (**Jó 42:8**).

Aliás, não é também citado no epílogo do livro, o que levaram alguns a imaginarem que os discursos de Eliú tenham sido acrescentados ao livro de Jó, o que, entretanto, não passa de mera hipótese, sem nenhuma comprovação, sendo uma versão que devemos receber com muita reserva, pois corrobora o pensamento que se opõe ao reconhecimento da integridade da Bíblia Sagrada.

A omissão de Eliú no prólogo deve-se, muito mais, ao fato de Eliú não ser, como já dissemos, um renomado e reconhecido estudioso de Deus. Mas como se explicaria a sua omissão no epílogo do livro? Ora, isto se dá porque o discurso de Eliú, embora ainda parta do pressuposto de que Jó havia pecado, não foi incorreto a respeito de Deus, razão pela qual não foi recriminado pelo Senhor.

II. A TEOLOGIA DE ELIÚ

Após a série de debates entre Jó e seus amigos, todos eles escritos em forma de verso e de conteúdo poético, o capítulo **32** do livro de Jó inicia-se em prosa, com a apresentação de Eliú, personagem cuja existência, até então, não havia sido anunciada. Diz-nos o texto sagrado que o jovem Eliú resolveu abrir a boca porque entendeu que os amigos de Jó não tinham argumentos para que Jó se arrependesse, bem como que Jó declarava uma inocência com a qual Eliú não podia concordar.

Como houvesse um impasse, Eliú, apesar de sua pouca idade, resolve tomar a palavra e farão, praticamente, quatro discursos, discursos que não serão objeto de resposta por parte do patriarca Jó, mas que revelarão uma visão mais ampla de Deus, ainda que, uma vez mais, Jó seja considerado um pecador. Eliú, por ser jovem, não poderia invocar o argumento da autoridade e da tradição, que tanto havia sido base para a argumentação de seus amigos.

Sem como apelar à tradição ou à experiência, Eliú vai trazer como argumento o da inspiração divina, ou seja, dirá que seus argumentos são fruto de uma revelação sobrenatural do próprio Deus (**Jó 32:8-10**). Segundo Eliú, somente a inspiração do Todo-Poderoso pode fazer o homem entendido nas coisas de Deus.

Parte, portanto, Eliú de um ponto de partida totalmente diverso do dos demais amigos de Jó, um ponto correto, qual seja, o que procura entender Deus através da revelação e não fazer com que Deus caiba dentro de nossos conceitos, ou melhor, preconceitos. Esta afirmativa de Eliú encontra plena guarida nas escrituras sagradas, que não se cansam de nos ensinar que somente podemos conhecer a Deus através de Sua revelação para nós, pois não temos condições de querermos entendê-lo por nós mesmos (**Is.55:8,9**; **ICo.2:9-16**; **Hb.1:1-3**).

Eis, aliás, um dos principais motivos pelos quais o discurso de Eliú teve mais correção do que os dos outros três amigos de Jó. Eliú apresenta, ainda, outra virtude: a de saber ouvir. Apesar de ser jovem e, por natureza, os jovens sejam mais afoitos, conteve-se até perceber que os seus amigos, mais idosos, havia se calado. Neste ponto, Eliú demonstra ter mais sabedoria do que seus amigos e se assemelha a Jó, que também só replicava quando seus amigos encerravam seus argumentos.

Devemos sempre saber mais ouvir do que falar, sabendo que a palavra dita a seu tempo é a que tem validade e eficácia(**Pv.15:23**; **25:11**;**Is.50:4**).

Observemos que Eliú não dava valor à tradição nem à autoridade com base exclusiva na idade, mas, mesmo assim, esperou o momento oportuno para se manifestar. Será que temos agido assim, ou, na nossa ânsia ou razão, temos feito tudo a perder? Aprendamos com Eliú que "o ouvido prova as palavras, como o paladar prova a comida" (**Jó 34:3**) e saibamos ouvir tanto quanto sabemos experimentar as iguarias que nos põem à mesa nas refeições.

Eliú apresenta, também, um desejo: o de ser imparcial. Ante os argumentos contraditórios e que haviam levado a um impasse nos debates entre Jó e seus amigos, o jovem Eliú pretende ser imparcial, ou seja, não tender nem para um lado, nem para o outro. Não deseja usar de lisonjas para com o homem, não deseja fazer acepção de pessoas, ou seja, não quer ser preconceituoso, não quer que suas concepções prevaleçam na discussão, não

quer, como fizeram os outros amigos de Jó, apenas confirmar suas opiniões a respeito dos fatos, mas também não pretende beneficiar Jó, tratá-lo, "a priori", como alguém inocente e sem culpa. Este deve ser o verdadeiro comportamento de um servo de Deus: o da imparcialidade, o do tratamento com isenção e com absoluto propósito de buscar a verdade, quando estiver diante de contendas e problemas a resolver.

Deus não faz acepção de pessoas (**Dt.10:17**; **At.10:34**) e nós devemos seguir-Lhe o exemplo. No estudo das Escrituras, devemos todos agir sem preconceitos. A Bíblia não deve ser estudada para ali nós encontrarmos a confirmação de nossas idéias ou conceitos, mas, bem ao contrário, devemos examiná-las para de ela aprender sobre Deus e Seu amor para conosco. Não cometamos o mesmo erro dos escribas que, mesmo sabendo que nelas (Escrituras) estava a vida eterna, não puderam nela ver revelado o próprio Jesus por causa de seus dogmas (**Jo.5:38-40**).

Até por ter este comportamento, Eliú revela ter maior proximidade a Deus do que os outros amigos de Jó, tanto que o chama de "meu Criador" (**Jó 32:22**), uma intimidade menor do que a do patriarca com Deus, mas bem maior do que a de seus outros amigos. Ao contrário dos seus amigos, verdadeiros deístas, que viam um Deus absolutamente distante e inacessível, Eliú, embora somente o veja como o Criador (enquanto que Jó, v.g., vê nele o Redentor- **Jó 19:25**, a sua esperança- **Jó13:15**), pelo menos o chama de "meu Criador"(**Jó32:22**; **36:3**), a demonstrar uma maior intimidade, bem como a crença de que, caso fosse parcial, em breve, Deus determinaria a prestação de contas por força deste comportamento inadequado.

Após este discurso primeiro, meramente introdutório, Eliú inicia o segundo discurso, onde vai expor suas razões a Jó e, uma vez mais, invoca a inspiração divina como fundamento para seu ponto-de-vista (**Jó 33:4**), negando, porém, que isto lhe fizesse melhor do que Jó, porque tem a mesma origem que a do patriarca (**Jó 33:6**).

Acusa Jó de ter sido injusto para com Deus, pois não poderia considerar o senhor como seu inimigo em virtude do sofrimento que estava passando, ainda que fosse alguém inocente, como afirmava ser (**Jó 33:8-13**). Eliú afirma que, ao considerar Deus como seu inimigo, Jó está, indevidamente, colocando-se numa posição de superioridade em relação a Deus, pois está julgando a

Deus, o que é inadmissível ao homem. Ainda que Jó tivesse moderado, durante suas respostas os seus amigos, este ponto-de-vista, não restam dúvida de que considerar a Deus como seu inimigo era uma atitude inadequada que Jó tomava, não em relação a Deus, mas em relação a si próprio, uma posição que, efetivamente, não era a sua, qual seja, a de querer questionar os propósitos divinos.

Vemos aqui bem identificada a "pontinha de autossuficiência" que a prova estava eliminando da vida de Jó. Não devemos contender com Deus, mas nos submetermos à Sua vontade, crendo que tudo que acontece é o melhor para nós (**Rm.8:28**).Eliú insiste que Deus é soberano e não tem que prestar contas do que faz para ninguém (**Jó 33:13,14**), mas, mesmo assim, por obra de Sua vontade apenas, ainda se dá ao trabalho de revelar ao homem o que está a fazer, quando lhe convém fazê-lo (**Jó 33:14-14-18**).

O Deus de Eliú, ao contrário do dos demais amigos de Jó, é um Deus participante, um Deus que não deixa Sua criação à própria sorte, mas um Deus que não está obrigado a prestar contas, pois é Senhor e Soberano. Vemos aqui, sem dúvida alguma, um Deus bem diferente do apregoado pelos arautos da confissão positiva e da teologia da prosperidade. É um Deus que quer, sim, o bem do homem (**Jó 33:17,18**), mas que, para tanto, muitas vezes, dá ao homem coisas que, aparentemente são más, como a enfermidade (**Jó 33:19-22**).

É um Deus que fala de muitas maneiras (**Jó 33:15,16**) e que não está sujeito aos caprichos humanos, um Deus cujo propósito é trazer bem ao homem, mesmo que por caminhos que ao homem sejam estranhos e incompreensíveis(**Jó 33:29-33**).

Entretanto, Eliú, apesar de ter progredido na sua visão de Deus, em relação a seus amigos, ainda não se desprendeu da idéia do merecimento e da retribuição, pois, embora afirme que Deus quer o bem do homem e que, para tanto, pode, inclusive fazê-lo sofrer, ainda alia o sofrimento ao pecado, dizendo que se houver alguém que possa ajudar o homem e levá-lo ao arrependimento, certamente o mal ocasionado tornar-se-á em vida saudável e abundante(**Jó 33:23-30**).

Assim, Eliú vê na falta de saúde de Jó a presença de um pecado que deve ser confessado e abandonado, algo que, efetivamente, como sabemos,

não correspondia à realidade. A Eliú pode, aliás, aplicar o que foi escrito milênios depois pelo apóstolo Paulo aos gálatas: "corríeis bem, quem vos impediu, para que não obedeçais à verdade?" (**Gl.5:7**).

OBS: "Esta abertura mostra a intenção de Eliú: salvar o dogma da retribuição. Por isso, critica a Jó, porque este pretende ter razão contra Deus. Critica também os tr6es amigos, porque, incapazes de encontrar argumentos contra Jó, acabam deixando Deus na situação de culpado. Por aí se percebe que a situação de Jó é um fato que estoura a teologia vigente e exige resposta nova, que Eliú procura dar, mostrando que a sabedoria não depende nem da experiência, nem da tradição, e sim da abertura para a novidade de Deus**." (BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, com. Jó 32, p.662)**

Em continuação a seus discursos, Eliú, no seu terceiro discurso (capítulo 34), analisa a declaração de inocência de Jó, declaração na qual, como vimos, não acredita, pois, apesar de sua melhor visão e amplidão em relação aos seus amigos, Eliú ainda continua compartilhando da idéia do dogma da retribuição e comete, neste ponto, o mesmo erro de Elifaz, Bildade e Zofar. Para Eliú, ainda há como discernir o que é bom e o que é mau, algo que, conforme vimos em lições anteriores, é fruto de um julgamento que não pode ser feito pelo homem e, aqui, Eliú comete o mesmo erro que aponta em Jó no primeiro discurso, o de se fazer juiz, algo que somente compete a Deus (Cf.**Tg.4:11,12**).

OBS: “Eliú declarou, falsamente, que Jó dizia ter perfeição moral, i.e., que não falhara em toda a sua vida. Jó nunca afirmou que era impecável (ver**13.26**), mas tão-somente que tinha seguido os caminhos do Senhor de todo o coração, e que não se recordava de ter cometido uma transgressão tão grave que merecesse um castigo tão severo (27.5,6; 31.1-40)" **(BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 33.9**, **p.802**).

Eliú afirma que Jó se diz justo e que Deus lhe havia tirado o seu direito, mas não aceita este argumento, voltando a insistir na tese da superioridade de Deus em relação ao homem (**Jó 34:12- 15**), diz que Jó advoga a tese de que não adianta ser direito e que Jó é um homem que caminha em companhia dos que obram a iniqüidade e que anda com homens ímpios, algo que, sabemos, não corresponde à realidade (**Jó 34:5-10**).

Apesar de invocar a inspiração divina, Eliú não se desprendeu, totalmente, do dogma da retribuição e continua, como seus outros amigos, a

defender a tese de que "segundo a obra do homem, Deus lhe paga, e faz que cada um ache segundo o seu caminho" (**Jó 34:11**).

Eliú entende ser uma ousadia inadmissível Jó querer contender com Deus, diante da superioridade do Senhor (**Jó 34:16-22**) e entende que, diante de Deus, ao contrário do que alega Jó, o homem não terá qualquer chance num julgamento (**Jó 34:23-32**), uma visão, que conforme já vimos nas lições anteriores, despreza a graça de Deus e que não corresponde à realidade do caráter do Senhor, mas que, dentro da argumentação de Eliú, fica extremamente enfraquecida, já que Deus não é um ser distante e que não se importa com o homem. Não é sem razão que alguns comentadores bíblicos entendem que Eliú, ao tentar estabelecer um meio-termo entre as visões dos contendores, acaba produzindo um discurso incapaz de superar o impasse.

OBS: “Eliú julgava que Jó, ao levantar questionamentos e queixumes contra Deus (**19.6**; **27.2**), demonstrava rebelião aberta contra Deus. Apesar de Jó ter errado gravemente nas suas queixas contra Deus, seu coração estava firme nele como seu Senhor (**19.25-27**; **23.8-12**;**27.1-6**). No seu zelo de isentar a Deus de qualquer culpa, Eliú não compreendeu plenamente a necessidade de Jó expressar seus sentimentos mais profundos diante de Deus (cf.**Sl.42.9**; **43.2)."(BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a** Jó34.37**, p.803).**

Dentro deste seu raciocínio, Eliú encerra o terceiro discurso dizendo que Jó, ao querer contender com Deus e a dizer que o Senhor se fez seu inimigo sem razão, cometeu um pecado além dos pecados pelos quais está sofrendo: o pecado de se rebelar contra Deus. Por isso, diz Eliú, deve ser, mesmo, provado até o fim, pois é um homem mau, pecador, pois se rebelou contra o Senhor (**Jó 34:34-37**).

Todavia, bem sabemos que tais argumentos de Eliú não têm qualquer respaldo, pois, se é certo que Jó foi imprudente em amaldiçoar o dia de seu nascimento, como também em achar que Deus tornara-se seu inimigo, não é menos verdadeiro que era um homem inocente, sem culpa e, portanto, podia, sim, declarar-se inocente.

Ao não se desprender do dogma da retribuição, Eliú chega ao mesmo ponto dos amigos que, segundo ele próprio, não tinham tido êxito em seu propósito de fazer Jó se arrepender dos seus supostos pecados. Ao chegar neste ponto, porém, o sábio Eliú, ao invés de começar a caluniar o patriarca e,

com isto, obter sua confissão, parte para outra atitude, uma atitude que dará ao discurso de Eliú um colorido diferente e que preparará terreno para a própria intervenção divina neste drama vivido pelo seu excelente servo.

No seu quarto discurso, Eliú apresenta uma análise da suposta afirmação de Jó de que ele era mais justo do que Deus. Jó, efetivamente, não afirmara ser mais justo do que Deus, mas queria que Deus lhe explicasse porque estava sofrendo daquela maneira se era inocente. Mas, para Eliú, Jó estava querendo ser mais justo do que Deus e, para tanto, procura demonstrar a grandeza de Deus em relação ao homem.

Neste seu discurso, Eliú também recrimina a visão deísta dos seus amigos, motivo por que também se dirige contra eles (**Jó 35:4**). Diz que Deus, embora seja superior ao homem e por isso Jó não poderia com Ele contender, nem por isso é um Deus distante ou inacessível, como defenderam Elifaz, Bildade e Zofa (**Jó 35:5-16**), mas um Deus participante, que não despreza o homem (**Jó 36:5**), um Deus que não é só um ser grande, mas que também tem um grande coração (**Jó 36:5**), um Deus que Se compadece dos justos e que olha tanto os ímpios quanto os justos (**Jó 36:6-12**).

É um Deus participante, um Deus que fala um Deus que se interessa pelo homem, mas, ainda, um Deus que fará bem aos que merecerem e mal aos que transgredirem. Deus, na visão de Eliú, é um Deus que livra o aflito da aflição (**Jó36:15**), mas continua sendo um Deus que castiga inevitavelmente o ímpio e o hipócrita, inclusive fazendo-o morrer ainda na mocidade(**Jó 36:13-16**).

Apesar de vislumbrar compaixão, graça e amor em Deus, Eliú ainda não consegue ver a possibilidade de um justo sofrer para seu aprimoramento espiritual e, portanto, entende que Jó tem sido orgulhoso, presunçoso e que, por isso, está sofrendo (**Jó 36:17-19**).

Para Eliú, antes de desejar a morte, Jó deveria arrepender-se para obter este favor de Deus, um Deus que não está distante e que está pronto a perdoar (**Jó 36:20-33**).

Entretanto, apesar de estar ainda preso ao dogma da retribuição, Eliú alerta-nos de que não temos como compreender a Deus (**Jó 36:36**) e, portanto, se assim é, o próprio Eliú desmente-se ao querer estabelecer a idéia do sofrimento como conseqüência inevitável do pecado, pois, assim agindo,

estaria delineando, "a priori", a ação divina, o que, sem dúvida alguma, é uma contradição frente à incompreensibilidade de Deus.

Assim, além de ver em Deus um amor que os outros amigos não enxergavam, acaba por denunciar uma grandeza que torna impraticável o dogma da retribuição, ainda que ainda compartilhe deste dogma com os demais amigos. Ao afirmar a Jó que não há como querer compreender a Deus, Eliú adianta uma parte do discurso que o próprio Deus fará ao Se dirigir ao patriarca, pois, neste ponto, Eliú estava correto.

Jó não deveria contender com Deus, mas submeter-se a Ele sem reclamações ou queixas, sabendo, por conhecê-lo bem, que aquilo era o melhor que lhe podia acontecer na sua vida de comunhão com Deus. Num longo discurso, Eliú apresenta as maravilhosas obras de Deus em três estações do ano (outono – **(Jó 36:26-37:5**;) inverno-(**Jó37:6-13**;) verão **Jó 37:14-22**), a fim de demonstrar que Deus está muito acima da compreensão humana(**Jó 37:23**). Assim, dentro de sua sabedoria (Cf.**Jó37:24**), Eliú acaba por concluir que, mesmo crendo que Jó fosse um pecador e por isso estava sofrendo, Deus era muito superior aos homens e, por isso, não poderíamos estar discutindo ou contendendo com Deus o que estava se passando.

Somente Deus poderia discutir a questão e, como que aprovando esta conclusão do jovem mas sábio Eliú, será o próprio Deus, em pessoa, que desatará a perplexidade e a incompreensão que toma conta dos debatedores, inclusive do patriarca Jó, interrompendo o debate.

OBS: "Esse texto final prepara imediatamente a grande manifestação divina que virá logo a seguir. Quando os argumentos se esgotam, é melhor calar e ficar à espera da novidade de Deus." (**BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, com. Jó 37:14-24**, **p.666)**.

"Eliú continua falando”. Ele não é um amigo que procura confortar, mas é um jovem desenvolvendo sabedoria na tentativa de oferecer uma nova percepção, enquanto os outros esperam ouvir de Deus. Aqui Eliú defende o reto procedimento de Deus e suplica que Jó não endureça o seu coração à disciplina educacional de Deus.… A principal contribuição de Eliú consiste em desviar o foco do propósito compensatório do sofrimento e direcioná-lo para o propósito educacional. (**BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE, com.** Jó 34.1-37**,** 36.1-37.24**, p.528,529)**

III. TODOS SÃO PROVADOS POR DEUS

Eliú, apesar de não ter se livrado do preconceito do dogma da retribuição, apresenta-nos uma nova realidade, qual seja, a de que Deus tem interesse no homem e, por isso, para seu aprimoramento, prova-nos e permite o nosso sofrimento. O sofrimento não vem apenas como punição, mas também como disciplina, como fonte de aperfeiçoamento, sendo esta uma das principais lições do discurso de Eliú segundo o comentador bíblico Mark Copeland("O jovem Eliúfala".**ccel.org/contrib/exec_outlines/job/job_07.htm**).

OBS: " 1. Torna-nos mais conscientes do fato de que somos criaturas dependentes. Somente Deus é independente de uma lei para Si mesmo. Todos os demais seres dependem de Sua bondade e poder. Enfermidades severas, choques severos, tristezas avassaladoras, angústias, desapontamentos - todas essas coisas ensinam-nos a depender de nosso Deus, e não de nós mesmos.

2. As tribulações também nos aproximam mais dos outros seres humanos, em grau maior do que qualquer outra experiência humana. As tribulações unem as igrejas e as famílias, e até mesmo as comunidades e as nações assumem unidade de propósitos em meio à tribulação.

3. As tribulações ajudam-nos tanto a compreender como a ajudar a outras pessoas que também estejam em tribulação. Tais dificuldades tornam-nos melhores e mais sábios conselheiros e guias.

4. As tribulações e perseguições podem servir-nos de excelente disciplina, ensinando-nos os valores espirituais que nos convêm, pois, em meio a essas aflições, aprendemos a reconhecer o que é importante e vital, distinguindo-o do que não se reveste dessas qualidades. Por igual modo, quando estamos sofrendo tribulações profundas, podemos aprender lições de humanidade, e assim somos espiritualmente fortalecidos… **"(R.N. CHAMPLIN. Necessidade de sofrimento. In: Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v.6, p.259).**

Com efeito, este pensamento de Eliú, ainda embrionário e de certa forma obnubilado pelo dogma da retribuição, é uma realidade que verificamos na Bíblia Sagrada nas mais diversas dispensações. Deus tem provado continuamente a fé dos seus servos e, ao serem provados, estes servos sempre saem fortalecidos e melhor preparados para servir ao Senhor.

Deus garante-nos, inclusive, que as provações jamais serão superiores ao que possamos suportar (**I Co.10:13**) e, embora pareça, às vezes, que a prova por que estamos a passar esteja além das nossas forças, lembremo-nos que só o Senhor é que conhece a nossa estrutura (**Sl.103:14**), pois foi Ele quem nos fez desde a nossa concepção (**Sl.139:13-16**), de modo que, antes que tivéssemos consciência de nós mesmos, o Senhor nos conhece.

Como, então, poderemos querer contender com Deus se Ele nos conhece melhor do que nós mesmos? Como dizer ao Senhor que estamos passando por dificuldades superiores à nossa estrutura? Lembremo-nos das palavras do Senhor a Ananias a respeito de Paulo: "e Eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo Meu nome" (**At.9:16**).

Antes que o apóstolo soubesse o que era o sofrimento, o Senhor já indicava que era o Senhor quem mostraria ao Seu servo o quanto ele poderia suportar e, durante o seu ministério, Paulo pôde dizer que tais sofrimentos eram os sinais de seu apostolado, a própria fonte de sua autoridade no meio do povo de Deus (**II Co.6:3-10**; **12:16-33**;**Gl.6:17**).

Se Deus assim agiu com o apóstolo Paulo, um dos maiores, senão o maior missionário cristão de todos os tempos, um vaso escolhido do Senhor (Cf.**At.9:15**), por que agiria diferentemente com relação a cada um de nós? Deus quer nos provar e quer que saiamos refinados como o ouro (**Jó 23:10**).

Deus tem grandes planos para conosco e estes planos precisam passar pelo cadinho da prova, pelo crisol, pelo sofrimento. Não estamos dizendo aqui que o cristão deve ser um masoquista, que deve sofrer para, assim, penitenciar-se diante de Deus. Não confundamos o que estamos a dizer com a idéia de que o sofrimento é uma necessidade para que venhamos a nos purificar e alcançar a salvação, outro pensamento herético que tem grassado mundo afora.

O sofrimento do crente não tem em vista a sua salvação, pois este sofrimento foi feito única e exclusivamente por Cristo na cruz do Calvário. Não, o sofrimento não tem em vista a salvação ou o perdão de pecados, como ensinam erroneamente budistas, kardecistas, hinduístas ou católicos romanos, mas, muitas vezes, o sofrimento advém para que possamos ser mais bem preparados na obra do Senhor. O sofrimento não é uma necessidade, mas uma realidade no aprimoramento espiritual de muitos servos do Senhor.

Portanto, não queiramos sofrer, mas saibamos que o sofrimento não é algo que não ocorra na vida do crente e que, quando ele vier, não será por causa de algum pecado que tenhamos cometido, mas uma forma escolhida por Deus, que conhece o nosso interior, para que sejamos melhores a cada dia que passa no nosso relacionamento com Deus.

Conclusão

A idéia da penitência teve origem nos primeiros séculos da Igreja, sendo tida como um meio de disciplina e provação, usada como medida purificadora pelos oficiais da Igreja, idéia que acabou gerando o sacramento da penitência, adotado pela Igreja Romana e que levou à idéia de que o pecado confessado somente é perdoado se o for por meio de um sacerdote, idéia totalmente contrária aos princípios bíblicos. Não há que existir um sofrimento complementar para que se alcance o perdão dos pecados.

QUESTIONÁRIO

1) O que difere o discurso de Eliu dos demais amigos de Jó?

R: Apesar de ser o mais jovem de todos os debatedores de Jó, Eliú é o que apresenta o discurso mais desenvolvido e mais amplo a respeito de Deus,

2) Qual era o ponto de vista de Eliu em relação o sofrimento de Jó?

R: Eliú vê na falta de saúde de Jó a presença de um pecado que deve ser confessado e abandonado, algo que, efetivamente, como sabemos, não correspondia à realidade.

3) Na visão de Eliu quem era Deus?

R: Deus, na visão de Eliú, é um Deus que livra o aflito da aflição (**Jó36:15**), mas continua sendo um Deus que castiga inevitavelmente o ímpio e o hipócrita, inclusive fazendo-o morrer ainda na mocidade.

PARA REFLETIR

Após mostrar a Sua grandeza a Jó, Deus obtém o objetivo de toda a Sua argumentação: o reconhecimento por Jó da legitimidade da sua provação. Crescendo, assim, espiritualmente, admitindo que o justo pode sofrer se houver um propósito divino, Jó tem cessada a sua provação, num momento sublime, em que orava pelos seus amigos. O servo de Deus sempre tem um final feliz se se mantiver fiel ao seu Senhor.

Meditação Diária						
Domingo *Jó 40:4*	*Segunda* *Jó 42:1*	*Terça* *Romanos 11:33-35*	*Quarta* *Isaías 6:1-3*	*Quinta* *Mateus 5:37*	*Sexta* *Mateus 13:11*	*Sábado* *Amos 3:7*

LIÇÃO:12 A RESTAURAÇÃO DE JÓ

Texto base: (Jo42:11-17) He deu em dobro tudo o que tinha tido antes.**11.** Todos os seus irmãos e irmãs e todos os seus amigos foram visitá-lo e tomaram parte num banquete na casa dele. Falaram de como estavam tristes pelo que lhe havia acontecido e o consolaram por todas as desgraças que o senhor havia feito cair sobre ele. E cada um lhe deu dinheiro e um anel de ouro. **12.** O SENHOR abençoou a última parte da vida de Jó mais do que a primeira. Ele chegou a ter catorze mil ovelhas, seis mil camelos, dois mil bois e mil jumentas. **13.** Também foi pai de sete filhos e três filhas. **14.** À primeira deu o nome de Jemima; à segunda chamou de Cássia; e à terceira, de Querém-Hapuque. **15.** No mundo inteiro não havia mulheres tão lindas como as filhas de Jó.E o

INTRODUÇÃO

Deus finalizara a segunda bateria de perguntas sem que Jó pudesse respondê-las. O patriarca, atônito, cai em si e verifica que deveria reconhecer a soberania de Deus em termos mais amplos, ou seja, não poderia sequer arvorar-se no direito de querer entender o seu sofrimento. No sofrimento do justo sempre haveria um propósito divino que nada poderia impedir de ser realizado. Nesta introspecção, Jó elimina todo e qualquer sentimento de autossuficiência e a prova obtém o seu objetivo. Deus, então, faz passar o cativeiro de Jó quando este orava pelos seus amigos.

I. A PROFUNDA HUMILHAÇÃO DE JÓ

Deus encerrou a segunda série de perguntas, inquirições que se seguiram à declaração de Jó de que nada era e que nada responderia, pois se tratava de alguém vil e que deveria ficar calado (**Jó 40:4**), o que, como vimos anteriormente, era insuficiente. Deus não queria apenas que Jó se calasse, mas que reconhecesse que Deus tinha o direito de prová-lo e de que o homem não pode querer contender com Deus quando submetido a uma prova, cujos propósitos sempre são favoráveis e bons para aqueles que O servem.

Jó, então, após a segunda série de perguntas, atinge o patamar desejado pelo Senhor. Reconhece que Deus é soberano, mas, neste reconhecimento, admite que Deus tenha Seus planos e que deles não deve prestar contas a pessoa alguma. Deus tem os Seus planos, que se realizam sem que pessoa alguma possa impedi-los. Deus tem os Seus planos e os homens não devem contender quando Ele os pratica, mas tão somente a eles se submeter e confiar que o melhor está acontecendo para o que é alvo do plano divino. "Bem sei eu que tudo podes e que nenhum dos Teus pensamentos pode ser impedido." (**Jó42:1**).

Com esta confissão, Jó humilhava-se diante de Deus no patamar desejado, abandonava completamente a "pontinha de auto-suficiência" que poderia ameaçar a sua vida espiritual e cumpria o propósito divino para sua vida. Jó reconhece que Deus está acima dos nossos pensamentos ou dos nossos projetos e que não podemos querer indagar-Lhe ou pedir que preste conte a nós.

O patriarca é claro ao afirmar que os desígnios divinos não são nossos e não podem ser alvo de nosso interesse. Diante de Deus, somos ignorantes, ou seja, pessoas que não têm o conhecimento de Deus, nem o podem ter. Por isso, Jó afirma que, ao exigir que Deus viesse ao Seu encontro para explicar a situação, para lhe fazer entender o seu sofrimento apesar de sua retidão, "falava do que não entendia" (**Jó 42:2**).

O verdadeiro servo de Deus age como Jó, ou seja, reconhece que tratar dos desígnios divinos, tratar dos projetos de Deus, tentar perscrutar as razões de Deus estar agindo ou ter agido desta ou daquela maneira é falar do que se pode entender, é, em última instância, ocupar indevidamente a posição que só cabe ao senhor.

Como seria interessante que muitos de nós agíssemos com esta mesma consciência que Jó adquiriu e, de preferência, antes que passássemos por um estágio dolorido como o sofrido pelo patriarca. Bem ao contrário do patriarca, há, hodiernamente, muitas pessoas que se colocam no lugar de Deus e passam a julgar os outros, a ditar ordens ao Senhor ou até a estabelecer projetos para as suas vidas e para as vidas dos semelhantes, sem sequer perguntar se esta é a vontade de Deus para nossas vidas.

Que possamos nos pôr no lugar de servos e que reconheçamos, sempre, que não podemos, de forma alguma, falar do que jamais poderemos entender. Os planos de Deus não podem ser impedidos, mas jamais podem ser entendidos na Sua plenitude. Esta é uma verdade que devemos sempre ter em mente na nossa vida espiritual. Tudo o que Deus permite que saibamos dos Seus planos e projetos em nossa vida não é fruto de qualquer direito que tenhamos, mas é fruto da Sua imensa misericórdia que o Senhor tem para conosco.

É fruto de revelações que o Senhor, por Sua infinita graça, permite que sejam feitas aos Seus servos. São segredos (Cf.**Am.3:7**) ou mistérios (Cf.**Mt.13:11**), ou seja, são coisas que, por sua natureza, não são para ser reveladas, mas que se encontram à disposição dos servos do Senhor em virtude da bondade do Senhor que nos fez mais do Seus servos, Seus amigos, gerando, assim, um ambiente de intimidade que faz com que tenhamos acesso a estas notícias (**Jo.15:15**).

Mas esta intimidade não chega ao ponto de subversão da relação Deus-homem e, por isso, não exclui, em hipótese alguma, o senhorio de Cristo sobre nossas vidas. Eis o grande erro das falsas doutrinas da confissão positiva e da teologia da prosperidade, que pensam que intimidade com Deus signifique submissão de Deus aos nossos caprichos ou conceitos. Jó deixa bem claro que o homem, mesmo o homem salvo e que tem intimidade com Deus, jamais pode deixar de ser homem, mantendo uma posição de submissão, de aprendizado e de humildade diante do Senhor (**Jó 42:4-6**).é ao homem quando este se dispõe a aprender do Senhor e não a Lhe dar ordens ou determinações.

Jesus mandou-nos que aprendêssemos dele, que é manso e humilde de coração (**Mt.11:29**). Será que temos querido aprender do Senhor ou estamos nos achando tão autossuficientes e tão sabidos que não mais precisamos freqüentar as aulas do Mestre? Trata-se, sem dúvida, de uma postura que, lamentavelmente, estamos vendo rarear no meio daqueles que se dizem servos do Senhor.

É tempo de irmos aprender aos pés de Jesus, como fazia Maria de Betânia, pois esta é a melhor parte, que jamais nos será tirada, em vez de estarmos nos afadigando, dia após dia, com as coisas desta vida (**Lc.10:38-42**). Que, assim como Jó e o salmista, possamos tornar realidade estas palavras: "Ensina-me, Senhor, o Teu caminho" (**Sl.27:11a**).Jó apresenta, por fim, uma constatação das mais maravilhosas.

Ainda chaguento e pobre, o patriarca, após pedir ao Senhor que o ensinasse, dá testemunho de que toda aquela prova servira para que ele tivesse um maior entendimento de Deus. Sim, apesar de todo o sofrimento e de toda a prova, o patriarca podia dizer que, antes, apenas ouvia o Senhor, mas que agora O havia visto (**Jó 42:5**).

O patriarca, com esta expressão, denota que, até então, toda a sua vida de comunhão com Deus havia sido superficial, um "ouvir dizer", mas que, agora, com a experiência da prova, este conhecimento havia se ampliado muitíssimo, a ponto de não se ter apenas um "ouvir dizer", mas uma "visão". Havia ocorrido um aprofundamento no relacionamento entre Jó e Deus, algo que, antes, o patriarca talvez entendesse não ser mais possível, já que começava a se achar o máximo. Todavia, em nosso relacionamento com Deus,

jamais devemos nos esquecer de que Suas riquezas são inescrutáveis, de uma profundidade que jamais poderemos alcançar (Cf.**Rm.11:33-35**).

OBS: "É o ponto culminante e a chave de todo o livro". Em 40,1-5, Jó tinha decidido silenciar diante da grandeza e ciência de Deus. Agora faz a confissão de fé, que nasce de sua própria experiência. Ultrapassando toda uma teologia que o impedia de chegar ao Deus verdadeiro ('eu te conhecia só de ouvir'), ele pode finalmente descobrir que esse Deus vivo está presente e em comunhão com ele, dentro da situação que ele está vivendo ('agora os meus olhos te vêem').

Dessa forma, o autor deixa bem claro que toda teologia ou concepção de Deus é sempre relativa ou limitada, podendo até mesmo impedir a experiência do Deus vivo. Jó estava com muitas perguntas, e Deus não respondeu a nenhuma delas. Ao contrário, trouxe-lhe outras. Mas este final mostra que Deus sabe ler o mais íntimo desejo do homem e responder a esse desejo, tornando-se solidário e entrando em comunhão com ele.…"**(BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral, com. Jó 42:1,6, p.669)**

É interessante notarmos que este comportamento do patriarca deve, como diz o vulgo, "deixar muitos crentes com a barba de molho". Se Jó era quem era, o homem mais excelente sobre a Terra no seu tempo, reto, sincero, temente a Deus e que não se desviava do mal, sendo alvo de testemunho do próprio Deus e, mesmo assim, admite ter um conhecimento superficial, de "ouvir dizer" a respeito de Deus, que poderemos falar em relação a nós e a nossa vida com o Senhor ?

Será que poderemos dizer que conhecemos a Deus mais do que o patriarca Jó conhecia? Será que podemos dizer que nossa intimidade com Deus era maior do que a que o patriarca Jó tinha antes da provação? Não podemos responder pelos irmãos, mas nós, certamente, estamos num nível de espiritualidade bem inferior ao do patriarca antes de sua provação.

Ora, se, mesmo estando aquém de Jó, nós o vemos dizer que antes só conhecia a Deus de "ouvir dizer", como, então, quereremos nos considerar "santos", "experientes", "crentes maduros", como muitos de nós procedemos em nossas igrejas locais ou em comparações com alguns irmãos na fé?

Será que não devemos aprender a lição do patriarca e considerarmos que temos muito ainda a aprender e que nossa intimidade com Deus ainda é

muito pequena? Se assim nos conscientizarmos, certamente teremos um grande progresso espiritual e seremos muito mais úteis à obra do Senhor e ao aperfeiçoamento dos santos do que temos sido na atualidade, até porque, por causa de nossas presunções de santidade, temos, muitas vezes, sido verdadeiras pedras de tropeço na caminhada de muitos.

Um dos mais sublimes propósitos da prova na vida do crente é, precisamente, o de aumentar a nossa intimidade com o Senhor, de fazermos com que o conheçamos melhor. Como já dissemos em outros estudos, a idéia de "conhecimento" na Bíblia envolve um significado diverso do que estamos acostumados.

Não se trata do conhecimento intelectual, que é o conceito grego que nos veio pela tradição cultural, mas o significado de "intimidade", de "compartilhamento", de "ausência de obstáculos" entre as pessoas, tanto que o ato sexual é traduzido, nas escrituras, pelo verbo "conhecer" (Cf.**Mt.1:25**).

Por isso, quando Jó anuncia que passou a conhecer Deus melhor, está informando que a prova foi útil para que ele tivesse uma maior intimidade, uma maior dependência da parte de Deus. É por isso que dissemos, na lição 2, que a felicidade de Jó era incompleta: porque havia setores de sua vida em que Jó não deixava Deus operar livremente, havia partes em sua vida onde não havia "conhecimento" de Deus. Foi exatamente isto que a prova veio solucionar. As provações divinas têm o condão de nos permitir sermos mais dependentes e mais íntimos do Senhor e, por isso, sempre contribuem para o bem daqueles que amam a Deus e que são chamados pelo Seu decreto.

Jó não havia pecado. Então por que se arrependeu, como diz em **Jó 42:6** ? Teriam razão, então, os seus amigos, que haviam insistido tanto para que o patriarca se arrependesse? Jó não havia cometido os pecados apontados pelos seus amigos. Não tinha que se arrepender de mau algum cometido perante a sociedade, perante a família ou perante o próprio Deus. Entretanto, ao querer que Deus lhe explicasse as razões de seu sofrimento, ao exigir satisfações do Senhor, Jó não agiu bem e cometeu um ato inconveniente, um ato de verdadeiro desvario espiritual.

Por isso, o patriarca reconheceu que procedeu como um doido, pois, como bem disse, falava do que entendia e desta sua atitude ele tinha de se arrepender. Jó não era perfeito e, por isso, poderia falhar, como, efetivamente,

falhou. Mas sua falha não tinha sido apontada pelos seus amigos, mas, sim, pelo próprio Deus. Em suas perguntas, que não foram respondidas, Deus obteve a resposta que ele esperava: o arrependimento de Jó pela sua indevida ousadia de querer ter de Deus satisfações.

É por isso que temos esperança que os adeptos da teologia da prosperidade e da confissão positiva venham a ser perdoados pelo Senhor, se lhes pregarmos o evangelho genuíno, pois servimos a um Deus que não é o empregado desta gente, mas que, também, ama este povo e quer levá-los para o céu.

OBS: "Jó, diante da revelação de Deus, humilhou-se arrependido. A palavra 'arrependo', aqui, indica que Jó se considerou, bem como a sua retidão moral, como simples 'pó e cinza', diante de um Deus santo (cf.**Is.6**). Jó não negou o que afirmara da sua vida de retidão e integridade moral, mas realmente reconheceu que é inadmissível o homem, finito que é, reclamar e queixar-se de Deus, e arrependeu-se disso (cf. Gn.18.27)." **(BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 42.6**, **p.811).**

Jó renunciou ao seu ego, abandonou toda a sua conduta que fazia com que imaginasse que valesse alguma coisa por si própria e que o mundo estava girando em torno de si. Esta renúncia foi cabal, como vemos da expressão que utilizou, a saber, "por isso me abomino" (**Jó 42:6**). É indispensável para que sirvamos a Deus que abandonemos o "eu", o nosso maior obstáculo para que tenhamos a vida eterna. Jesus disse-nos que para servi-lO devemos, antes de tudo, negarmo-nos a nós mesmos (**Mc.8:34**).

Se não negamos a nós mesmos, negamos a Jesus, como nos mostra claramente Pedro e como nos adverte o próprio Senhor (**Mt.10:33**). Que diferença de Jó para os adeptos da teologia da prosperidade e da confissão positiva, que só pensam em si mesmos e na satisfação de seus desejos e vontades!

OBS: "… Jó tinha sido um egocêntrico em sua suposta sabedoria e espiritualidade superior. Ele foi um homem exemplar, conforme deixa claro o prólogo. Contudo, sua visão de Deus o tornou um homem muito mais teocêntrico do que ele era, e isso foi necessário ao seu crescimento. Embora Jó tivesse sido um homem exemplar, em comparação a Deus ele se 'dissolvia no nada'; então, ele desprezou a si mesmo, como uma criatura pecaminosa, e

arrependeu-se no pó e na cinza. Arrepender-se no pó e na cinza era uma 'cerimônia externa pelas pessoas chorosas e penitentes (ver **Jó 2:8** e **Jn.3:6**) como expressão da sinceridade e do arrependimento' (John Gill, in loc.) (…) 'Por isso me abomino'. As palavras hebraicas por trás dessa declaração são obscuras. Mas provavelmente estão relacionadas a uma raiz que significa 'dissolver-se no nada': eu me arrependo.

A palavra hebraica aqui usada não era comumente empregada para indicar o arrependimento de pecados, mas é um vocábulo que expressa o máximo de tristeza e auto depreciação. Tal experiência seguiu, em vez de preceder, a visão de Deus (Oxford Annotated Bible, comentando sobre o vs.6 deste capítulo)" **(R.N. CHAMPLIN, o Antigo Testamento Interpretado, com. a Jó 42.6**, **v.3, p.2038-9).**

II. INTERCESSÃO E RESTAURAÇÃO

O objetivo divino da prova tinha sido alcançado. Jó crescera espiritualmente e aceitara depender de Deus em todos os aspectos de sua vida, sem qualquer sentimento de auto-suficiência, sem qualquer obstáculo que impedisse a atuação do Senhor em qualquer aspecto da sua vida. Mas Deus tinha algo a realizar, também, na vida dos amigos de Jó, igualmente pessoas que tinham um conhecimento insuficiente a respeito de Deus. Vemos aqui que o propósito de Deus é dirigido a todas as pessoas, sem qualquer distinção.

Embora a prova fosse de Jó, Deus não distinguiu entre eles e seus amigos, estando interessado em que os amigos de Jó também fossem alcançados pela bênção de Deus. Deus dirige-se a Elifaz e determina a ele e a seus amigos que se arrependessem que mudassem seus conceitos a respeito do Senhor e que fossem até Jó para que este oferecesse um sacrifício em seu favor (**Jó 42:8**).

Era a revelação do testemunho divino a respeito de Jó, testemunho que, de uma vez por todas, encerrava todas as razões e argumentações humanas que haviam sido proferidos por Elifaz, Bildade e Zofar (**Jó 42:7**). O testemunho que Deus dá de Seus servos faz com que todos os argumentos, todas as razões e todas as obras humanas cessem.

Por isso, tenhamos confiança no Senhor e não nos deixemos intimidar pelo que os homens podem estar fazendo a nosso respeito, pois Deus é soberano e, no momento certo, fará prevalecer a Sua vontade, a despeito de todo e qualquer ordem que tenha provido do homem ou de suas instituições.

É o que vemos, repetidamente, na história bíblica. Porventura, onde estavam os decretos dos reis persas, que não se podiam revogar, em episódios como os de Daniel na cova dos leões ou da ordem de destruição dos judeus, fomentada por Hamã? Onde estavam as ordens do Sinédrio aos apóstolos para que não se pregasse mais o evangelho em Jerusalém? Devemos sempre ter consciência de que estamos no centro da vontade de Deus e, se o estivermos não há o que nos possa impedir decumpri-la.

OBS: E Eliú? O que disse a respeito de Deus era correto ou não? Como vimos, o discurso de Eliú avançou em relação aos dos três outros amigos de Jó, mas não era integralmente correto. Entretanto, como bem ensina a Bíblia de Estudo Plenitude, "…Deus nada diz referente a Eliú. Deus não confirma, não reconhece, não repreende, nem responde a Eliú. Esse dado sublinha o tema do Livro de Jó: Deus é soberano e Seus caminhos são inescrutáveis." (com. a **Jó 42.7-9**, p.532-3).

A determinação divina para que os amigos de Jó efetuassem um sacrifício para remissão dos pecados cometidos em seus debates com o patriarca traz-nos importantíssimas lições. Em primeiro lugar, mostra-nos que não só nossas ações, mas também nossas palavras são levadas em conta diante de Deus. Quantos de nós somos descuidados com o que falam e quantos acabam falando algo de suas cabeças como se fossem palavras vindas da parte do Senhor!

Tais palavras estão todas colocadas diante de Deus e o Senhor requererá de seus pronunciadores uma atitude de arrependimento sem o que poderão até perder a salvação. Que responsabilidade que muitos não têm consciência, mas que o presente texto bíblico revela-nos de forma insofismável, de modo claro e evidente.

Os amigos de Jó, por terem falado o que não convinha, eram culpados, havia pecado e precisavam de imediata expiação. Como, então, os faladores da atualidade podem achar que suas palavras não são levadas em conta pelo Reto e Supremo Juiz?

Tenhamos muito cuidado com o que falamos, pois tudo está sendo anotado perante o Senhor (Cf.**Mt.12:36**).

OBS: "O Senhor reprovou os três amigos de Jó pela sua falsa teologia da prosperidade e do sofrimento, evidente nas suas acusações contra Jó. Os três principais erros deles foram: (1) Ensinavam um princípio retributivo da prosperidade e do sofrimento - que os justos sempre são abençoados e que os ímpios são castigados(…).

(2) Insistiam que Jó confessasse um pecado que ele não cometera, para livrar-se do sofrimento e receber a bênção divina. Pelo teor do seu conselho, eles tentaram Jó a voltar-se para Deus, visando ao seu proveito pessoal. Se Jó tomasse o conselho deles, teria (a) invalidado a confiança de Deus nele, e (b) confirmado a acusação de Satanás, de que Jó temia a Deus apenas em troca de bênçãos e vantagens.

(3) “Falaram com arrogância, alegando terem aprovação divina para sua doutrina e teologia falsas." **(BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 42.7, p.811).**

Em segundo lugar, a determinação divina deixa-nos bem claro que o que não é verdade, é mentira. Parece que esta declaração é óbvia e, como tal, nem precisaria ser dita. Entretanto, nos dias em que vivemos, em que vigora no mundo um "relativismo ético", em que, cada vez mais, as pessoas estão perdendo a noção de verdades absolutas, em que "tudo é relativo", é preciso lembrar que o falar do crente deve ser sim, sim, não, não e o que sai disto é de procedência maligna (**Mt.5:37**).

Por não terem falado o que era correto sobre Deus, os amigos de Jó foram considerados mentirosos e, portanto, pecadores. Pouco importa se, como vimos durante o trimestre, algumas idéias e afirmações dos amigos de Jó tenham sua razão e sejam verdadeiras. Por estarem misturadas estas assertivas com conceitos errôneos e discrepantes da verdade, foram todos tidos por mentirosos, pois, como ensina a Palavra de Deus, um pouco de fermento leveda toda a massa (**I Co.5:6**).

Não podemos viver de meias-verdades ou com "pequenas distorções", pois, para Deus, isto não difere, em absoluto, da mentira, como vemos nesta determinação aos amigos de Jó. Em terceiro lugar, a determinação divina mostra-nos que o pecado somente pode ser expiado através de um sacrifício.

Não pode o homem tentar obter a salvação pelos seus próprios méritos, como deram a entender os amigos de Jó, deístas que eram, mas se fazia necessário um sacrifício e o sacrifício determinado era uma figura do sacrifício vicário de Cristo que, este sim, purificaria a humanidade de todo o pecado. Somente um sacrifício sangrento poderia cobrir o pecado dos amigos de Jó. Somente o sangue de Jesus pode restabelecer a nossa comunhão com o Senhor (**Ef.2:13**).

Em quarto lugar, a determinação divina mostra a falsidade das afirmativas dos amigos de Jó contra o patriarca no tocante a seu cuidado com relação aos filhos. Acusado de ser um mau pai, Jó, agora, é indicado por Deus como sendo a pessoa adequada para interceder pelos amigos de Jó, a exemplo do que fazia com seus falecidos filhos. A ordem de Deus mostra aos amigos de Jó que o Senhor se agradava da intercessão que era feita por Jó e que esta prática era, sim, fruto de uma íntima comunhão entre Deus e Jó. Ao mesmo tempo, Deus dava um testemunho da retidão de Jó antes da prova, afastando qualquer idéia de que o patriarca tivesse cometido algum pecado.

Em quinto lugar, a determinação divina mostra a Jó que ele deveria preocupar- se menos consigo mesmo e mais com o semelhante. Apesar de ter sido sempre um homem de integridade social, que tinha uma participação ativa na vida da comunidade, sendo solidário e filantropo, Jó deveria preocupar-se com os semelhantes também sob o ponto-de-vista espiritual.

Ele se limitava a interceder pelos seus filhos, não tinha uma dimensão espiritual no tratamento para com os demais membros da sociedade onde vivia e Deus mostra ao patriarca que ele deveria ser um intercessor de todos os homens, não apenas de sua família. Ademais, Deus também mostra a Jó que ele deveria se preocupar menos com o seu sofrimento e mais com a situação espiritual dos que o cercavam.

A certeza da salvação para Jó não deveria ser um pretexto para que ele pudesse querer que Deus lhe dessa satisfação do que estava ocorrendo, mas, antes, um incentivo para que anunciasse este Deus e os benefícios de estar inocente perante Ele aos demais. É exatamente esta a visão que Deus requer de Sua igreja na atual dispensarão e, lamentavelmente, por causa de ensinamentos como os da confissão positiva e da teologia da prosperidade, tem se perdido em flagrante prejuízo à evangelização do mundo.

Devemos ter a visão do Senhor, que não ensinava Seus discípulos a buscar riquezas ou bem-estar, mas a perceber os campos brancos e prontos para aceifa (**Jo.4:31-35**).

OBS: "…Muitos evangelistas modernos têm se afastado dos princípios fundamentais que é mostrar a salvação da alma, a necessidade do novo nascimento, a purificação dos pecados pelo sangue de Cristo, a busca constante das coisas celestiais (as que são de cima), o levar cada dia a cruz e seguir Jesus, entrar pelo caminho estreito que conduz à salvação, o negar-se a si mesmo, o caminho da oração e jejum para alcançar melhor nível de espiritualidade, o conhecimento da Palavra de Deus que torna o homem sábio para salvação, a necessidade de um verdadeiro arrependimento, com o abandono de práticas pecaminosas etc.

Preferem os modernistas mostrar aos pecadores o caminho da prosperidade terrena, o caminho largo do prazer de poder participar de uma comunidade divertida, o meio mais fácil de alcançarem felicidade conjugal e familiar, meios de conseguirem os bens terrenos, uma vida sem sacrifício da cruz etc. Com isso, a Igreja em certos lugares tem se enriquecido, tornando-se verdadeiras empresas investidoras de recursos financeiros e possuidoras de muitos bens patrimoniais, motivando o fluxo de muitas pessoas que não se convertem e tornam-se verdadeiras sociedades inchadas, sem vida espiritual.

Igrejas cheias, sem doutrina, apelando para o Evangelho fácil. Tudo parece indicar que estão preferindo ser a 'Igreja de Laodicéia', que bate no peito e pode dizer: 'estou enriquecida, de nada tenho falta'..."(**Apocalipse 3.17)…."(Osmar José da SILVA, Reflexões filosóficas de eternidade a eternidade, v.6, p.117-8**).

Os amigos de Jó obedeceram à voz do Senhor, obtiveram os animais e os levaram a Jó para que este efetuasse o sacrifício. Jó, também, mostrando não ter guardado mágoa alguma de seus amigos, aceitou a incumbência, devendo ficar claro que Deus falou com Elifaz e não com Jó, o que prova que Jó tinha discernimento espiritual para saber que as palavras de Elifaz eram verdadeiras, bem como teve a compreensão do que Deus estava a exigir dele. Num ambiente de arrependimento, de reconciliação e de obediência a conseqüência não poderia ser outra senão a da bênção do Senhor.

Os amigos de Jó receberam o perdão (**Jó 42:9**) e Jó, enquanto orava pelos seus amigos, teve mudado o seu cativeiro (**Jó 42:10**)Sempre foi um texto que nos impressionou este que afirma que Jó teve mudado o seu cativeiro enquanto orava pelos seus amigos. Enquanto se queixou, enquanto bradou inocência, enquanto discutiu com seus amigos, enquanto ouviu as perguntas de Deus, enquanto reconheceu sua condição vil diante de Deus, Jó continuou chaguento e desprezado.

Mas, no momento em que orou pelos seus amigos, no instante mesmo em que deixou de se ver a si próprio e passou a amar o próximo, teve mudado o seu cativeiro e, cremos nós (é pensamento nosso), durante aquela oração, suas chagas desapareceram milagrosamente, tendo restituída a sua saúde, numa demonstração inequívoca da aceitação divina e numa prova indelével de que a provação havia cessado.

Isto nos leva à própria suma que Jesus fez da lei, quando afirmou que ela se resumia a dois mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo. Jó, ao orar pelos seus amigos, demonstrou amor integral e completo ao semelhante, não apenas um amor solidário ou filantrópico, mas um amor espiritual, uma compaixão pela alma de seus amigos.

Às vezes, o que está nos impedindo de termos o fim de tantas lutas e tantos sofrimentos é a perspectiva, a visão de compaixão pelas almas dos que nos cercam, é a ausência da plenitude do amor de Cristo em nossas vidas. Se queremos atingir a estatura de Cristo, que é o alvo do aperfeiçoamento dos santos, devemos, antes de tudo, termos este amor que Jó parecia não ter mas que a prova lhe trouxe.

Pensemos menos em nós mesmos, menos em nosso cotidiano e enxerguemos as multidões que têm sido ceifadas e enganadas pelo inimigo de nossas almas e, com certeza, haveremos de fazer cessar muitos cativeiros que aqui estão como estavam sobre Jó, para que tivéssemos esta visão do outro, para que sejamos mais úteis na obra do Senhor.

III. A RESTAURAÇÃO DE JÓ

Observe que a restauração de Jó iniciou-se no interior da alma do patriarca, quando ele reconhece que nada é diante do Senhor (**Jó 42:6**); depois, parte para uma demonstração exterior, mas ainda espiritual, através da ministração do sacrifício em favor de seus amigos, que testificam uma experiência com Deus (**Jó 42:9**); a seguir, Jó, nos cremos, enquanto orava pelos seus amigos, foi instantaneamente curada de sua chaga, uma evidência exterior de que cessara seu sofrimento (**Jó 42:10**); em seguida, Jó é visitado pelos seus familiares, o que significa a reabilitação social do patriarca, com a criação de um fundo patrimonial, base para o início da nova opulência de Jó(**Jó 42:11**) e, ao longo dos anos, Deus reconstrói a família de Jó, que, com sua mulher que nunca lhe abandonou, tem outros dez filhos. Do interior para o exterior: assim atua o Senhor na vida dos homens.

A primeira restauração de Jó é espiritual. Não se trata, propriamente, de uma restauração, mas de um desenvolvimento espiritual. Ao reconhecer que Deus é soberano e que não lhe devia satisfação, Jó cresce espiritualmente e atinge o propósito divino para a prova. Era isto que Deus queria de Jó, uma submissão total e completa à Sua vontade. Este é o ponto primordial, é o objetivo de Deus para a vida de cada ser humano. Por isso, não podemos aceitar os ensinamentos da confissão positiva e da teologia da prosperidade, que invertem o que Deus estabeleceu o que é inadmissível, pois. Deus manda-nos a buscar primeiro o reino de Deus e a sua justiça (**Mt.5:33**), a buscar as coisas de cima (**Cl.3:1**), nunca devendo nos desviar deste alvo que nos foi colocado quando de nossa chamada pelo Senhor (**Fp.4:14**).

A segunda restauração de Jó é física, ou seja, a de sua saúde. A integridade física e a saúde do homem é algo com que Deus muito Se preocupa. Com efeito, nosso corpo é templo do Espírito Santo e a saúde é algo bem caro aos homens, tanto que Deus manifesta Seu poder aos homens, comumente, através de curas, pois se trata de assunto que sempre desperta a atenção do ser humano. Jó foi curado de sua chaga e cremos que isto se tenha dado no instante em que orava pelos seus amigos, embora alguns estudiosos entendam que isto se tenha dado antes, no momento mesmo em que Jó se arrependeu e se humilhou (**Jó 42:6**).

Esta ordem de prioridades na restauração do patriarca é uma importante lição para nós: devemos cuidar de nossa saúde, o bem terreno mais precioso que temos da parte do Senhor, depois da vida. A terceira restauração de Jó é social. O homem não pode viver só (**Gn.2:18**). Curado de sua doença, não havia mais obstáculos para o pleno restabelecimento da vida conjugal com sua mulher, mulher que, embora tenha sido infeliz em uma de suas expressões, não abandonou o marido, conforme podemos deduzir de todo o texto bíblico, já que Jó considerava um erro a poligamia (**Jó 31:1**) ou a mudança de cônjuge (**Jó31:10,11**).

Em seguida, restabelecida a família, Jó é reinserido na sociedade, pois é visitado pelos seus parentes, que lhe dão, inclusive, presentes ha e, até hoje, tem o significado de uma deferência social, de um reconhecimento perante a sociedade. Esta restauração mostra, claramente, que o crente, embora não compartilhe dos valores mundanos, não pode querer viver isolado do mundo. Jesus, expressamente, disse que não pediria para que os Seus servos fossem tirados do mundo, mas tão somente libertos do mal (**Jo. 17:15**).

Esta é a prova evidente de que devemos estar no mundo, participar de seu cotidiano e, com nossas boas obras, trazer muitos para a salvação em Jesus Cristo. A quarta restauração de Jó é psicológica. Ao comparecerem para a festa, os parentes de Jó vieram hipotecar solidariedade ao patriarca. Vieram fazer o que os amigos de Jó tinham apenas intentado, mas fracassaram, ou seja, consolá-lo e condoer-se com ele (**Jó 42:11**).

Poderá muitos objetar que, agora que Jó estava são, não haveria do que se condoer ou do que consolá-lo, que estes parentes estavam atrasados e que, no momento da necessidade, Jó não tinha tido o auxílio deles. Entretanto, Jó, se estava espiritualmente fortalecido, sadio e com sua mulher novamente ao seu lado, sentia a falta de seus filhos, a quem amava e que haviam partido para sempre, como também ainda desfrutava de uma situação financeira precária.

As experiências dolorosas sofridas deixam rastros, traumas, conseqüências que não se dissipam facilmente. O patriarca precisava, sim, de consolação, da solidariedade e do afeto daqueles que lhe eram próximos e Deus, sabedor disto, criou as circunstâncias para que ele pudesse ser restaurado também sob este ponto-de-vista. A quinta restauração de Jó é

financeira.

Bem observemos que o que os teólogos da prosperidade colocam em primeiro lugar na ordem de suas preocupações foi algo trazido de volta por Deus a Jó em outra ordem de prioridade e, o que é mais importante, de forma paulatina e com a colaboração inestimável do patriarca. Na mencionada festa, os parentes de Jó trouxeram presentes ao patriarca, que serviu de fundo inicial para a reconstrução da riqueza.

O texto bíblico diz-nos que o patriarca recebeu uma peça de dinheiro e um pendente de ouro (**Jó 42:11**) e que, por bênção de Deus, teve o dobro de tudo quanto dantes possuía(**Jó 42:12**). Como tornou uma peça de dinheiro e um pendente de ouro recebido de cada parente que o visitou em catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas? A resposta é uma só: com trabalho. Jó soube aproveitar a bênção que se lhe deu e fizer com que aquele fundo patrimonial lhe rendesse.

A prosperidade material, quando desejada por Deus a um servo Seu, não vem senão dentro dos princípios éticos estabelecidos pelo Criador a este mundo, ou seja, mediante o trabalho, algo bem diverso da mágica preconizada pelos teólogos da prosperidade.

A sexta restauração de Jó é familiar. Jó não só manteve seu casamento como também teve outros dez filhos, sete filhos e três filhas, ou seja, uma prole semelhante àquela que havia perdido. Com esta restauração, que, muito provavelmente envolveu até um milagre para que a mulher de Jó pudesse voltar a ter filhos, o Senhor quis mostrar, para todos os Seus servos de todos os tempos, que o adversário não tem poder para destruir a família enquanto instituição divina.

A restauração foi completa e isto serve de alento, em momento tão difícil pelo qual passa a instituição da família, para que nós, pais, esforcemo-nos para zelar pela integridade espiritual da família para não permitirmos o mal que sobreveio para a família de Jó. Deus, ademais, ainda deu filhas para Jó que se destacavam pela sua beleza e, entendemos que não somente beleza física, mas as filhas do patriarca tiveram tanto destaque que Jó, contrariando os costumes de seu tempo, acabou repartindo a herança também entre as filhas, numa evidência maior de que Jó estava, agora, totalmente submisso à vontade de Deus, agindo de acordo com outro princípio divino, que é o da igualdade

entre homem e mulher (**Gn.1:27,2:23**), princípio que foi deturpado com o pecado (**Gn.3:16**). A sétima restauração de Jó é etária.

Jó não somente foi restaurado em sua saúde, como ganhou um novo vigor, a ponto de ter vivido muito, mais cento e quarenta anos depois do final de sua prova, tendo, inclusive, visto até a quarta geração, uma longevidade que é o dobro do normalmente existente naquela época (Cf.**Sl.90:10**) e maior até do que a dos homens da fase final do período antes diluviano (**Gn.6:3**).

Tudo indica que Jó, após a prova, adquiriu como que uma nova vida celular, uma nova configuração que lhe permitiu toda esta longevidade. No entanto, o que é importante observar é que Jó não teve uma vida longa, mas uma vida de qualidade. A Bíblia fala-nos que Jó morreu, velho e farto de dias (**Jó 42:17**), ou seja, uma vida abundante, uma vida de qualidade, uma vida que valeu a pena ser vivida.

Conclusão

Muitos pensam, atualmente, em uma vida de muita prosperidade quantitativa, mas não se preocupam em ter uma vida de qualidade. Deus, pelo contrário, quer nos dar uma vida feliz, uma vida que vale a pena ser vivida. É corriqueiro no meio do povo de Deus vermos, nos esquifes, semblantes de servos fiéis que, apesar até da pobreza material, demonstram paz, satisfação, ou seja, revelam terem vivido uma vida de qualidade, uma vida de comunhão com Deus. É esta e a restauração que Deus reserva a cada um dos Seus servos

QUESTIONARIO

1) o que acontece com Jó após uma segunda serie de perguntas?

R: atinge o, mas, neste reconhecimento, admite que Deus tem Seus planos e que deles não deve prestar contas a pessoa alguma..

2) Ao invés de obter de Deus alguma satisfação, como pedira antes, em meio aos seus discursos, o que Jó pede para Deus agora?

R: Jó pede ao Senhor que Este lhe dê ouvidos e que, depois, possa ensiná-lo.

3) Qual foi o resultado divino da prova de Jó?

R: Jó crescera espiritualmente e aceitara depender de Deus em todos os aspectos de sua vida.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL nota a Jó1. 1, p.769)RN
CHAMPLIN. O Antigo (Testamento Interpretado, v.3, p.1864). Nathan
AUSUBEL. Ietzer Tov e Ietzer Ha-Ra. In: A (JUDAICA, v.5, p.364) RN
CHAMPLIN. Enciclopédia de Bíblia, (Teologia e Filosofia, v.6, p.319-20)
RN CHAMPLIN. Enciclopédia de Bíblia, (Teologia e Filosofia, v.6, p.102).
LOPES, N. Qual o problema de gostar um pouco de pornografia? http://www.uol.com.br/bibliaworld/igreja/estudos/nicod003.htm
http://www2.opopular.com.br/anteriores/14jan2003/opiniao/artigo2. htm
Maria C.L.BINGEMER. Poder como serviço.
Matthew HENRY. Comentário Bíblico Conciso- Jó 3 www.goodrules.net/samericano.htm
BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 3.13, p.775
Matthew HENRY. Comentário Bíblico Conciso - Jó 3
BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 3.13**,** p.775)
RN CHAMPLIN. O Antigo Testamento (Interpretado, v.3, p.1879).
Antonio GRAMSCI. Contra o pessimismo. L'ordine nuovo, 15 março 1924**.** www.antoniogramsci.com/pessimismo.htm**.**tradução e destaques nossos
Scofield Reference Bible, Jó 4 apud R.N. CHAMPLIN. O Antigo Testamento (Interpretado, v.3, p.1880).
Irving M. BUNIM. A ética do Sinai, p.265.
BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 4.13, p.776-7.
BÍBLIA VIDA NOVA, com. a Jó 23:10, p.548
BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 27.4, p.796
http://www.geocities.com/athens/agora/8337/prosperidade.htm
Elinaldo R. de LIMA. A Teologia da prosperidade à luz da Bíblia. http://www.assembleiadeDeus-rn.org.br/familia/port/estudos02.htm Jaime WRIGHT. Contra a teologia da prosperidade. http://www.ejesus.com.br/onASP/exibir.asp?arquivo=726
Adam CLARKE. Comentários. studylight.org/com/acc/view.cgi?book=job&chapter=008**)** Marcos INHAUSER. Prepotência político-religiosa.
http://www.cosmo.com.br/cpopular/colunistas/marcos/11.02.2003**.** Elinaldo R. de LIMA. A Teologia da prosperidade à luz da Bíblia. http://www.assembleiadedeusrn.org.br/familia/port/estudos02.htm**.**

R.N. CHAMPLIN. Deísmo. In: Enciclopédia de (Bíblia, Teologia e Filosofia, v.2, p.38).(R.N. CHAMPLIN. Deísmo. In: Enciclopédia de (Bíblia, Teologia e Filosofia, v.2, p.38).

CONFERÊNCIA de Lambeth 1998. Chamados para viver e anunciar o Evangelho. anglicancommunion.org/lambeth/2/report6.html) (tradução nossa).

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 14.14**,** p. 784).

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Os atributos de Deus, p.915. Irving M. BUNIM. A ética do Sinai, p.354.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 14.14, p.784

BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, com. a Jó 13:1-16, p.648. BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, com. Jó 32**,** p.662.

BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, com. Jó 32, p.662. BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 33.9, p.802. BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 34.37, p.803.

BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, com. Jó 37:14-24**,** p.666

BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE, com. Jó 34.1-37**,** 36.1-37.24**,** p.528,529

RN CHAMPLIN. Necessidade de sofrimento. In: Enciclopédia de (Bíblia, Teologia e Filosofia, v.6, p.259).

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral, com. Jó 42:1, 6, p.669 BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 42.6**,** p.811

RN CHAMPLIN, o Antigo Testamento Interpretado, com. a Jó 42.6**,** v.3, p.2038-9).

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, com. a Jó 42.7, p.811. **)**

Osmar José da SILVA, Reflexões filosóficas de eternidade a eternidade, v.6, p.117-8)

Osmar J. Da SILVA. (Liturgia, p.33-4). Osmar J. Da SILVA. Liturgia, p.283

RN CHAMPLIN. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v.2, p.133-4. Nathan AUSUBEL. Satã. In: A (JUDAICA v.6, p.757-8).

RN CHAMPLIN. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v.6, p.742**.** BÍBLIA DE ESTUDO (PENTECOSTAL com. a Jó 3:1, p.771-5).

BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE, com. Jó 3.2-26**,** p.512.

Laudicéia B. da SILVA. Ameaças do pós-modernismo. Ensinador Cristão, ano 4, nº 13- jan/mar. 2003, p.31).

Comentarista: Bispo: Josias brito dos Santos